



Um lar no seu Coração



Um romance da mesma
autora de *Depois de Tudo*

D. MURAD



PERIGOSAS NACIONAIS

Um lar
no seu
Coração
D. MURAD

PERIGOSAS ACHERON

D. Murad

Copyright © 2018 Dandara Murad

Livro: Um lar no seu coração

Primeira revisão: José Cajaíba

Revisão final: Dandara Murad

Diagramação: Dandara Murad

Arte da capa: Laura Machado

Esta é uma obra de ficção, e seu intuito é entreter pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

A obra segue as regras da Nova Ortografia da língua portuguesa de 2009.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer

parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Para todos os pais e mães.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Informações da autora](#)

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Aprendi muitas coisas durante os vinte e um anos que vivi com minha mãe.

Aos cinco anos, aprendi a não fazer perguntas sobre pessoas que nunca me visitavam. Avós, outros parentes, um pai... Eu não tinha ainda a compreensão de que alguns não viviam mais, enquanto outros apenas não se interessavam por mim. Um dia, quem sabe.

Aos dez, aprendi que não era de bom grado revirar gavetas à procura de fotografias antigas e fazer destas o foco e motivo de toda a minha existência. De nada importavam, dizia minha mãe. Eram estáticas, congeladas no tempo. Eu deveria conhecer a importância daquelas pessoas, saber de seus feitos e lembrar dos nomes, mas continuar caminhando adiante.

Aos quinze, aprendi que buscar reconhecimento por meio de pesquisas na Internet a respeito de pessoas que não tinham o mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

interesse por mim era infrutífero. Talvez tão infrutífero quanto tentar encontrar o que uma adolescente que sequer sabia sobre si própria poderia ter feito para inspirar tanta indiferença.

Aprendi que não era minha culpa nem minha responsabilidade.

Aprendi que o verdadeiro valor de uma dádiva só lhe é conferido na ocasião da perda. Aprendi que o tempo não volta, e também não para. E aprendi, acima de tudo, que o amor é infinito e que continua a ensinar, mesmo quando existe rancor e mágoa, tamanha a sua plenitude.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 01

Se eu fosse uma romancista, diria que essa história, a que vale a pena ser contada, começa numa segunda-feira. Mas a verdade mesmo é que eu não sou uma romancista, tampouco sei exatamente quem sou, principalmente enquanto caminho de volta para casa depois de ter sido demitida. Assim sendo, a história começa numa sexta.

Meu nome é Nina, um nome mais ou menos para uma garota que é mais ou menos mulher. Aos vinte e cinco anos, um ano depois de ter me formado na profissão que eu acreditava ser a certa, ainda não tinha encontrado meu caminho profissional.

Durante os últimos meses, trabalhei como assistente numa clínica veterinária, e lá fazia um pouco de tudo. Deve ser por isso que, no final das contas, se desfizeram de mim. Acho que não vale mesmo a pena manter uma funcionária que serve só

PERIGOSAS NACIONAIS

mais ou menos para o trabalho.

Até minha decepção comigo mesma pode ser descrita como mediana. Eu gostava de lá. Quer dizer, gostava de brincar com os animais o dia todo, mas não era para isso que me pagavam, afinal. Cortes de gastos, a crise, eles disseram. E lá se foi a garota mais ou menos.

Subo as escadas para a entrada do prédio onde moro sem nenhum ânimo. Meus pés parecem pesar toneladas, e quase tropeço algumas vezes. O porteiro, seu Joaquim, acena um cumprimento sorridente que eu me esforço a responder.

— Boa tarde, dona Nina! Como foi o trabalho? — ele pergunta, coçando de leve a lustrosa careca. Seu Joaquim é sempre simpático, e sua pele rosada lhe confere um ar quase de Papai Noel. Se ao menos tivesse barba, poderia facilmente fazer bico de bom velhinho em algum shopping nos fins de ano. Um dia ainda farei essa sugestão.

Eu olho para ele e não consigo deixar de sorrir também, mesmo que até o momento meu dia tenha sido mais ou menos.

PERIGOSAS ACHERON

— Foi tranquilo. E aqui?

Ele acena com uma das mãos e dá risada, como se dissesse que, por aqui, nada nunca muda. Bem sei que é verdade. Dia após dia, os carros passam pela rua, as pessoas entram e saem do prédio, o sol nasce e se põe diante de seu Joaquim, que assiste a tudo isso da guarita. Às vezes chove, é verdade, e então todo o espetáculo se repete, mas coberto por um mar de guarda-chuvas coloridos.

Termino de subir as escadas da entrada, atravesso o portão aberto por seu Joaquim e chego ao elevador. Todos os botões estão gastos, mas aperto o número três mesmo sem conseguir enxergá-lo direito. Já decorei o caminho de casa.

Meus pés continuam a se arrastar quando abro a porta do apartamento e o encontro vazio. Minha melhor amiga ainda deve estar trabalhando, diferente da desempregada aqui.

Os cômodos são exatamente os mesmos que deixei para trás pela manhã, porém, me parecem diferentes. A tigela suja em que comi meu cereal continua na pia, assim como a louça que usamos na noite anterior. Roupas se acumulam no varal,

provavelmente secas e quase esturricadas de tanto ficarem ao sol, e mesmo assim nem eu nem Bea nos lembramos de tirá-las de lá.

É óbvio que é o mesmo apartamento que eu ajudei a escolher e cujo aluguel me esforço a pagar todos os meses, mas me sinto uma estranha nele. Talvez seja a nova realidade de desempregada que se abateu sobre mim.

Por mais que eu nem gostasse do trabalho como deveria, perdê-lo tem o amargo sabor do fracasso. Mesmo que eu seja só uma garota mais ou menos, assustada demais para exercer em sua íntegra a profissão na qual me formei.

Meu corpo permanece paralisado com a bolsa ainda pendurada no ombro por um longo tempo, e é só depois disso que o som de uma chave a girar na fechadura me tira dos devaneios. Logo, os passos de Bea nos saltos altos ecoam pelo piso de madeira.

Ela acende a luz da sala. Seu grito agudo de acordar até os mortos irrompe pelo aposento.

— Que susto, Nina! Parada aí como se fosse uma assombração!

Com a mão colada ao peito, Bea realmente

parece que viu o pior dos pesadelos encarnado ali bem diante dos seus olhos. Tal pensamento faz com que eu sorria.

Ela cruza os braços e me observa por um instante, a respiração pouco a pouco voltando ao normal. Seus olhos me esquadrinham como sempre fazem quando ela quer encontrar respostas sem ter que fazer nenhuma pergunta.

— Eu me sinto um pouco zumbi hoje, na verdade — declaro, e deixo meu corpo cair de qualquer jeito no sofá. A bolsa que pendia de um dos ombros escorrega pelo meu braço. — Fui demitida.

Bea corre até o sofá e se senta ao meu lado.

— Não acredito! — exclama, e eu dou de ombros.

— Acho que preciso de uma mudança, encontrar um trabalho que me anime mais...

— Ah, Nina! Você precisa entender que a função do trabalho não é animar a gente — Bea responde cheia de sabedoria.

Normalmente, eu detestava quando ela entrava no modo “voz da experiência”,

principalmente porque, no fundo, eu sabia que ela tinha toda a razão. Também não acho que preciso de verdades jogadas na minha cara nesse momento. Já me sinto imatura o suficiente só pelo fato de ter perdido o emprego.

Eu suspiro.

— Eu sei, eu sei...

— Se você aceitasse minha sugestão de sair à noite nas sextas-feiras, talvez ficasse mais animada — ela me acerta com uma cotovelada leve no braço, e seu sorrisinho deixa claro aonde ela quer chegar com essa conversa.

— Não, não mesmo!

— Só hoje! Eu prometo que você vai se sentir melhor.

Faço um muxoxo. Talvez eu não tenha mesmo escapatória. E depois, eu nunca saio com Bea, nunca mesmo. Nem quando ainda não tinha conhecido Otávio, meu namorado há dois anos. Mais um item mais ou menos na minha longa lista de meias vivências.

Cruzo os braços na frente do peito.

— Se eu aceitar... — começo, e Bea logo

PERIGOSAS NACIONAIS

agita os braços, eufórica. — Não se anime muito! Se eu aceitar... Não prometo sair toda semana. Você sabe que eu prefiro sossego e Netflix.

Bea levanta do sofá num pulo e se põe a dançar pela sala como uma completa maluca de salto alto. Ainda me surpreende o fato dela conseguir usar aquelas coisas o dia inteiro no trabalho, e não jogá-las longe imediatamente quando chega em casa depois do serviço. E pior! Tenho certeza de que também não vai trocar de sapatos para sair. Se trocar, será para colocar saltos ainda mais absurdos.

Coisas que jamais vou entender.

— Não tenho a menor ideia de como você conseguiu arrumar um namorado sendo tão sedentária! — Bea comenta do corredor. Sem dúvidas ela já está montando o figurino da noite na cabeça enquanto avalia o guarda-roupa.

— Nem eu, Bea. Nem eu.

Continuo sentada na mesma posição enquanto minha amiga corre pelo apartamento como se estivesse numa maratona. Ouço-a tomar banho, entrar e sair do quarto uma dezena de vezes

PERIGOSAS ACHERON

e, por fim, decido que é hora de começar a pensar em alguma roupa para vestir também.

Primeiro, passo pela cozinha e apanho uma lata de refrigerante na geladeira. O estoque de porcarias sempre é abastecido por minha causa, já que Bea passa longe de qualquer coisa com teores elevados de açúcar, sódio, gordura ou gosto. Vou até meu quarto enquanto abro a latinha, e deixo que o líquido efervescente me console. Se tem uma coisa que nunca vai ser mais ou menos para mim é o açúcar.

Corro os olhos pelas roupas penduradas no meu guarda-roupa e nada me atrai. Como faço da Netflix meu programa favorito sempre que possível, não preciso vestir nada glamoroso. Minhas roupas são basicamente divididas entre pijamas e roupas para trabalhar, então não tenho muitas opções. E depois, nem sei para onde vamos. Como encontrar uma roupa adequada se nem conheço o destino ainda?

Percebo uma clara falha de raciocínio.

— Bea! Aonde nós vamos? — grito na direção da porta, e logo a cabeleira castanha e

molhada de minha amiga aparece.

— Para onde mais? Vamos àquela nova boate que abriu perto do escritório. Não achei grande coisa, mas como é novidade... — ela deu de ombros e voltou para o próprio quarto, sem esperar uma resposta minha.

Não é como se eu tivesse escolha, de qualquer forma. Mesmo quando Otávio me convencia a sair, o que era raro, íamos ao cinema ou a algum restaurante. Hoje especificamente eu não o veria; ele saiu mais cedo do trabalho para visitar os pais no litoral e passar o fim de semana por lá. Bea dizia que já havia passado da hora de eu conhecer a família do Otávio, mas eu não me importava e também não cobrava nada disso. Afinal, eu sequer tinha família para apresentar em troca.

Bea volta para o meu quarto um bom tempo depois, e me encontra na mesma posição, ainda encarando o guarda-roupas. Pela nuvem de perfume doce que viaja para dentro do aposento, sei que minha amiga já está pronta para sair sem nem mesmo precisar me virar para vê-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já para o chuveiro! — brada, me agarrando pelos ombros e empurrando na direção do banheiro. — Eu detesto chegar tarde e você sabe disso! Vamos! Eu encontro uma roupa enquanto você toma banho — diz, e em seguida fecha a porta do banheiro na minha cara.

Às vezes tenho certeza de que jamais chegaria a lugar algum se não fossem os empurrões da Bea na direção certa, ou qualquer direção que seja. Se a vida dependesse de mim para seguir em frente, estaríamos todos congelados no tempo como estátuas de lava depois de uma erupção vulcânica.

Saio do banho com uma toalha enrolada nos cabelos, já me arrependendo de tê-los lavado. Se existe uma coisa nesse mundo que eu detesto fazer é secar o cabelo com secador. Principalmente porque o ar quente consegue destruir completamente as ondas e cachos dos quais eu gosto tanto. Entretanto, a alternativa é sair com o cabelo molhado pingando nas costas, e não preciso de um resfriado para complementar a fossa do fim de semana.

Encontro uma camiseta regata coberta de

PERIGOSAS ACHERON

lantejoulas pretas e uma calça *legging* dobradas sobre a minha cama, e tenho bastante certeza de que nenhum dos dois itens saíram do meu armário. De qualquer forma, visto as sugestões de Bea e encaro meu reflexo no espelho de corpo inteiro atrás da porta com um sorriso de aprovação. Se ela tivesse cursado Moda em vez de Direito, também se sairia muito bem. Entretanto, ela gosta demais de brigar e ter razão acima das outras pessoas para desistir de sua atual carreira de sucesso.

— Agora sim! — Bea interrompe meus pensamentos enquanto bate palmas e corre os olhos pelas peças meticulosamente escolhidas. Não sei se ela está elogiando a mim ou a si mesma e seu invejável senso estético. Desconfio que seja a segunda opção, mas sinto-me lisonjeada da mesma forma.

— Uma sapatilha cai bem, não? — arrisco, rezando internamente para que ela concorde e deixe que eu ao menos não torture meus pés essa noite.

— De jeito nenhum! Eu resolvo isso num instante — responde.

Suspiro derrotada antes de partir para a tarefa

PERIGOSAS NACIONAIS

de fazer uma maquiagem razoavelmente decente. Não sou especialista nos pincéis e cores, mas consigo me virar para não parecer uma criatura saída das catacumbas. Por fim, seco meus cabelos castanhos tentando amassá-los com as mãos e manter um pouco do volume que gosto.

Bea retorna alguns instantes depois, maravilhosa em um vestido justo cor de vinho, trazendo nas mãos um par de sandálias pretas com saltos largos. Ao menos parece que ela levou meu conforto em consideração, em vez dos escarpins assassinos que escolheu para adornar, e torturar, os próprios pés.

Saímos em seguida, e durante todo o trajeto de táxi até a boate eu me arrependo de ter concordado com isso. Não por sair numa sexta à noite, mas por deixar Bea me arrastar para um dos ambientes que eu menos gosto em todo o planeta. De qualquer forma, tento controlar minha expressão consternada enquanto aguardamos na fila para entrar, e mantenho a farsa quando acompanho Bea na direção do bar quando finalmente conseguimos.

PERIGOSAS ACHERON

A música é alta e ressoa por todo o meu corpo numa vibração quase hipnotizante. Sinto as batidas do topo da cabeça até a sola dos pés, quase como se a caixa de som estivesse dentro do meu tórax. Não é uma sensação ruim, só é diferente. A iluminação não me permite ver muito além de Bea e do balcão, por isso aceno um tanto hesitante na direção do barman para que ele venha nos atender.

— Uma *Budweiser*, por favor! — repito o único nome que me vem à cabeça naquele momento, e aguardo.

Do meu lado esquerdo, Bea congela com o *drink* colorido a meio caminho da boca. Seus olhos delineados estão vidrados em alguma coisa atrás de mim, e eu me viro rapidamente para ver o que capturou a atenção de minha amiga. Antes não o tivesse feito, pois o que vejo faz com que a sensação vibrante da música se perca e deixe de me ancorar à realidade.

Uma garota que eu nunca vi antes beija afoitamente um rapaz que parece engoli-la, quase como se no fundo de sua garganta estivesse a fonte de todo o oxigênio do planeta. E a parte mais

PERIGOSAS NACIONAIS

assustadoramente previsível é que o rapaz é Otávio.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 02

Se eu disser que a realidade se tornou um completo borrão e que o restante do fim de semana passou num piscar de olhos, estarei mentindo. Não tive coragem de interromper Otávio e a garota que o beijava com entusiasmo, então só pedi a Bea que me levasse para casa. É claro que, antes, tive de convencê-la a não deixá-lo com um olho roxo. Não valia a pena, eu disse.

Por outro lado, quem quase ganhou um olho roxo foi Bea.

— Eu não queria falar nada — ela começa, enquanto o táxi nos leva de volta. As luzes dentro do veículo estão todas apagadas, e eu fito a rua do outro lado do vidro. Bea não espera que eu me pronuncie. — Mas será que isso não tem a ver com o seu comportamento?

— Como é que é?!

Bea me encara com sua melhor expressão de sabichona.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não gosto de insinuar esse tipo de coisa, Nina. Mas você nunca sai de casa! — Ela dá de ombros. — Quero dizer, não me entenda mal, ele ainda é um babaca.

— Obrigada, pelo menos nisso concordamos. — Reviro os olhos, e Bea se aproxima de mim no banco de trás do táxi.

— Ah, droga! Não é isso que quero dizer. Você é incrível e Otávio é um grande imbecil, fim da história!

Não posso deixar de sorrir com a declaração, e Bea passa um braço ao redor dos meus ombros. Nossa noite está arruinada antes mesmo de ter começado, e me sinto responsável por isso. Se Bea não tivesse me arrastado para uma de suas noitadas, talvez ela ainda estivesse por aí se divertindo, dançando e bebendo como uma garota solteira comum. Entretanto, mesmo sem ser essa a minha intenção, acabei derramando minha existência mais ou menos sobre os planos de Bea, e agora ela se sente obrigada a me acompanhar na fossa.

O pior é que eu nem sei se a situação realmente merece que eu fique na fossa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não gostava do meu trabalho, não como teoricamente se deve gostar. Não tenho a ilusão infantil de que um emprego deva ser divertido, mas o meu nem sequer me distraía. Nada, nem um pouco. Se eu pudesse descrever meus dias, certamente diria que eram incompletos. Eu me sentia como uma farsa, uma atriz nada talentosa tentando encaixar minhas mãos nas marcas deixadas por grandes estrelas numa calçada da fama inalcançável.

E Otávio! Sei que só continuei com ele por tanto tempo por ser cômodo. Fui sozinha por tanto tempo e ele me mostrou um pouco de companhia. Eu ignorava tantas coisas das quais não gostava, fingia não ver e criava desculpas quando ele me afastava, coisas que sempre foram sinais de alerta. É claro que, se tivesse levado em conta todos os dados que ele me apresentou, teria sabido antes que esse destino me aguardava. Agora que vi a verdade com meus próprios olhos, não posso mais inventar maneiras de perdoá-lo. Uma mentira seguida de traição, isso é, se aquela for a primeira, não são fatos que eu posso varrer para debaixo do tapete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu odeio conflitos, e minha relação com Otávio baseia-se na minha tolerância exagerada em troca de um pouco de companhia. Que grande piada eu me tornei em tão pouco tempo. Penso no que minha mãe diria se me visse, e em como nada daquilo inspiraria seu orgulho.

— Ele é mesmo um grande imbecil — respondo, e Bea concorda com um meneio de cabeça contra a minha.

— Acho que deveríamos tomar um pote de sorvete enorme e assistir a um filme bem meloso na Netflix, o que acha? — A pergunta sai quase num sussurro, e eu me viro na direção de Bea assim que as palavras se conectam em meu cérebro.

— Sorvete tem açúcar, esqueceu? E gordura, e...

— Eu sei de tudo isso — minha amiga me interrompe com um dar de ombros. — E digo que um dia não tem problema. A situação pede sorvete, afinal.

Continuamos nosso caminho em silêncio, minha cabeça apoiada no ombro de Bea enquanto ela fala sobre qualquer coisa que lhe vem à mente.

PERIGOSAS ACHERON

Pode ser que enumere os componentes químicos do sorvete que planejamos devorar em breve ou mesmo as calorias contidas no pote. A verdade é que não me importo, porque o som de sua voz me embala durante o percurso. Quando o veículo para em frente ao portão, não estou pensando em mais nada. Nem no emprego perdido, nem em Otávio, nem no suposto desapontamento de mamãe quanto à falta de rumo da minha vida.

— Sabe que eu sempre achei aquele cabelo cheio de gel dele meio ridículo?

Bea mal termina de engolir a colherada de sorvete e já interrompe o filme mais uma vez para destilar veneno contra Otávio. Dessa vez, é o penteado.

Levo as mãos à barriga de tanto rir, lembrando de como ele demorava para ficar pronto de manhã. Praticamente uma noiva, eu comentava com Bea sempre que tocávamos nesse assunto. Agora o penteado é mais uma coisa a ressaltar na lista interminável de todos os seus defeitos.

É claro que, talvez, seu maior defeito tenha sido levar adiante um relacionamento fadado ao fracasso apenas por comodismo. E esse é um defeito que eu não sei ao certo se seria melhor atribuído a ele ou a mim mesma.

O filme já passou da metade, e é chato. Alguma coisa sobre uma garota loira que precisa voltar para o Alabama e convencer o marido caipira a assinar os papéis do divórcio ou algo assim. É bastante previsível e eu sei exatamente o que vai acontecer, apesar de não conseguir imaginar nenhum ponto em comum entre o casal principal do filme. Acho que é isso mesmo que eles tentam para nos fazer comprar a ideia absurda de que, de alguma forma, uma pessoa completamente diferente de nós em tudo que é importante é nossa alma gêmea. A tampa perdida da panela.

Quanto mais assisto a esses filmes, mais me convenço de que, na verdade, sou uma frigideira, uma forma de bolo ou qualquer outro recipiente cuja tampa é substituída, no máximo, por um pedaço de papel alumínio.

— Não, é sério! Os tempos da brilhantina já

acabaram! — Bea exclama mais uma vez, e eu continuo a rir. Não contribuo muito com essa conversa, não por não concordar, mas por achar os apontamentos dela mais do que suficientes.

Olho de canto de olho para minha amiga sentada do outro lado do nosso sofá azul. Seu olhar está vidrado na tela, acompanhando as desventuras da protagonista enquanto uma gota de sorvete derretido escorre da colher e cai em seu pijama. Bea sequer percebe, de tão concentrada que está no filme. Não sei como ela consegue prestar tanta atenção e, ao mesmo tempo, interromper seu foco para fazer algum comentário a respeito de Otávio.

Bea definitivamente não é uma garota mais ou menos, penso enquanto a observo com carinho.

Com esse pensamento, abandono minha colher sobre a mesinha de centro, inclino a cabeça para trás, sobre as almofadas, e deixo o sono me levar, ali mesmo no sofá. A perspectiva de um torcicolo no dia seguinte não me preocupa nem um pouco.

O ruído insistente e irritante do interfone me desperta na segunda-feira, como um lembrete do fracasso que é ainda estar dormindo às dez da manhã, e levanto da cama carregando comigo o edredom sobre o corpo.

Obedeci à risca as orientações de Bea e não fiz absolutamente nada de produtivo durante o fim de semana. Nossa sessão de filmes e sorvete foi apenas o começo, e lancei-me à inatividade completa nos dois dias que se seguiram. Se eu disser que levantei da cama para tomar banho, seria um exagero monumental.

Assim sendo, meu estado não é dos melhores quando atendo ao interfone e ouço, do outro lado, o cumprimento animado de seu Joaquim:

— Bom dia!

— Er... Bom dia. — Aguardo na linha por alguns segundos, em silêncio, mas o porteiro não continua. — Algum problema?

— Não é nada de mais, fique tranquila. Tem um homem aqui que quer falar com a senhora, dona Nina. — Ele afasta o fone para conversar com aquele que é o responsável por eu estar acordada

naquele horário absurdo, e sua voz sai abafada. — Qual é mesmo seu nome?

Mesmo depois de morar naquele apartamento há anos, ainda acho graça quando seu Joaquim me chama de dona Nina. Já repeti um zilhão de vezes que o tratamento pomposo não é nem um pouco necessário, mas ele insiste, então chegamos a esse impasse onde continuo sendo chamada de “dona” contra a minha vontade.

Quanto ao estranho no portão, acabo imaginando que seja Otávio, apesar de não saber ao certo se fui vista durante o pouco tempo em que estive na boate, na sexta-feira. A possibilidade de vê-lo enche meu estômago com algo gélido e desagradável. Percebo, então, que não temos nada para conversar porque nosso relacionamento não passa de uma farsa.

— Olha, se for o Otávio, diga a ele que...

— Não não, é um senhor. Disse que se chama Alberto e que é advogado — explica, livrando-nos do mal-entendido.

Espera, advogado?

Repasso mentalmente as últimas contas que

Bea deixou sob minha responsabilidade, tentando identificar alguma que eu possa ter esquecido de pagar, mas não encontro respostas. Não tenho cartão de crédito, só de débito, então também não se trata de alguma dívida milenar absurda que eu deixei de quitar.

— T-tem certeza de que é comigo? — indago, a voz trêmula e incerta. Não posso encarar um processo agora, não quando não tenho sequer a ilusão de um emprego ou renda fixa no horizonte.

Seu Joaquim pigarreia.

— Parece que é sim, dona Nina. Pode subir?

Não vejo sentido em negar, ainda mais agora que o tal advogado viu nossa conversa e sabe que estou em casa. Com um último suspiro desanimado, digo:

— Tudo bem, deixe que ele suba.

No instante em que as palavras deixam meus lábios, meu reflexo descabelado e de pijama, sem contar o edredom sobre os ombros, me encara pelo espelho de parede da sala. Eu devia ter pedido pelo menos cinco minutos para dar um jeito na situação. Ao menos, se ele me vir desse jeito, vai descobrir

que não passo de uma desempregada sem futuro e que não tenho condições de pagar o processo, taxa ou multa que veio tentar me aplicar.

Pequenas vitórias.

Cuspo a espuma de pasta de dente na pia quando a campainha toca e saio correndo descalça até chegar à porta. Do outro lado, um senhor de cavanhaque grisalho e óculos pequeninos e redondos aguarda com os dedos entrelaçados na frente do corpo. Ele usa um terno impecável, escuro e alinhado como se tivesse acabado de sair da lavanderia. Nem um único vinco é visível.

Dou um passo para o lado, liberando a passagem, e o cumprimento com um sorriso tenso. O homem aceita o gesto e entra, e então nos encaminhamos para a sala. Sinto as pontas dos meus dedos frias, e minhas mãos tremem. Toda essa descarga de adrenalina e nem mesmo sei o motivo. Medo, é claro, mas de quê? Dizem que quem não deve, não teme.

O homem olha bem dentro dos meus olhos, e percebo que os seus são azuis, praticamente prateados por trás dos óculos. A aparência é

PERIGOSAS NACIONAIS

relativamente inócua para quem pode, ou não, selar meu destino em alguns instantes.

— Senhorita Pa...

— Nina, por favor — interrompo como de costume, e ele assente enquanto tira uma folha de papel de dentro da pasta de couro que trouxe consigo.

Então, empurra os óculos mais para cima no nariz de tubérculo, pigarreando antes de prosseguir:

— Muito bem. Receio não trazer boas notícias...

Meu estômago dá uma cambalhota e eu me encolho no sofá. É claro que a visita de um advogado nunca poderia ser coisa boa!

Bea que me perdoe, penso comigo mesma.

— O que foi que eu fiz dessa vez? — murmuro entre os dedos que cobrem meu rosto, sem coragem de encarar o advogado nem por mais um segundo. As contas se empilham em minha mente, cálculos de ajustes nas finanças que eu provavelmente teria que fazer para cobrir seja lá qual for a despesa absurda que está prestes a cair sobre minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Ele demora para responder, então espio por trás das mãos. Sua expressão é confusa.

— Não, não é sobre você. Estou falando do senhor Ricardo, Nina. Seu pai. — Minhas mãos caem sobre as pernas, e agora sou eu que estou confusa.

A única informação que tenho do meu pai é o nome, e isso porque é um dado que aparece nos meus documentos. Sei também que ele nunca me procurou, apesar de minha mãe dizer que ele conhecia meu paradeiro muito bem. Ainda assim, a curiosidade fala mais alto.

— O que aconteceu com ele?

O advogado, doutor Alberto, suspira longamente.

— Infelizmente, o senhor Ricardo veio a falecer.

Nossos olhares se mantêm unidos por alguns instantes, talvez porque ele espere alguma reação que eu não sou capaz de exprimir. No final das contas, meu pai sempre foi um estranho, e não o deixaria de ser apenas porque não caminha mais entre nós.

Como tenho a impressão de que o advogado nutre mais sentimentos por Ricardo do que eu, sinto-me obrigada a acrescentar:

— Lamento muito.

Ele responde com um gesto de cabeça, e então prossegue:

— Bem, estou aqui porque seu nome consta no testamento como única herdeira.

E é nesse momento que o mundo deixa de fazer qualquer tipo de sentido para mim, lógico ou não.

Capítulo 03

— Como assim, uma fazenda?!

Bea anda de um lado para o outro na sala enquanto mantenho minha posição inicial, esparramada no sofá. Não sei se me movi desde que o advogado deixou o apartamento, com a promessa de que entraria em contato nos próximos dias para tratar dos detalhes do testamento.

Tudo parece extremamente abstrato.

Num momento, ou melhor, desde que me entendo por gente, eu sequer imaginava ter um pai. E, como num absurdo passe de mágica, eu não só tinha como acabara de receber deste uma herança. Não. Uma fazenda. Que diabos eu vou fazer com uma fazenda?

— Ei, Nina! — Bea agita uma das mãos em frente ao meu rosto, e eu volto para o presente.

— O que você disse? — pergunto, e ela se mantém parada à minha frente com as duas mãos na cintura. Eu interromperia o momento para

comentar que ela se parece com um açucareiro, mas isso não ajudaria em nada a situação.

É de conhecimento geral que eu tenho o irritante hábito de usar o humor, ou sua completa ausência, para me distrair de um assunto importante.

— Uma fazenda, Nina. Seu pai te deixou uma fazenda — repete, finalmente, e eu sinto minha expressão se fechar numa carranca.

— Ricardo me deixou uma fazenda, Bea. Ele não é, e nunca foi, o meu pai.

Ela revira os olhos e se senta ao meu lado, apoiando um dos cotovelos no encosto do sofá.

— E que diferença isso faz? — A pergunta sai num suspiro exausto. — A questão é que agora você tem uma fazenda!

— Ainda não. O advogado disse que ela não será realmente minha se eu não quiser. Quase como... Uma prova, um teste, ou algo assim. — Dou de ombros. — Preciso ir até a propriedade e me certificar de que sou capaz de administrá-la primeiro.

Bea fica em silêncio e eu deixo as ideias se

embaralharem em minha mente. Não é como se eu tivesse um emprego ou grandes responsabilidades para me preocupar. Uma viagem de alguns dias até o município de Nova Paz, onde fica a tal fazenda, não vai atrapalhar tanto assim o marasmo atual que eu chamo de vida. O mesmo pensamento parece percorrer o raciocínio de Bea, e ela logo interrompe a quietude:

— E quando você vai?

— Você acha que eu devo ir, então? — A pergunta cuja resposta talvez fosse a mais temida de todas escapa, e então as sobrancelhas de Bea quase tocam o topo de sua testa em surpresa.

— Mas é claro! — Bea ergue as mãos no ar enquanto explica, e por um momento temo ser atingida pelos gestos exagerados. — Pense comigo. Você nunca nem viu o cara, e vocês não tiveram nenhum tipo de vínculo. O mínimo que ele te deve é uma fazenda, e eu tenho a lei para provar isso! — exclama, entrando rapidamente no modo “vencedora de tribunais”.

Sinceramente, tudo me parece muito mais divertido e funcional na visão de Bea do que na

realidade.

Deixo um suspiro escapar, enquanto meu corpo se molda ainda mais ao sofá. Um tipo extremamente desanimador de preguiça existencial toma conta de mim, e eu não sei se seria capaz de mover um único músculo, que dirá viajar quilômetros até uma fazenda onde eu seria certamente vista com péssimos olhos. A garota da cidade que agora é dona de tudo que os empregados de lá mais amam. A ideia não me parece nem um pouco atraente.

Talvez eu possa visitar o lugar. De acordo com minha mãe, eu nasci naquela fazenda, embora não tenha qualquer lembrança disso e do curto período da minha infância que passei lá. Eu era muito pequena quando viemos para a cidade, ela disse, e esse foi o fim da história dos meus primeiros meses de vida.

E talvez, só talvez, conseguir de volta essa peça do quebra-cabeças seja suficiente para colocar em perspectiva toda a sequência da minha vida e organizar o que parece estar de cabeça para baixo.

— Tudo bem. Eu vou.

— Isso! — Bea comemora, jogando os braços ao redor dos meus ombros como se aquela fosse uma grande revelação, ou algo que pudesse potencialmente transformar o mundo. — É sério, Nina, isso vai ser bom pra você.

Eu não sei exatamente com o quê acabei de concordar, mas espero que Bea tenha razão. E, como conheço minha melhor amiga, sei que existem grandes chances disso.

É terça-feira à tarde e eu ainda não liguei para o advogado para comunicá-lo da minha decisão. Na verdade, sei que estou internamente torcendo para que ele se esqueça dessa história e me deixe em paz, assim não terei que decidir nada e nem sair do lugar. Será que é pedir muito?

Meu computador jaz aberto, sobre a mesa de centro da sala, numa página de anúncios de emprego. Por mais que, em teoria, eu seja qualificada para cada uma daquelas funções, não é o que eu sinto. Um dos anúncios pede que o profissional também execute cirurgias nos animais

PERIGOSAS NACIONAIS

e saiba anestesia-los. Eu sequer me lembro de como dar um ponto!

Levo as duas mãos ao rosto e aperto meus olhos até ver pequenos pontos luminosos contra as pálpebras. A busca por um emprego adequado não está me ajudando em nada, e não parece promissora. Aparentemente, não há ninguém procurando por alguém que sabe mais ou menos o que está fazendo. Se ao menos essa sentença não fosse verdadeira também para os demais aspectos da minha vida, eu não me sentisse tão sem esperanças.

Para piorar a situação, o cartão do doutor Alberto brilha em cores *neon* imaginárias sobre o aparador perto da porta. Um constante lembrete de que eu preciso tomar uma atitude, qualquer que seja, e sair do ponto em que tudo parece congelado no tempo.

O som estridente do interfone interrompe meu raciocínio e eu pisco duas vezes para clarear as ideias. Por um instante, desconfio de que seja o próprio advogado que vem assombrando meus pensamentos que retornou para cobrar uma

PERIGOSAS ACHERON

resposta, porém um único dia é pouco tempo.

Certamente, alguém que parece tão profissional e, acima de tudo, experiente, não agiria dessa forma.

O interfone toca novamente e eu, contrariada, me levanto para atendê-lo e acabar de uma vez por todas com o suspense.

— Dona Nina? — A voz de seu Joaquim soa preocupada, quase incerta.

— Sim, sou eu.

— Eu tentei fazer o que a senhora me pediu, mas o rapaz aproveitou que outra pessoa estava passando e entrou pelo portão! — o porteiro desata a falar num choramingo, e num segundo me coloco em estado de alerta.

— Otávio? — pergunto, apesar de já saber a resposta.

Não tivemos qualquer contato, nem mesmo uma mensagem de texto, desde que Otávio disse que não poderíamos nos ver na sexta-feira, ou no fim de semana, porque ele visitaria os pais no litoral. Até onde sei, ele não tem conhecimento de que sua mentira foi descoberta, e mesmo assim não

teve a decência de me contactar nos últimos quatro dias.

Tudo bem que, no final das contas, o relacionamento foi uma completa farsa. Mas tenho certeza de que, ainda assim, mereço o mínimo de consideração pelos últimos dois anos. É claro que consideração deve ser a última coisa na lista de prioridades de alguém que trai sem pudor nem discrição.

— Ele mesmo, dona Nina. Perdão! — exclama.

Balanço a cabeça em negativa, como se o porteiro pudesse me ver.

— Não tem problema. — Levo uma das mãos aos cabelos, bagunçando-os por pura frustração, e então desligo o interfone.

O diálogo não deve ter durado mais que quinze segundos, e foi o suficiente para que Otávio chegasse ao meu andar e, sem qualquer cerimônia ou educação, começasse a esmurrar a porta.

— Nina! — ele grita do outro lado, e eu continuo em silêncio, aguardando. Algo gélido e extremamente desagradável escorrega pelo meu

abdômen, e eu finalmente me dou conta de que é medo.

Otávio nunca foi esquentado ou violento, e aquele ataque é tão estranho para mim quanto seria para alguém que nunca o conheceu antes. Não consigo imaginar o que meus vizinhos estão pensando enquanto ouvem aquele escândalo ao lado de suas portas, ou se consideram a possibilidade de chamar a polícia para conter o desordeiro.

De qualquer forma, da terceira vez em que berra meu nome, decido ceder e abrir a porta. Não, é claro, sem antes passar a corrente do trinco. Seja lá o que for que está acontecendo com Otávio, preciso de um pouco de segurança, ainda que meramente ilusória.

Do outro lado da porta, Otávio está extremamente vermelho e descabelado. Eu o observo por alguns segundos enquanto ele percebe que não abrirei mais a porta enquanto não obtiver respostas.

— O que está acontecendo? — sussurro em sua direção, na esperança de que um pouco de bom

senso entre em sua cabeça dura para que cesse com a balbúrdia.

— Como assim, o que está acontecendo? — ele repete minhas palavras afinando a voz de forma ridícula, servindo apenas para incrementar o desagrado que eu já sinto. — Estou tentando falar com você há dias! E então descubro que você bloqueou meu número!

O quê?

Minha confusão fica evidente, enquanto ele apenas observa. Nunca vi tamanha fúria em seus olhos antes, e é como se as brasas pudessem queimar todo o prédio. Obviamente, tenho certeza de que não mereço sequer uma mínima porcentagem daquele ataque de violência descomedida.

— Do quê você está falando? Eu não bloqueei seu número!

Cruzo os braços por trás da porta num gesto desafiador, e Otávio solta um resmungo pelo nariz antes de continuar seu ataque.

— Bloqueou, sim. Só quero saber o motivo — ele fala devagar e pausadamente, um sorriso de

escárnio que eu nunca vi antes a retorcer os lábios finos.

Ao ver aquela expressão tão desconhecida num rosto que passei a apreciar nos últimos dois anos, dou-me conta de duas coisas.

A primeira delas é que nunca o conheci de verdade, simplesmente porque era cômodo demais acreditar e viver com a versão que eu havia criado. A versão de Otávio que não se importava com meus hábitos excessivamente caseiros e despreocupados.

A segunda é que Bea provavelmente pegou meu celular sem que eu percebesse e bloqueou o número dele. Sinceramente, não consigo enxergar o gesto como nada menos que lealdade. Beatriz Rocha, você acabou de inventar um novo patamar de amizade e se apossou dele.

Enquanto Otávio espera por minha resposta, não posso deixar de sorrir.

— E como foi o fim de semana no litoral? — Antes que ele pudesse reagir, eu continuo. — Você levou a garota de sexta-feira para conhecer seus pais?

Observo, triunfante, a cor deixar seu rosto. A pergunta é acusadora duas vezes, já que mostra que eu sei a respeito da traição e que existe ressentimento por não ter sido apresentada à sua família, apesar de tudo. É claro que a segunda acusação pouco importa no momento, mas ainda assim quero que ele saiba só pelo cruel prazer de poder feri-lo.

— Não sei do que está falando — ele resmunga, desviando o olhar para a soleira da porta.

Tudo o que quero neste momento é que Otávio desapareça, levando consigo o resto da minha indecisão a respeito de coisas que nada têm a ver com ele. É um pensamento injusto e egoísta, mas me faz sentir algo que eu julgava desconhecer até o momento.

Determinação toma conta de mim.

— Eu sei sobre a garota — declaro, e Otávio faz menção de interromper, mas eu continuo, sabendo que meu chute foi certo. — Não tente negar, eu vi.

Ele suspira, como se estivesse subitamente

exausto do confronto, mas deixa de insistir na mentira, o que é um grande alívio.

— Eu não amo você — digo, afinal, e ele levanta os olhos para os meus. — Acho que nunca ameí, e nem você a mim.

Dou de ombros, e Otávio finalmente me dá as costas para seguir na direção do elevador. Eu termino de fechar a porta, e me dou conta de que nunca a abri para ter aquela conversa. No fim, o sentimento que resta é puro alívio. Não estou decepcionada com ele ou comigo mesma porque, na verdade, eu não esperava nada de nós.

Ao encostar na madeira, meus olhos param no cartão do doutor Alberto ainda sobre o aparador, piscando um milhão de luzes na minha direção. E então, o momento da decisão chega e se vai num milésimo de segundo. Amanhã mesmo partirei para Nova Paz.

Capítulo 04

— Tenho certeza de que existe sinal de celular em Nova Paz, Bea! — eu digo em meio ao abraço de urso da minha melhor amiga.

Sinceramente, parece que não vou voltar nunca mais!

— Eu sei, mas você nunca foi viajar por tanto tempo...

Reviro os olhos diante daquela afirmação, apesar de verdadeira. Dividimos o mesmo apartamento desde os tempos da faculdade, e Bea me adotou como irmã mais nova mais ou menos na mesma época. O esforço para explicar que temos a mesma idade é desnecessário, afinal ninguém acreditaria. Além de Bea se vestir como adulta graças ao trabalho no escritório, sua mania de cuidar de tudo e todos ao seu redor faz com que ela seja minha irmã mais velha por qualificação.

Acho que, no fundo, Bea ressenete de ter passado a infância e a adolescência como filha

única, sem ninguém para colocar sob suas asas. E eu servi perfeitamente, como uma mão numa luva vazia, no momento em que nos conhecemos.

— Você quer dizer que nunca fui viajar, não é?

Bea finalmente deixa que eu escape do abraço e transfere para um dos meus ombros a bolsa de lona com minhas roupas. Algumas, apenas o suficiente para cerca de uma semana em Nova Paz até que eu acerte os detalhes mais importantes com os atuais administradores da fazenda. Alguém chamado Túlio Flores, pelo que o advogado dissera em nosso contato telefônico mais recente.

— Nada de falar com estranhos. Quem vai buscar você na rodoviária? — Bea coloca as duas mãos na cintura, mais uma vez adotando sua postura de açucareiro e de proteção.

E, mais uma vez, é uma opção segura não mencionar esses pensamentos a ela.

— O filho da governanta — respondo sem emoção.

Esfrego um dos meus olhos, sonolenta. Como nunca fiz nenhuma longa viagem, Bea achou que

seria prudente tomar uma medicação para manter o que está no meu estômago em seu devido lugar. O remédio, de acordo com ela, também fará com que eu durma boa parte do trajeto. O único problema é que o efeito sonífero parece ter começado demasiadamente cedo.

Bea ergue as sobrancelhas bem delineadas numa expressão exagerada de surpresa.

— Governanta? — Ela solta uma risada alta, chamando a atenção de outras pessoas ao redor. — Seu pai era *Heathcliff* para ter uma governanta, por acaso?

Dou de ombros, apesar do peso da bolsa que me puxa para baixo. Não penso muito no que posso ou não encontrar em Nova Paz. Dentre todas as coisas, minha única certeza é a de que não estarei em casa, apesar de tudo me pertencer agora, aparentemente.

Também não quero imaginar quem foi Ricardo Campos. Se sua propriedade for extensa o suficiente para justificar uma governanta, um caseiro ou uma tropa de choque, nada disso me interessa. Tive um bom tempo para imaginar

PERIGOSAS NACIONAIS

quando criança, e a especulação nunca me levou a parte alguma.

Solto um suspiro e contenho um último bocejo antes do motorista anunciar nossa breve partida, e então Bea me ataca mais uma vez com um de seus abraços assassinos de costelas.

— Já pode me soltar agora! — Minha voz sai abafada contra seus cabelos, e tenho certeza de que engoli uma dúzia de fios castanhos no processo.

Quando enfim me deixa ir, Bea solta um muxoxo.

— Acho que nunca tive o apartamento todo só para mim por tanto tempo.

Reviro os olhos com um sorriso.

— Pode aproveitar, eu vou ficar no meio do mato por uma semana, no máximo. Você nem vai perceber que eu não estou em casa, garanto.

Minha amiga franze as sobrancelhas e me observa. A sensação que me toma é de que sou transparente sob seus olhos. É como se ela visse algo além de mim, em outra dimensão ou realidade paralela, e tentasse fazer essa visão turva se encaixar de alguma forma ao que ela conhece.

PERIGOSAS ACHERON

A expressão desaparece do rosto anguloso em um segundo, mas eu continuo sentindo o peso do enigma sobre a minha cabeça. Sei que Bea costuma acreditar em sua intuição, que geralmente acerta em cheio, mas não quero pensar que ela viu ali algo que não existe.

Ou, ao menos, não existe ainda.

Balanço a cabeça na tentativa de espantar os pensamentos e aquele peso imaginário, enquanto o motorista faz a última chamada. Antes de deixar Bea para trás, planto um beijo estalado em sua bochecha.

— Até mais, futura *cowgirl*! — ela exclama, e eu respondo mostrando o dedo do meio.

A risada alta de Bea é a última coisa que escuto de familiar antes de entrar no ônibus, e a sensação de que vai demorar um tempo maior do que o previsto para ouvi-la novamente me acompanha até eu sentar na poltrona marcada em minha passagem.

Abro um olho, depois o outro. O ônibus
PERIGOSAS ACHERON

quase não balança em seu caminho praticamente em linha reta, mas os raios avermelhados do poente atingem meu rosto com força suficiente para me acordar. Obviamente, eu me esqueci de fechar a cortina antes de adormecer.

Faço uma anotação mental para nunca mais aceitar medicação de Bea antes de despertar completamente, e então toda a realidade ao meu redor desaba sobre os meus sentidos. Lembro do meu emprego perdido, de Otávio e, por fim, da visita do doutor Alberto, selando meu destino.

Do lado de fora da janela, o verde se espalha até o horizonte, e o único sinal de civilização é a estrada pela qual o ônibus segue viagem. Não há prédios, casas ou mesmo cercas. E, apesar de a paisagem parecer extremamente solitária em sua imensidão, eu nunca vi nada tão bonito antes.

Dentro do ônibus, o ar condicionado trabalha com força total, então não tenho a menor ideia de qual é a temperatura verdadeira. Também não sei onde estou, mas o pensamento é estranhamente reconfortante. Posso esquecer as outras pessoas que me acompanham, se é que há alguma, e pensar que

PERIGOSAS NACIONAIS

estou absolutamente sozinha no meio de todo esse... nada.

Entretanto, não acho que seja nada. Na verdade, os quilômetros de pasto inalterado pelo homem adiante significam as infinitas possibilidades que eu posso ter, talvez, se ao menos conseguir estender as mãos para agarrá-las.

O sol finalmente toca o horizonte e espalha rajadas vermelhas pelo chão. Do meu assento, sinto como se assistisse a um espetáculo. E o mais desconcertante é que sei que a sinfonia de cores se repete todos os dias enquanto eu me escondo em minha grande cidade, completamente alheia a toda a beleza.

Olho para o céu e matizes de índigo tomam a minha vista. Consigo ver algumas estrelas entre as poucas nuvens, e existe a promessa de muitas mais ainda por surgir.

Não sei por quanto tempo meus olhos percorrem o caminho de baixo para cima tentando absorver tudo. Quando o ônibus finalmente faz uma curva, o azul profundo e aveludado da noite é a única cor visível de onde estou. Os faróis iluminam

PERIGOSAS ACHERON

uma placa distante, onde se lê que Nova Paz está a dez quilômetros de nós.

Meu estômago resolve que aquele é o momento ideal para se rebelar contra os remédios de Bea, e eu fecho rapidamente a cortina na esperança de que fixar os olhos em algo parado ajude a controlar a situação. Inspiro rápido o ar gelado que atinge meu rosto, tentando me concentrar na sensação calmante do frio sobre a minha pele.

Detesto admitir, mas pode ser que Bea tenha razão ao insistir tanto nos remédios para o enjoo. A constatação dessa verdade faz com que eu risque minha anotação mental prévia e a substitua por uma nova, que diz que eu devo ingerir qualquer coisa recomendada por ela, pouco importando a natureza da substância.

Ainda estou de olhos fechados, a respiração entrando e saindo controlada, quando o ônibus para.

— Nova Paz, dez minutos! — o motorista informa e desaparece atrás da cortina da cabine.

Olho ao redor, mas não vejo ninguém se

levantar. Para falar a verdade, agora que prestei atenção, não há outras pessoas no ônibus. Pelo visto, sou a única criatura que resolveu fazer uma viagem de oito horas para o meio do mato num dia útil.

Quando desço do ônibus, o baque térmico é imediato. Meu corpo se choca contra uma nuvem de vapor cheirando a pasto, um odor estranhamente familiar e não tão desagradável quanto imaginei que seria.

O relógio redondo pendurado no teto da modesta construção informa que passa das nove da noite, o que seria um horário movimentado no lugar de onde vim. No entanto, a rodoviária, além de ser minúscula, encontra-se às moscas. O único guichê de passagens está fechado, e a pouca iluminação vem de lâmpadas amarelas que oscilam nos fios pelos quais estão presas.

Olho ao redor à procura de um orelhão, afinal a bateria do meu celular acabou há horas. Porém, se conseguir encontrar algum, para quem ligar? Não fui prevenida o suficiente para anotar ao menos o número da fazenda ou o do tal filho da governanta,

de quem sequer sei o nome. Só sei que ele está atrasado.

— Então é isso, estou completamente sozinha nesse fim de mundo.

Dou um longo suspiro e decido encontrar um lugar para me sentar e aguardar por sabe-se lá mais quanto tempo. Um banco de madeira logo depois do guichê, virando à esquerda, parece ser a solução ideal para minha busca, exceto pelo fato de que já tem alguém sentado ali.

Se eu pudesse definir um *cowboy* com a precisão exata de uma única palavra, então preferiria uma imagem. E a imagem seria a do homem recostado à parede de tijolos rústicos, a barba louro escura por fazer, os braços cruzados sobre o peito e o chapéu de couro cobrindo seus olhos enquanto tira um cochilo.

A imagem não seria clichê o suficiente se ao menos ele não usasse jeans puídos e uma camisa xadrez de flanela. A realidade, no entanto, é exatamente esta, e não posso deixar de soltar um risinho pela ironia da situação, o que é o suficiente para acordá-lo da soneca.

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem revela sua expressão inquiridora por debaixo do chapéu, e eu dou dois passos para trás com a surpresa, praticamente tropeçando nos meus próprios pés. Não há como disfarçar que eu o estava observando, então nem mesmo tento. Os olhos pequenos se estreitam ainda mais, e ele me lança um sorriso contido.

É claro que, ainda por cima, ele está rindo internamente da minha cara.

Quando ele finalmente abre a boca para falar, penso que vai pedir que eu caia fora ou algo parecido. Mas as palavras que saem na voz profunda conseguem ser assustadoras e reconfortantes na mesma medida:

— Você é a filha do Ricardo?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 05

Depois da confirmação da minha identidade, não trocamos mais nenhuma palavra. Eu o sigo até o pequeno estacionamento, onde uma antiga caminhonete *Ford* azul nos espera. Não posso deixar de menear a cabeça e sorrir quando vejo o veículo, imaginando quantos colecionadores dariam um braço para tê-lo. É uma raridade que só reforça ainda mais a imagem estereotipada que tenho do condutor.

O vento sopra quente no meu rosto enquanto o *cowboy* da rodoviária dirige.

O caminho me parece infinitamente longo, contudo, é apenas consequência do silêncio que assola a cabine. Se não fosse o rugir feroz do motor, seria possível ouvir os grilos lá fora, no mato. E se eu realmente prestasse atenção, conseguiria ouvi-los mesmo assim.

Apesar de agora eu ter certeza absoluta de que não sou o único ser humano no planeta, a

PERIGOSAS NACIONAIS

sensação de solidão é ainda maior do que quando eu enxergava a estrada banhada pelo sol. Nem mesmo a lua aparece, e as milhares de estrelas não proporcionam iluminação suficiente. Não consigo imaginar como uma estrada tão abandonada no mundo chega a algum lugar, mas, de alguma forma, ela chega.

Depois do que pareceu ser um longo tempo de escuridão, avisto uma construção ao longe. Dentro da casa, algumas luzes estão acesas, visíveis pelas janelas perfeitamente quadradas. Além dos faróis da caminhonete, a luz vinda delas é a única coisa que direciona meu olhar.

É claro que o homem ao meu lado deve conhecer bem o caminho, pois dirige com segurança e não vacila por um instante sequer. Ele tem um tipo de concentração displicente, um dos braços apoiados na janela aberta enquanto a outra mão segura o volante. Não me atrevo a observá-lo por mais do que alguns segundos, mas consigo espiar pelo canto do olho.

Entramos por uma estrada de terra numa curva à direita que eu não vi, e seguimos por mais

PERIGOSAS ACHERON

algum tempo na escuridão até chegarmos à fazenda. A construção é maior do que eu pensei que fosse quando vi as janelas de luzes acesas à distância. Na verdade, a casa tem dois andares e uma extensa varanda contorna todo o primeiro piso. Não posso deixar de imaginar um fim de tarde naquele lugar, com a vista do verde infinito a se estender até o horizonte com o poente tingindo tudo de laranja.

Ainda estou perdida na sensação de tranquilidade que o devaneio transmite quando a caminhonete estaciona ao lado da propriedade. Então, a realidade cai sobre mim como um balde de água fria, fazendo com que eu me lembre do real motivo de estar ali.

Preciso me forçar a enxergar as coisas como realmente são, e pensar que todo aquele esplendor representa uma vida que nunca vivi, uma vida da qual fui excluída sem sequer saber o porquê. E, com mais determinação, talvez eu consiga encarar o que quer que seja que está por vir.

— Minha nossa! — A exclamação vem da entrada da casa, e eu me viro rapidamente na

direção da voz para encontrar uma senhora enrolada num roupão.

O *cowboy* passa por mim e entra na casa, ainda ignorando minha presença, mas para por alguns segundos e planta um beijo rápido no topo da cabeça da senhora antes de desaparecer porta adentro. Apesar de silencioso, o gesto responde a uma de minhas perguntas. *Aquela* é a tal governanta, mãe dele. Agora ainda me resta descobrir o motivo de tanto espanto.

Eu me aproximo, incerta, e ela continua a me fitar. Uma de suas mãos cobre a boca numa expressão muda de surpresa e emoção, e aquilo tem um efeito estranho sobre mim. Sinto-me como a única por fora da piada, e poucas sensações conseguem ser mais frustrantes.

A senhora balança a cabeça como se pudesse espantar o pensamento que a atormenta, e dá um passo para o lado, liberando a passagem para mim.

— Entre, entre! Você deve estar exausta da viagem.

Lanço um sorriso constrito em sua direção, e então a sigo para dentro da casa até chegarmos a

uma espaçosa cozinha.

— Você me deu um susto — ela comenta enquanto puxa uma das cadeiras ao redor da mesa para se sentar.

— Por que?

É a primeira vez que lhe dirijo a palavra. Na verdade, a primeira vez que digo qualquer coisa em algum tempo, desde que saímos da rodoviária. Minha voz raspa a garganta e eu pigarreo para me livrar do desconforto provocado pelo longo período de silêncio.

A senhora suspira e um pequeno sorriso, quase saudoso, aparece em seus lábios.

— Achei que via dona Carmen lá fora. Você é igualzinha a ela...

Sinto-me endurecer diante do comentário, e puxo minha mão quando a senhora tenta tocá-la com a sua. Já ouvi aquilo antes, inúmeras vezes, mas essa é a primeira na qual a fúria toma conta de mim com tamanha velocidade.

Não quero pensar que minha mãe esteve ali, nem nas possíveis razões que a fizeram partir para a cidade. Principalmente, não me agrada nem um

pouco saber que, mesmo tendo conhecido minha mãe, aquelas pessoas não fizeram nada para impedir que as coisas terminassem daquela forma.

Notando meu desagrado, a senhora dá um tapa na própria testa e desata a falar:

— Que cabeça a minha! Desculpa, nem me apresentei... Sou Lucrécia Flores, querida. É tão estranho me apresentar pra quem eu conheço desde bebê...

— Eu não te conheço — replico, e ela imediatamente se cala.

Sinto-me exausta, tanto da longa viagem quanto do peso invisível que aquela situação representa sobre meus ombros. Não consigo conter um bocejo, e então dona Lucrécia se levanta e limpa as mãos no roupão.

— Vem, vou mostrar seu quarto — Ela me lança um sorriso amplo e afetuoso, o que me desconcerta. — Você deve estar exausta!

Suspiro em derrota.

— Sim, completamente exausta — concordo, antes de segui-la pela porta da cozinha.

Subimos uma escada estreita cujos degraus

PERIGOSAS ACHERON

de madeira rangem conforme pisamos. Tudo ali parece ser feito de madeira e tijolos, e as paredes conservam o aspecto rústico. Dona Lucrécia vai à frente, e sua longa trança grisalha balança às suas costas. Já no segundo andar, ela segue por um corredor e abre a segunda porta à direita.

Ao entrar no cômodo, me deparo com um cenário estranhamente familiar. Sei que algumas pessoas são capazes de recordar fatos ocorridos quando ainda eram muito jovens, inclusive para falar, mas o que sinto quando meus olhos pousam naquelas paredes não pode ser descrito como lembrança. É mais como a sensação de acordar de um sonho extremamente realista, quando me pego a questionar se tudo foi, de fato, fantasia.

— Se precisar de alguma coisa, meu quarto fica no andar de baixo. Vou deixar você descansar agora, querida. Boa noite.

Dona Lucrécia deixa o aposento e fecha a porta atrás de si antes mesmo de eu pensar em responder. Existe um conflito dentro de mim que faz com que eu queira ser simpática com ela, um tipo de aviso invisível dizendo que suas intenções

são boas. Por outro lado, a desconfiança se faz presente também. Afinal de contas, todos ali devem saber que o teto sobre suas cabeças agora me pertence.

O cansaço vence tais pensamentos na lista de prioridades, e a primeira coisa que faço é trocar minhas roupas pelo pijama que trouxe na mala. Poucos minutos depois, me pego a observar o teto do quarto com as luzes já apagadas.

Apesar da exaustão física, é minha mente que se recusa a desligar. Meus olhos passeiam pelas manchas escuras de umidade no teto, imaginando desenhos em suas formas como uma criança faria a observar as nuvens no céu. E enquanto as manchas se tornam girassóis e cavalos, finalmente me deixo levar num sono sem sonhos.

O perfume de café fresco é a primeira coisa que invade meus sentidos pela manhã. Como boa aficcionada, é também o que me leva até a cozinha mais rápido do que eu seria capaz de formar as palavras “café recém passado”.

Sob a luz do dia, a casa me parece calorosa e cheia de vida, e me dou conta de que não sei quantas pessoas vivem ali além de dona Lucrécia e o filho caladão. Ou seja, não sei quantas pessoas teriam que sair dali quando eu vendesse a fazenda.

Mas esse é um pensamento para depois do café da manhã, ao menos.

Na cozinha, dona Lucrécia tira uma fornada de pães caseiros do fogão à lenha no momento em que eu me aproximo. O calor no ambiente é tão intenso que olho para todos os lados em busca de uma janela para abrir, antes de me dar conta de que todas as janelas possíveis, e até mesmo a porta, já estão abertas. Muito mais que o calor, o perfume que me atraiu para baixo é ainda mais potente e, diante da visão apetitosa dos pães, chego a salivar.

Dona Lucrécia coloca a forma sobre a pia e a cobre com um pano enquanto eu continuo parada na soleira da porta. Apesar de sua simpatia na noite anterior, não sei quais serão os parâmetros a partir de agora e se sou ou não bem-vinda por aqui.

Antes que meu estômago decida revelar minha presença com um ronco desagradável, eu me

anuncio da forma mais suave que encontro. O que, nesse caso, significa dar duas batidas na porta aberta.

— Bom dia, querida! Tem pães quentinhos esperando! — dona Lucrécia cumprimenta, e em alguns segundos já me encontro sentada à mesa com um prato à minha frente. Prato este que ela não demora a preencher com todo o tipo de pães e frutas.

Sirvo uma caneca de café agradecendo mentalmente a ausência de xícaras sobre a mesa — afinal, quem toma café em algo tão minúsculo? — e rapidamente começo a mastigar.

— Dormiu bem? — ela pergunta, e eu me limito a balançar afirmativamente a cabeça por conta da boca cheia.

O gesto é insuficiente para exprimir a qualidade do meu sono. Para falar a verdade, não durmo tão bem e profundamente há algum tempo. A junção do cansaço da viagem com o silêncio absoluto somente encontrado em lugares remotos fez com que eu dormisse como uma pedra.

Ela sorri amplamente, como se

compreendesse meus pensamentos.

— Bem diferente de dormir na cidade, não é?

Balanço novamente a cabeça, e ela se senta em uma das outras cadeiras.

Depois que esvazio o prato e bebo uma quantidade avantajada de café para ajudar tudo a descer, sinto-me um pouco mais acordada e pronta para encarar o dia.

— Sabe que horas o advogado vem? — pergunto.

Dona Lucrécia solta um suspiro entre um gole e outro de café, e então responde:

— Ele não deve demorar. — Seus olhos correm até o relógio redondo de parede sobre a porta, e depois voltam para mim. — Marcamos com ele às dez.

A informação me diz duas coisas importantes. Uma é que eu preciso me aprontar em tempo recorde se quiser estar apresentável. E a outra é que, pela primeira vez nos últimos dias, eu consegui acordar cedo sem a ajuda de um despertador. Realmente, os ares da fazenda parecem mesmo ter um efeito inédito sobre mim.

Enquanto saboreio uma última caneca de café, decido testar as águas e conhecer um pouco mais sobre a governanta à minha frente.

— A senhora vive aqui há bastante tempo?
— questiono, e o sorriso saudoso em seus lábios praticamente responde minha pergunta.

— Muitos anos, menina. Poderia dizer que cresci em Mirassol... — A expressão se torna quase sonhadora, e não posso deixar de sorrir em resposta.

— Mirassol?

Que eu saiba, Mirassol é uma cidade, porém fica a uma considerável distância de Nova Paz. Considerável o suficiente para inviabilizar uma relação entre as duas.

O ponto de interrogação impresso em meu rosto faz com que dona Lucrécia se apresse em explicar:

— É o nome da fazenda. Você não viu a placa de madeira quando passou pela entrada, ontem à noite?

Antes que eu possa responder, o filho de dona Lucrécia entra pela porta que dá para a parte

PERIGOSAS NACIONAIS

de trás do casarão, mas não sem antes bater a sola das botas de couro para tirar a terra. Seus olhos, que eu percebo agora que são azuis tão claros que parecem piscinas, se fixam em mim e ali permanecem por um longo momento.

Tempo suficiente para que eu me lembre dos meus trajes: um pijama com estampa de ursinhos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 06

Depois de ser tomada por um sentimento que não pode ser descrito como nada menos que mortificação absoluta, eu corro até o quarto e visto a primeira coisa que encontro pela frente. No caso, a roupa que usei no dia anterior.

Antes de retornar à cozinha, no entanto, as vozes vindas do aposento me informam da presença de doutor Alberto. Sei que sua visita é essencial para que eu saiba exatamente o que a posse da fazenda envolve. É claro que não seria tão fácil quanto chegar e declarar que agora tudo é meu.

Três olhares se voltam na minha direção e eu me sento novamente à mesa, em completo silêncio.

— Ora, bom dia, Nina — doutor Alberto Vieira cumprimenta, e eu sorrio em resposta.

O advogado está bem diferente do que eu me lembro. É como se estivesse disfarçado, tentando, sob a camisa de flanela enfiada dentro dos jeans, camuflar sua aparência dentre os locais. É uma

ideia espirituosa.

— Como foi a viagem? — pergunta, e não consigo reprimir um suspiro.

— Demorada. Muito demorada.

Dona Lucrécia solta uma exclamação.

— Pobrezinha! Dormiu como uma pedra. Nem deve ter ouvido a bagunça que Dorinha fez logo cedo.

— Dorinha?

— Logo ela aparece. Deve estar importunando as galinhas ou tirando uma soneca debaixo da caminhonete de Túlio. Não sei como ainda não foi atropelada... — ela continua, e eu me pego imaginando quem ou o quê é a tal Dorinha.

Doutor Alberto logo interrompe:

— Você veio de quê? Eu costumo pegar o trem; leva um pouco mais de tempo, mas gosto da experiência. É quase como voltar ao passado — confidencia, satisfeito.

Trem! Estou oficialmente no fim do mundo.

Antes que eu possa exteriorizar meu espanto, no entanto, Túlio faz com que a conversa retorne ao rumo devido:

— O senhor veio falar sobre o testamento de Ricardo?

O advogado oferece um sorriso consternado, e em seguida bate com uma das mãos no ombro de Túlio num gesto masculino de afeição. Apesar de não compreender, é notável que os dois se conhecem há um bom tempo. Sou tomada por uma sensação de não pertencimento que corrói lenta e quase imperceptivelmente a muralha que coloquei para me separar dessas pessoas. Ninguém gosta de se sentir como um completo forasteiro.

— Sim, eu vim falar sobre o testamento — Seus olhos se voltam para mim. A sobriedade após o rápido momento de descontração se apresenta e se abate sobre todos como uma quinta presença à mesa do café da manhã. — Nina, você deve escutar com atenção ao que eu vou dizer.

Apesar dos olhos fundos e, agora eu sabia, bondosos, as palavras soam como um aviso. Um aviso que faz com que um calafrio percorra minha espinha.

— É claro, prossiga. — Tento empregar um profissionalismo saído sabe-se lá de onde, e então

entrelaço as duas mãos sobre a mesa, no aguardo, enquanto doutor Alberto suspira pesadamente e percorre o rosto enrugado com uma das mãos.

— Veja, como eu disse alguns dias atrás quando estive em São Paulo, Ricardo deixou a fazenda para você.

Assinto, mas não digo uma palavra. Algo na frase me parece suspeito, quase como um asterisco em letras diminutas numa cláusula. É claro, o advogado deve estar acostumado com adendos e exceções, como deve ser o caso.

Eu me pego seriamente duvidando que Ricardo tenha deixado para a filha que sequer conheceu todo o fruto de seu trabalho assim, sem nenhuma condição absurda. Deve ser uma armadilha.

Doutor Alberto continua:

— Entretanto — Meu rosto se contrai em uma careta involuntária. —, ele gostaria que você soubesse que pode rejeitar, se quiser.

— Espere — interrompo. — Eu não preciso ficar com a fazenda, é isso? E o que vai acontecer com ela?

O advogado dá um meio sorriso, tão pequeno que seria imperceptível se eu não estivesse prestando tamanha atenção. Cada palavra é acompanhada de sirenes desenfreadas que me alertam sobre o perigo iminente.

Estremeço.

— Caso você recuse, a posse da propriedade passa a ser de Túlio Flores.

Os olhos de doutor Alberto vão dos meus para Túlio, que está sentado ao seu lado. Quando minha atenção também se volta para ele, surpresa, percebo que a notícia talvez o tenha pego desprevenido também. Ou então Túlio é um ótimo ator, um dos melhores que já vi.

Estreito os olhos, tentando enxergar algum sinal de vacilo. Isso tudo é muito conveniente para todos aqui, percebo. Se eu resolver que não quero ter nenhum vínculo com a fazenda, então tudo continua como está. Muito melhor, até, já que os atuais moradores não seriam mais empregados, e sim proprietários.

Finalmente vejo que, apesar do sangue que compartilhamos, não conheço mesmo nada sobre

Ricardo. Não sei como ele chegou a essa decisão, ou com quem conversou para debater suas opções. Eu não o conheço, não conheço nenhuma dessas pessoas cujo futuro parece depender das minhas escolhas daqui para frente. E considerando a importância das minhas escolhas para elas, como posso conhecê-las realmente?

A mão de dona Lucrécia pesa sobre a minha, e eu a encaro por um momento. Seus olhos azuis conversam com os meus, cheios de sentimento. O que mais me confunde é que a afeição que vejo neles parece genuína, apesar do que acabo de saber.

A voz da minha consciência sussurra algo em meu ouvido, uma possibilidade da qual me esqueci. Não é nenhuma surpresa que a voz soe exatamente como Bea.

— E se eu ficar com a fazenda e vendê-la? Posso fazer isso? — desafio. A mão de dona Lucrécia aperta a minha mais uma vez e uma linha de consentimento surge no lugar de seu sorriso terno.

Túlio revira os olhos à minha frente, como se pensasse que só quero vender a fazenda para que

ele não fique com ela. Ora, eu nem mesmo o conheço! Certamente não lhe concedi o direito de especular o que pretendo fazer ou não.

Doutor Alberto dá de ombros.

— É claro. Se a fazenda for sua, você poderá vendê-la se quiser. Mas é preciso que mantenha a propriedade durante cinco anos.

Subitamente, sinto-me como um animal enjaulado. Não existe qualquer possibilidade de que eu escape ilesa.. Se por acaso desistir da fazenda, volto para o apartamento em São Paulo da mesma forma que saí, ou seja, desempregada e sem perspectivas. A pior parte, se é que é possível eleger alguma, é que Ricardo parece ter previsto exatamente essa situação.

Que diabo! Levanto-me, empurrando a cadeira ruidosamente para trás. O silêncio que se segue é tanto que eu seria capaz de escutar uma agulha cair. Então, uma gargalhada histérica escapa do meu corpo, tão diferente da minha habitual risada, que até eu mesma me assusto.

— Isso é alguma piada? Cinco anos?!

— Receio que não, Nina. Essas são as

condições que Ricardo Campos determinou — doutor Alberto responde, e sua voz soa absolutamente profissional. Sei que naquele momento ele não é mais o senhor de jeans e camisa xadrez sentado à mesa de uma cozinha rústica, e sim o advogado sério e respeitado da capital.

A mudança no teor da conversa me desconcerta, e eu volto a me sentar. Apóio os cotovelos sobre a toalha de mesa e enterro as mãos no meu cabelo, massageando o couro cabeludo com as pontas dos dedos. O gesto costuma silenciar qualquer dor de cabeça, mas dessa vez é inútil. Nem sei se é dor de cabeça que identifico ou o peso da traição sobre meus ombros.

Respiro fundo uma, duas, três vezes, mantendo os olhos fechados. As outras pessoas me encaram enquanto tento pensar em uma resposta diplomática o suficiente para que eu ganhe tempo, pelo menos até conseguir falar com Bea. Detesto ser tão dependente de seus conselhos, mas tudo de que preciso agora é sua orientação judicial.

— Eu preciso responder agora, assinar alguma coisa...? — questiono em um fio de voz.

— Seria o ideal, mas compreendo que é muita informação para assimilar — o advogado responde, a voz retornando ao tom quase paternal. Ele me encara com uma expressão que não consigo decifrar, e continua: — Eu era um grande amigo de Ricardo, e sei que ele gostaria que você pensasse com calma.

A única coisa que consigo fazer é assentir com a cabeça, e simplesmente deixo de ouvir quaisquer outras palavras ao meu redor. A conversa continua, mas sinto como se observasse o mundo através de uma cortina de vapor espessa e intransponível.

Risadas, mais conversa e o sibilo de um novo bule de café.

— Quanto tempo faz? — pergunto.

Dona Lucrécia coloca a mão quente sobre o meu ombro, e meu corpo se encolhe com o contato. Mesmo assim, ela não retira a mão, e tento concentrar toda a minha atenção na superfície de pele que encosta na sua.

— Quanto tempo faz o quê, querida? — ela pergunta com doçura, a voz calma e baixa como se

temesse espantar um animal arisco.

Não deixo de reparar no termo que ela usou para se referir a mim, mas contenho o sentimentalismo que ameaça aflorar. Não é o momento.

— Quanto tempo faz que Ricardo... — esclareço, movimentando a cabeça para indicar o que quero dizer. Não existe forma delicada de se referir à morte, não realmente, ainda mais considerando o apreço que aquelas pessoas pareciam nutrir por ele.

— Dois meses — Túlio responde, sua voz adquirindo uma suavidade que eu não esperava ouvir.

Dona Lucrécia estende a outra mão, a que não está no meu ombro, e a coloca sobre um dos braços dobrados do filho para oferecer um aperto reconfortante. O momento parece íntimo, talvez íntimo demais para que eu o compartilhe, e me levanto.

— Preciso pensar um pouco — anuncio a ninguém especificamente, e me dirijo até a porta que separa a cozinha do chão de terra batida e

alaranjada.

Antes mesmo de ouvir a resposta, já estou do lado de fora do casarão, com o sol sobre a pele e o cheiro selvagem de mato a guiar meus passos. Sigo na direção de um caminho largo separado da relva por fileiras de pedras brancas, agora manchadas pela cor da terra. Não tenho a menor ideia de para onde estou indo, porém continuo andando.

O céu é uma imensidão clara despida de nuvens, e a quentura começa a incomodar o topo da minha cabeça. É claro que eu não me lembrei de trazer um chapéu, mas tenho a insanidade da ocasião ao meu favor. A última semana virou minha vida de cabeça para baixo, modificando completamente a rotina mansa que eu levava. Se a mudança foi para melhor, ainda é cedo para decidir.

Estou com os sapatos errados para caminhar na terra, e pedrinhas começam a se alojar entre meus dedos dos pés, dentro das sapatilhas. Olho para trás, e o casarão continua ali, imóvel. Mais adiante no caminho que sigo, uma construção de madeira e tijolos aparece depois de uma bifurcação. As imensas portas estão abertas, e a sombra que se

PERIGOSAS NACIONAIS

esconde lá dentro é mais tentadora do que provavelmente deveria. Sem pensar duas vezes, apresso o passo.

O cheiro inconfundível é a primeira coisa que me alerta da presença dos animais, mais precisamente de um. O estábulo tem seis baias, cinco com portas completamente abertas, das quais fardos de feno esparramam para fora. E só sei que a outra abriga um animal devido ao focinho dourado que me encara com desconfiança sobre a divisória da porta fechada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 07

No mesmo instante em que faço contato visual com o cavalo, meu celular começa a tocar do bolso dos meus jeans, fazendo o animal se agitar e bater com os cascos contra a porta da baia. A madeira estremece e estala, e por um momento temo que não seja suficiente para conter a perturbação.

Sem saber ao certo se devo tentar acalmá-lo ou jogar o celular longe, decido acabar logo com o barulho insistente. A voz conhecida de Bea me surpreende do outro lado, me enchendo de alívio e remorso ao mesmo tempo.

— Bom saber que continua viva, sua desnaturada! — exclama, e eu me afasto da baia o mais silenciosamente que consigo.

O cavalo ainda arqueja contra a porta e relincha antes que eu consiga chegar à entrada do estábulo, por onde um longo feixe de claridade entra e percorre o piso cimentado. Do lado de fora,

PERIGOSAS NACIONAIS

encosto-me numa parede e então respondo:

— Bea! Como você sabia que eu precisava falar com você?

— Obviamente não sabia, só estou cobrando o que você não fez desde ontem! Achei que o ônibus tivesse capotado em algum buraco — explica, e eu solto uma gargalhada.

Mesmo as palavras de repreensão me fazem sentir leve, e uma onda de saudades se abate sobre mim. Tudo que preciso é a voz de Bea para me transportar de volta para o lugar ao qual pertenço, e não é aqui.

— Ah, isso não. Foi mais como uma avalanche — suspiro.

Um pássaro risca o céu ao longe, e preciso colocar a mão que não está ocupada com o telefone sobre os olhos para acompanhar o caminho que ele faz.

— Como assim? Aconteceu alguma coisa? As pessoas daí tentaram te prejudicar de alguma forma? — A preocupação é evidente em sua voz, e me pego negando com a cabeça, ainda que Bea não possa me ver.

PERIGOSAS ACHERON

— Não! Quer dizer, acho que não. O advogado do Ricardo veio aqui para me falar dos termos do testamento. Não são nada bons...

Bea solta um muxoxo.

— Imaginei que não seria um passeio no parque, mesmo. E o que ele disse? Quais são os termos?

Meu corpo escorrega pela parede e logo faz contato com o chão. Estico as pernas para frente e encaro meus pés nos sapatos sujos de barro antes de responder.

— Não posso vender a fazenda por cinco anos, se escolher ficar com ela. Ou então, posso declinar a herança, e nesse caso tudo ficaria para Túlio. Em resumo, é isso — explico.

— Mas que merda! — exclama, e arregalo meus olhos com o palavrão. Bea não usa esse tipo de linguajar a não ser que esteja extremamente irritada ou frustrada, então deve ser uma dessas situações.

Não nego que sinto algo bem semelhante.

— Bem, eu não li o testamento, mas posso te enviar uma cópia, se quiser — ofereço, imaginando

se ainda há algo a se fazer. Apesar disso, a oferta é vazia. Sei que, independente do que se possa argumentar legalmente, aqueles são os últimos desejos do homem cuja metade do material genético foi responsável pelo meu nascimento.

— É perda de tempo — Bea rebate. — Dei uma pesquisada nesse doutor Alberto Vieira, e o cara é bom. Além disso, um testamento é praticamente irrefutável.

Deixo que um silêncio contemplativo ocupe alguns momentos da ligação enquanto tento ver sentido nos meus pensamentos. A verdade é que não sei o que devo fazer. Não tenho um trabalho para o qual voltar ou algo grandioso que poderia perder estando aqui. Também não é só a intenção de não deixar que outras pessoas se aproveitem dos bens de Ricardo que me faz titubear frente à decisão.

Talvez, mesmo que seja só uma ínfima parte minha, eu deseje ver onde isso vai dar. E, principalmente, quais partes da minha história poderei recuperar conhecendo mais da fazenda Mirassol.

PERIGOSAS NACIONAIS

Solto um longo suspiro, ao qual Bea responde da mesma forma.

— Então acho que só me resta fazer uma coisa.

— Juro que se você disser que vai fazer as malas e voltar, faço questão de ir até a rodoviária só para te colocar de volta dentro do ônibus — declara, e mais uma vez eu me pego gargalhando.

— Nada disso. Vou ficar aqui, ao menos por um tempo. Sei lá, posso acabar gostando... — dou de ombros, e sinto a exclamação animada de Bea reverberar pelo celular que mantenho colado ao rosto.

— Isso!



Caminho sem pressa de volta ao casarão.

O céu, que antes se mostrava perfeitamente azul e sem uma única nuvem, agora anuncia a chegada da chuva em estrondos que me fazem estremecer. Um novo clarão irrompe entre nuvens escuras e pesadas, mas eu não penso em andar mais rápido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na verdade, no ímpeto de clarear as ideias, fui mais longe do que imaginei. Demoro cerca de quinze minutos para chegar à bifurcação que me levou ao estábulo e, na metade do caminho de terra até o casarão, a chuva começa a cair.

Bem diferente do que acontece na cidade, a chuva não inicia seu trajeto até o solo de maneira gradual, um pingo de cada vez, para depois adensar e banhar tudo que encontra pela frente. Conforme a terra vermelha se torna fofa com a umidade no ar, o aguaceiro cai torrencialmente. Quando finalmente chego à porta da cozinha, a mesma pela qual saí mais cedo, estou ensopada e coberta de lama da cabeça aos pés.

O ambiente ainda cheira levemente a bolo, pão de queijo e café, mas não há mais ninguém aqui além de mim. Deixo meus sapatos irreparavelmente danificados encostados à parede, do lado de fora, e sigo descalça na direção das escadas o mais silenciosamente que posso.

Entrar no quarto agora que já o conheço não é menos surpreendente que da primeira vez. Sob a luz pálida da tarde chuvosa, as cortinas brancas e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esvoaçantes fazem com que tudo pareça etéreo. Ainda não sei como conheço as paredes ao meu redor, mas a sensação de familiaridade não me abandona. É como se eu soubesse a posição exata da janela e dos móveis por instinto, e sei que é mais que intuição ou senso estético.

Então, um pensamento errático cruza minha mente. Foi neste quarto que passei meus primeiros meses, o início de tudo.

Como numa viagem no tempo, consigo ver exatamente onde o berço estaria. A poltrona virada para a janela ainda é a mesma, e o cesto de vime que ficava ali agora serve como baú aos pés da cama.

Eu me lembro da cômoda de cerejeira e das prateleiras que decoram as paredes, e para ser honesta, até o tapete trançado parece ser o mesmo. Meus olhos vagam de um lado para o outro do quarto numa trajetória mais rápida que o pensamento, e me vejo no centro de um turbilhão de lembranças.

O som de batidas na porta é o que me desperta para o presente, afinal.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode entrar — respondo fracamente.

Dona Lucrécia coloca a cabeça para dentro do quarto e percebo preocupação em seus olhos azuis. Talvez ela se pergunte o motivo de eu ainda estar com as mesmas roupas enlameadas sem me atentar aos rastros que posso deixar por toda a parte. Na verdade, eu não pensei no assunto tanto quanto deveria.

— O que aconteceu? — ela pergunta prontamente, sentando-se ao meu lado na cama.

Minhas mãos vão imediatamente ao rosto, e o encontro úmido. E acho que não é só por causa da chuva, mas não posso ter certeza.

— Nada, eu acho. — dou de ombros. — Conversei com uma amiga sobre o que doutor Alberto disse, e decidi ficar por um tempo.

O sorriso de dona Lucrécia se abre numa expressão de pura felicidade.

— Isso é ótimo! — ela lança os braços ao meu redor num abraço apertado e, confesso, reconfortante. Além disso, ela também parece não se importar com meu estado pouco apresentável.

Enquanto o calor do abraço me embala,
PERIGOSAS ACHERON

esqueço por um momento das preocupações que nublaram meu raciocínio nas últimas horas. Não penso nas intenções que dona Lucrécia ou Túlio podem ter ao me aceitar aqui, nem que a recepção calorosa por parte da governanta foi construída a partir de insinceridades.

Só posso atestar a respeito do que sinto, e, neste momento, não me sinto nada menos do que excepcionalmente amada.

Quando o abraço afrouxa e dona Lucrécia se afasta, noto a leve vermelhidão no seu rosto arredondado. A umidade em seus olhos também não passa despercebida.

— Ora — ela ri, deixando escorrer uma ou duas lágrimas. — Não ligue para mim. É emocionante ter você de volta, só isso.

— De volta?

Dona Lucrécia corre os olhos pelo quarto e suspira antes de se voltar para mim. As mãos ligeiramente enrugadas apertam as minhas sobre a manta que cobre a cama.

— Você nasceu aqui, e este era o seu quarto. Ainda é. — Com um gesto, ela indica o porta-

retratos sobre a cômoda. Eu me levanto para apanhá-lo.

Por trás da moldura de madeira envelhecida, vejo minha mãe. Os longos cabelos castanhos brilham ao sol enquanto o sorriso que conheço bem se abre no rosto corado. Ela segura um bebê roliço que mal abriu os olhos; uma versão minha vinte e cinco anos mais jovem. O homem ao lado dela, com uma das mãos ao redor de sua cintura, usa chapéu de *cowboy* e botinas de couro. O visual é semelhante ao de doutor Alberto e Túlio, e imagino que tal indumentária seja comum por aqui. Ainda assim, é a primeira vez que o vejo. Ou pelo menos a primeira vez depois de crescida.

Assim como aconteceu com o quarto à minha volta, eu reconheço o rosto bronzeado e as pequenas rugas que surgem em seus olhos quando sorri. Ou sorria, repreendo-me mentalmente. A lembrança pode ser real, mas nada daquilo importa mais. Ricardo Campos é o motivo de eu estar em Nova Paz agora, e minha mãe é um anjo sob a terra, metaforicamente falando.

Coloco o porta-retratos novamente sobre a

cômoda, dessa vez com a fotografia virada para baixo. A imagem em si não é suficiente para me assombrar, mas é um lembrete da vida que eu poderia ter vivido. Além disso, é um lembrete de que eu não tive qualquer escolha sobre isso.

— Quem tirou essa foto? — questiono, saindo do estupor.

— Eu tirei — dona Lucrécia responde. — Lembro que dona Carmen queria que Túlio saísse também, mas eu não deixei. Era melhor que vocês tivessem uma foto oficial da família.

O que claramente não bastou para que nos mantivéssemos unidos, completo mentalmente com azedume.

— Quantos anos ele tinha? Túlio, quero dizer.

— Dois, mas era impossível de controlar. Vivia se metendo em encrenca e falando pelos cotovelos... — recorda com um tom saudosista na voz.

A expressão em meu rosto deve revelar toda a minha incredulidade, pois dona Lucrécia sorri e responde à pergunta silenciosa:

— Ele não nasceu reservado e caladão. Não sei dizer por que ficou assim. Coisa da adolescência que continuou, penso eu.

Balanço a cabeça em concordância, sem saber o que responder à revelação. De alguma forma, sinto que estou prestes a aprender muito mais do que posso prever sobre o garoto que não conheci e todo o universo que compartilhamos, ainda que à distância.

Capítulo 08

Acordo cedo em minha segunda manhã paziguar, nome dado aos nascidos em Nova Paz. E, depois de ontem, sei que essa não é realmente a minha segunda manhã. A verdade é que acordei paziguar todos os dias desde que nasci, e continuarei acordando paziguar por mais que fuja. Ninguém consegue negar as próprias origens por muito tempo, e não sou a exceção.

Desço para o café da manhã com o humor de quem finalmente se conformou com o próprio destino, e cujas rédeas pretende tomar a partir de agora. Encontro Túlio à mesa, e uma olhadela no relógio de parede acima do fogão à lenha informa que não passa das sete da manhã. O *cowboy* continua austero, mas levanta os olhos da xícara de café com leite quando me aproximo. Por mais que eu me esforce, não consigo resgatar nenhuma lembrança ou vislumbre dele entre as tantas outras coisas das quais me recordo.

— Bom dia — ele cumprimenta, e eu me surpreendo com a sinceridade contida na saudação.

Respondo com um sorriso antes de sentar à sua frente na mesa forrada de pães e bolos.

— Acordou cedo! — dona Lucrécia comenta ao colocar uma fornada de pães de queijo entre nós. O perfume é quente e inebriante e me faz salivar em antecipação.

— Acho que fui contaminada com os ares do campo — respondo, e ela solta uma risada calorosa e satisfeita.

— Muito bem, quais os planos para hoje?

Dou de ombros.

— Não sei. Seria interessante conhecer a fazenda, talvez.

— É uma ótima ideia. Túlio pode levar você para ver a propriedade — declara, e meus olhos imediatamente se voltam para o *cowboy*. Pela expressão em seu rosto, a notícia também o apanhou de surpresa.

Não respondo de imediato.

Ainda que não deseje me impor, não sei ao certo o que posso pedir ou esperar, então não

PERIGOSAS ACHERON

respondo de imediato. A incerteza é desconcertante.

Túlio assente quando nossos olhares se cruzam novamente, e eu me sinto aliviada.

— Deixei um par de botas para você lá fora. — ele se levanta, e então completa: — Espero na caminhonete.

Volto minha atenção para dona Lucrécia, e a encontro também em silêncio estupefato. Se Túlio aprendeu tudo que sabe sobre comunicação com alguém, certamente não foi com a mãe. Os dois têm em comum apenas a aparência; têm os mesmos olhos azuis e o cabelo louro escuro. Mas a governanta é miúda e tudo nela expressa acolhimento, e, além disso, seu cabelo já se tornou quase que completamente grisalho. Diferente da mãe, Túlio é alto, quase imponente, e não há nada ali que se assemelhe a um convite para a aproximação.

Engulo um pão de queijo com a ajuda de um bom gole de café e, com um longo suspiro, sigo na direção da porta. Ao lado do batente, do lado de fora, encontro um par de botas de couro opaco,

canos altos e forro lanado. São um pouco maiores do que o número que calço habitualmente, ou ao menos é o que imagino ao vê-las, mas meus pés logo se moldam ao interior confortável.

Olho ao redor e não vejo a caminhonete azul de duas noites atrás em parte alguma. As botas afundam na lama da chuva enquanto procuro, formando pegadas grandes e viscosas. Começo a imaginar que Túlio se teletransportou para outro lugar quando o ronco alto do motor estoura, alertando-me de sua localização.

Dou a volta no casarão desviando das poças lamacentas e encontro o *cowboy* dentro do veículo, o pé muito provavelmente sobre o acelerador fazendo aquele ruído exagerado que só os carros muito velhos são capazes de fazer. Ele colocou um chapéu de couro sobre os cabelos louros ainda úmidos, e a imagem diante de mim beira o caricato.

No fundo, sei que aquilo só é cômico devido à minha criação na cidade. Aqui, no meio do grande nada que é Nova Paz, a caricatura sou eu.

— Não vai entrar? — ele pergunta, colocando um dos braços para fora do veículo. O

gesto é surpreendentemente charmoso, considerando minha linha de raciocínio anterior.

Tropeço em direção ao banco do passageiro, espalhando lama por toda parte. Quando finalmente abro a porta, minha exclamação provoca em Túlio uma gargalhada exuberante.

— Qual é a graça?! — reclamo, cruzando os braços.

— Nenhuma — ele responde, ainda sorrindo descontraído. Então, indica o cão amarelo e gordo no banco da frente com um gesto. — Nunca pensei que alguém se assustaria com a Dorinha.

Encaro a cadela, que me olha com profundos olhos cor de mel. O rabo espesso se agita contra o estofamento da caminhonete, erguendo uma nuvem de pelos cor de areia no ar. Instintivamente, afago-a atrás de sua orelha.

— Foi só a surpresa. Dorinha é um amor, não é, garota? — Ela responde ao tom carinhoso e ameaça pular pra cima de mim. Por sorte, Túlio a segura pela coleira de couro e a arrasta de volta ao banco.

— Sinto muito, mas você precisa ir para a

carroceria. — O jeito com que ele a trata é como se falasse com outro ser humano, calmo e racional, e a julgar pela expressão de piedade que a cadela lança em seguida, compreensível. Ele a afaga na barriga rosada algumas vezes, e a cadela então decide obedecer.

Num salto trôpego por conta do peso excessivo, Dorinha pula para a carroceria do veículo através da abertura atrás dos bancos. O espaço parece insuficiente para sua passagem, e por um momento imagino que ela vai ficar entalada ali. No entanto, num movimento de sacolejar do corpo amarelo, Dorinha escorrega vitoriosa para o outro lado.

Túlio espana com uma mão os inúmeros pelos do estofado sem que eu comente nada. Pergunto-me se ele sabe que sou veterinária e que, na verdade, não me importo nem um pouco com pelos ou baba na roupa. Ainda que eu não exerça a profissão, nem qualquer outra, sei que tudo isso faz parte.

— Pronto, pode sentar — diz, e eu logo entro no veículo e coloco o cinto de segurança sob seu

olhar inquiridor.

— O que é? Não se usa cinto por aqui ou a intenção é ser jogado para fora quando o carro bater numa árvore? Não pretendo morrer assim, muito obrigada.

Seu rosto se fecha no mesmo instante, e ele pisa no acelerador sem responder. Mesmo assim, não afivela o cinto antes de partir.

O solavanco faz com que eu me segure com uma das mãos à alça de segurança no teto, embora não confie cem por cento na capacidade daquilo me salvar caso Túlio perca o controle do veículo. A caminhonete segue pela estrada enlameada, deixando o rastro dos pneus para trás.

Não me atrevo a fazer mais nenhum comentário por um bom tempo.

Quando finalmente decido interromper o silêncio, o *cowboy* parece ter desfeito a expressão carrancuda do início. Agora, está apenas pensativo enquanto fita a interminável estrada de terra diante de nós. Não sei quanto tempo faz desde que a viagem começou, mas considerando a imensidão à frente, a propriedade é ainda maior do que eu

suspeitava.

Meus olhos baixam do para-brisa para meus pés. As botas.

— Como você sabia que eu precisava das botas? — questiono.

Enquanto aguardo a resposta, espio Túlio com o canto do olho e o vejo exprimir um meio sorriso. É mais do que o suficiente para eu saber que, qualquer que tenha sido o motivo de seu desconforto, por ora estou perdoada.

— Imaginei que você não iria querer estragar outros sapatos de cidade nessa lama — explica, dando de ombros de maneira quase displicente.

Estremeço à menção das sapatilhas arruinadas ontem durante minha caminhada até os estábulos e viro em direção à janela aberta. O ar que bate contra o meu rosto é refrescante e aromático. Uma mistura exótica de capim e terra úmida, ou algo parecido. Ao fundo, uma pungente fragrância revela que não estamos tão distantes de alguma criação de animais.

O pensamento é estranhamente nostálgico e me carrega diretamente para os primeiros semestres

da faculdade, quando eu ainda não havia dedicado o restante do curso ao trato de animais mais urbanos.

— E também — Túlio continua. — eu sabia que mais cedo ou mais tarde você iria querer explorar o resto da fazenda. Já que vai ficar com ela, é bom que conheça toda a propriedade.

Levanto os olhos da paisagem de interminável verde e marrom e me volto em sua direção. Não enxergo qualquer sinal de ironia ou sarcasmo em seu rosto, e a imagem não se encaixa.

Não faz sentido que Túlio trate de forma tão séria e final o fato de que vou ficar com a fazenda na qual ele cresceu, e que também é o lar e o fruto do sustento de dona Lucrécia. Existe alguma coisa ali, alguma piada por trás do rosto impassível projetado para me confundir. E vou descobrir o que é.

Empino o nariz e volto a fitar o campo, agora margeado por cercas de madeira e arame, sem estender a conversa. Estamos no limite da propriedade e, à frente, consigo enxergar uma construção semelhante ao estábulo que visitei

ontem. Um SUV prateado está estacionado nas proximidades, de onde um rapaz todo vestido de branco tira uma maleta do banco do passageiro.

Túlio se aproxima com a caminhonete e para ao lado do SUV, fazendo com que o homem do lado de fora salte no último instante para dar espaço.

A primeira coisa que passa pela minha cabeça quando coloco meus olhos no rapaz é que Bea ficaria absolutamente louca se o visse.

Túlio abre a porta e sai da caminhonete sem qualquer aviso de que chegamos ao destino, embora isso seja óbvio. Mesmo assim, não consigo deixar de pensar que o *cowboy* precisa de uma ou duas, ou várias, lições de etiqueta.

Dorinha, da qual eu até então havia me esquecido, se pronuncia num latido rouco e empolgado atrás de mim, e meu coração vai parar na garganta com o susto. A cadela salta para fora da caminhonete com agilidade apesar do sobrepeso e corre até o homem desconhecido, esticando as patas sobre ele num abraço caloroso.

O homem se abaixa e cumprimenta Dorinha

sem se importar com a possibilidade de encardir as roupas brancas, e a simplicidade do seu gesto me provoca um sorriso. A cadela está tão feliz por vê-lo que não consigo imaginar que seja uma má pessoa. Os cães não se enganam.

Por fim, ele se levanta voltando a atenção para Túlio, que observa a cena com cara de poucos amigos, embora eu suspeite que tenha sido a única a notar a antipatia. Os dois se cumprimentam com um aperto de mão.

— Pode sair, nenhum bicho aqui vai te morder! — Túlio exclama na minha direção, o que só serve para alimentar a animosidade que sinto.

Salto para fora da caminhonete e bato a porta com um pouco mais de força do que seria estritamente necessário. A expressão divertida do cowboy se desfaz no mesmo instante. Vejo que descobri seu ponto fraco.

— Ah, além dos mosquitos, você quer dizer? Se continuar assim, não vai demorar para que eu pegue uma dessas doenças da moda — retruco, e Túlio cruza os braços na frente do peito.

Ponto para a garota da cidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda não fomos apresentados, mas eu sou Felipe Esposito, o veterinário que cuida dos animais de Mirassol. — Ele estende a mão na minha direção e eu entrego a minha de bom grado. Felipe tem um adorável sotaque do sul.

— Nina Campos — respondo, e Felipe assovia em surpresa. Não posso ver exatamente o que acontece no rosto de Túlio, mas tenho certeza de que ele está revirando os olhos agora.

O veterinário abre um sorriso de dentes extremamente brancos, um sorriso verdadeiro que chega aos olhos acinzentados, e sinto minhas bochechas esquentarem com a atenção.

Minha estadia aqui vai ser no mínimo interessante.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 09

— Eu não sabia que Ricardo tinha uma filha!
— comenta o veterinário, bem-humorado.

Túlio mantém a postura defensiva e carrancuda. Não sei o quanto eram próximos, mas a julgar pelas espessas sobrancelhas franzidas, Ricardo provavelmente o enxergava como um filho ou pupilo. Bem diferente do tratamento que eu tive, pelo visto.

— Ah, ele mesmo não se lembrava disso — respondo com humor, injetando irrelevância no assunto de meu parentesco com o antigo dono da propriedade.

Felipe leva uma das mãos à nuca, sem saber como replicar ao que acabei de dizer. O *cowboy*, por outro lado, me observa com fúria parcamente contida no semblante. Sem dúvidas a alfinetada o atingiu, e não me importo nem um pouco. Se ele idolatra o cara que ignorou a filha pelos últimos vinte e cinco anos, isso não é problema meu.

Uma herança que me deixa sem saídas coerentes também não é suficiente para consertar a situação.

Túlio me encara com frieza, do tipo que faz enregelar até os ossos, e então se volta para o veterinário.

— O que temos por aqui hoje? Algum problema? — Ele indica a construção com um aceno de cabeça, e Felipe logo nega.

— Não, está tudo bem. Só vim dar uma olhada nos cordeiros, curar os umbigos, essas coisas. — Ele olha para mim e continua. — Tivemos muitos nascimentos na última semana.

Consigo assentir apesar da confusão. Embora seja apenas meu segundo dia ali, sei que a fazenda pode vir a me pertencer num futuro próximo e mesmo assim não faço a menor ideia de qual é seu negócio principal. Tudo que eu vi até o momento foi um cavalo estressado e uma labradora obesa e excessivamente alegre.

Minha curiosidade foi atiçada à simples menção de filhotes, independente da espécie. Estico o pescoço na direção da porta, repentinamente

interessada.

— Eles estão ali dentro? Posso ver?

Felipe solta uma gargalhada quase musical para o aparente desagrado de Túlio.

— Claro! Elas são todas suas. — Ele estende uma das mãos para mim, e então gesticula na direção da porta do curral.

Eu me adianto e corro para dentro antes que ele mude de ideia. O interior sob a sombra é bálsamo para meus sentidos superaquecidos pelo sol, e respiro profundamente o odor característico de feno e esterco. De alguma forma estranha e familiar, eu me sinto confortável. Não torço o nariz; em vez disso, recebo a fragrância ansiando por conhecer mais sobre tudo que perdi nos anos em que estive ausente.

Continuo o caminho para dentro espiando ocasionalmente por cima das divisórias nas baias para encontrar o que busco. Finalmente, avisto uma em que uma ovelha gorda e lãzuda amamenta sua réplica perfeita.

O cordeiro tem as extremidades negras e de aparência macia como veludo, quase reluzentes, e o

corpo coberto por minúsculos caracóis de lã cor de creme. A mãe, um exemplar exato da raça *Suffolk*, me encara com os olhos amarelos e baixos numa expressão permanentemente entediada. O filhote dá pequenas cabeçadas no úbere escuro enquanto a cauda se agita, e tenho a impressão de que a ovelha estremece de leve a cada golpe, mas não faz menção de se afastar.

Um verdadeiro exemplo de instinto materno.

— Dalila é uma excelente matriz. — A voz de Felipe faz com que eu me vire abruptamente para trás, de onde ele me encara com um sorriso plácido.

— Dalila? — questiono, olhando da ovelha para ele algumas vezes.

— Ah, sim. Não é bom dar nome aos animais quando sabemos que eles serão abatidos, mas é diferente com as matrizes — responde encabulado, e não posso deixar de achar aquilo tudo extremamente adorável. Não o fato de os animais eventualmente serem abatidos, é claro, mas o jeito como Felipe parece se importar ao menos com as matrizes a ponto de dar nomes a elas, como se

fossem de estimação.

Ele percorre o largo corredor que separa as fileiras de baias, e eu espio para dentro de cada uma. Algumas ovelhas têm dois cordeiros, o que é comum, e todos saltitam pelo pequeno espaço.

— Você os solta de vez em quando? — pergunto. Não imagino como deve ser claustrofóbico permanecer naquele cubículo por muito tempo, e certamente um animal acostumado com grandes espaços deve sentir o mesmo.

Felipe abre uma das portinholas, escancarando-a para dar passagem a uma ovelha e seu filhote. Os dois trotam alegremente até o outro lado do corredor, oposto à entrada por onde viemos. Ele aponta na direção que os animais seguiram antes de me responder.

— Ali é o piquete que nós chamamos de berçário. Solto as mães e os cordeiros por um tempo até que eles sejam mais independentes. E então...

Eu o fito por um longo e silencioso momento, aguardando o restante da frase. Felipe responde com um aceno de cabeça.

— Então... o quê? — insisto, e ele suspira pesadamente.

— Carne de cordeiro é muito valorizada — explica, e eu sei exatamente onde isso vai parar. — Então, nós os separamos para que engordem, e depois vendemos. Aqui é uma fazenda de cria.

— Ah, isso soa mais familiar. Teoricamente, eu sou veterinária também — confidencio. Felipe me encara surpreso.

— Isso é ótimo! Vai ser muito mais fácil falar sobre os animais da fazenda com alguém da área. — O tom de sua voz exprime alívio, o que, por sua vez, faz com que eu me sinta aliviada também. Não contei sobre minha formação para ele se sentir ameaçado ou qualquer coisa assim; foi mais como uma informação que eu quis compartilhar sem um motivo específico.

— Na verdade, eu me formei no ano passado e ainda não tive a chance de trabalhar na área — confesso, tomada por incerteza. Dizer aquelas coisas em voz alta faz com que eu pareça exatamente a garota mais ou menos da qual venho tentando me distanciar. Pela primeira vez, sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

vergonha dela em vez do fatalismo que nunca me permitiu fazer nada a respeito.

Felipe pondera por um momento, e eu quase posso ver as engrenagens trabalhando por trás dos olhos acinzentados. Acabei de conhecê-lo, mas o veterinário se mostra como alguém tão sincero que é como se eu pudesse enxergar através do cabelo escuro diretamente para dentro de sua mente. É engraçado que eu tenha essa percepção, afinal nunca fui muito boa em ler as pessoas.

— Tive uma ideia! Que tal se você me acompanhar no serviço a campo por alguns dias? Assim, pode pegar um pouco de experiência.

Por mais inusitada que seja a proposta, não tenho o ímpeto de negar imediatamente, como sei que faria algum tempo atrás. A possibilidade da nova aventura me enche de expectativa como poucas coisas foram capazes de fazer, e me vejo respondendo antes de sequer considerar uma desculpa.

— Eu vou adorar! Quando começo?

Felipe solta mais uma de suas risadas cativantes, e estou entregue.

PERIGOSAS ACHERON

— Começa o quê? — Túlio se materializa logo atrás de mim, e eu salto no lugar ao ouvir a voz grave e intensa próxima do meu ouvido.

Eu me viro para fitá-lo, e encontro a carranca intrigada de sempre. É inacreditável como não consigo enxergar um palmo através dele, e me pergunto o motivo de seu resguardo tão absoluto.

— Túlio! Nina será minha estagiária por um tempo — Felipe anuncia, orgulhoso. Sinto-me corar até a raiz dos cabelos. — Por que não me contou que ela era veterinária também?

O *cowboy* olha de Felipe para mim, e pela primeira vez consigo enxergar surpresa em sua expressão. Mas ele a disfarça rapidamente por trás das sobrancelhas franzidas e de um desinteressado dar de ombros.

— Eu não sabia, ela não fala muito — responde. Então, percebo um brilho diferente nos olhos azuis, quase enérgico, e ele continua: — Eu tomaria cuidado se fosse você. Não aparenta, mas ela é um pouco dramática.

— O quê?! — exclamo indignada, e Túlio responde com uma gargalhada. — Eu não sou

dramática! Quem você pensa que... *Umpf!*

Ele segura meu antebraço em uma das mãos largas, o que serve para me silenciar imediatamente. Os olhos emoldurados por cílios louro escuros trazem um pedido mudo de desculpas, que eu só consigo ver por um instante. Ao nosso redor, balidos esganiçados ecoam por toda a parte ao longo do corredor.

Apesar do gesto notadamente bruto, é com extrema delicadeza que Túlio me guia, pelo ponto de contato em meu pulso, para a frente do curral. Quando chegamos à entrada, ainda estou em estado de choque. Felipe, que ficou para trás para soltar os outros animais, nos reencontra perto da caminhonete alguns minutos depois.

— Posso contar com você, então? — ele pergunta, esperançoso. Não posso fazer nada se não anuir. — Ótimo! Posso passar na fazenda amanhã pela manhã, umas sete horas?

— Perfeito — respondo. A ideia de passar qualquer período de tempo com Felipe me parece a melhor opção em vista de mais um minuto sequer na presença de Túlio.

O veterinário se despede com um aperto de mãos e um aceno, e desaparece levantando poeira com o SUV pela estrada de terra já seca. Eu continuo observando o caminho que ele fez por alguns minutos, absorta em pensamentos.

Não cheguei a considerar trabalhar como veterinária de grandes animais quando estava na faculdade. A ideia sequer passou pela minha cabeça. Desde o início, eu me via atendendo em uma clínica de bairro, ou mesmo processando amostras em algum laboratório cheio de tecnologia. Mas agora...

— Sabe, o que você disse foi muito rude.

As palavras abandonam meus lábios num só fôlego sem que eu as tenha planejado. Túlio se vira para mim, retirando o chapéu para assentar os cabelos para trás com uma das mãos.

— Eu sei, e peço desculpas — responde. Minhas sobrancelhas vão parar quase no topo da cabeça tamanha a minha surpresa, mas não consigo evitar um sorriso.

— Bem, eu acabei provando o que você disse, no fim das contas — dou de ombros na

minha tentativa de humor, e Túlio sorri de volta.

— Foi uma brincadeira infeliz. Mas não se preocupe, minha mãe me deu uma boa educação, pelo menos na maior parte do tempo — comenta, e a imagem de dona Lucrécia puxando Túlio pela orelha pela fazenda aparece sem ser convidada na minha mente.

— E a parte mal-educada é responsabilidade de quem?

Ele meneia a cabeça com um meio sorriso.

— Minha mesmo. Ela sempre diz que sou cabeça dura...

Dessa vez, sou eu quem caio na gargalhada imaginando as broncas que o cowboy levou quando ainda era muito pequeno para o tamanho do chapéu em sua cabeça.

O latido rouco de Dorinha chama nossa atenção para a caçamba da caminhonete azul, onde ela nos aguarda para partirmos rumo a nossa próxima aventura em Mirassol. E é nesse momento que percebo que acabei de ter uma conversa razoavelmente normal com o *cowboy* sem que ele parecesse ter uma muralha de tijolos ao redor de si.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Eu observo o pôr do sol pela janela da caminhonete no caminho de volta ao casarão. Dorinha, que se cansou de passear na carroceria, agora repousa no espaço entre meu banco e o painel, cochilando com a cabeça sobre meus joelhos.

Dessa vez, o silêncio entre mim e Túlio não é pesado ou tenso, mas contemplativo. Não imagino o que esteja consumindo os pensamentos do *cowboy*, mas os meus estão inteiramente voltados aos acontecimentos de hoje.

Depois do curral e das ovelhas, Túlio me mostrou alguns dos pastos onde mantém os animais num sistema rotativo e me apresentou aos peões e outros funcionários da fazenda. Também mencionou, por cima, que a propriedade tem alguns cavalos de trabalho. Não comentei nada sobre minha visita ao estábulo; esse é um segredo que quero manter por um pouco mais de tempo, se for

possível. Além do mais, o lugar me pareceu perfeito para um refúgio e, depois de hoje, tudo que preciso é colocar as ideias em ordem sem ser incomodada.

Quando a caminhonete finalmente se aproxima do casarão, o sol já se tornou uma lembrança atrás do horizonte, e uma simpática lua sorri baixo no céu. Talvez o momento do crepúsculo seja o mais bonito aqui na fazenda Mirassol, se é que é possível elencar só um, e até o ar tem um aroma diferente, úmido e fresco.

Dona Lucrécia abre a porta da frente com um pano de prato pendurado no ombro, e isso me lembra que, tirando o café da manhã reforçado, não comi mais nada hoje. Apesar disso, meu estômago se esqueceu de roncar ou reclamar do vazio. Talvez tenha cedido a vez aos olhos para que eles pudessem se deleitar à vontade com a paisagem ao meu redor.

— Vocês demoraram! — ela exclama, enquanto Dorinha, já totalmente desperta, saltita entrelaçando-se nas pernas da governanta e quase causando um acidente.

— Esse lugar é enorme — comento, e dona Lucrécia responde com um sorriso esperançoso. Não sei se espera que eu desista da propriedade por ser um desafio muito grande para mim, ou se quer que eu fique com ela. A incerteza me desconcerta.

— Não daria tempo de ver tudo num dia só, mas tivemos que ver o máximo hoje. — Túlio, cuja voz não ouço há um bom tempo, finalmente se pronuncia. O tom é levemente sombrio e mal-humorado, e tento não revirar os olhos de maneira muito óbvia.

— Ora, e por quê? — a governanta indaga, confusa. Quero esclarecer tudo e acabar com a gracinha dele, mas me seguro.

Túlio solta uma risada fingida.

— A garota da cidade é a nova estagiária do *doutorzinho*! — declara, cheio de escárnio. A irritação cresce dentro de mim, e tudo que quero no momento é arrancar dele aquele sorrisinho debochado, custe o que custar. Quem ele pensa que é?!

— Ei! — interrompo antes que ele possa expelir mais alguma gracinha por aquele orifício

irritante que chama de boca. — Para a sua informação, isso é falta de respeito. Doutorzinho?! Tenho certeza de que o doutor Felipe entende mais do que muito médico humano!

O *cowboy* levanta as mãos em sinal de rendição, mas se eu achava que era o fim da provocação, estou redondamente enganada.

— Ah, mas é claro! Você conheceu o *mauricinho* hoje, não sabe nada dele.

— E você, muito menos! — exclamo, subitamente energizada pelo confronto. — Tudo que eu vi hoje foi profissionalismo e atenção, diferente de você, que não perde uma chance de me irritar!

— Você não conhece nada de mim, não sabe de coisa nenhuma! — ele vocifera de maneira sombria, o que faz os pelos da minha nuca se eriçarem. O olhar que Túlio lança na minha direção é tão penetrante que é como se eu fosse perfurada por uma dúzia de agulhas. Ao mesmo tempo, não consigo desviar.

Dona Lucrécia, que até então ficou calada, resolve se pronunciar e interromper a troca de

farpas.

— Túlio! — repreende, colocando as mãos na cintura de maneira autoritária. — Não foi essa a educação que eu te dei!

Ele revira os olhos bem à vista da mãe e suspira pesadamente, num gesto exagerado de enfado. Apesar disso, os olhos azuis param em um ponto acima do meu ombro direito, e eu o escuto murmurar alguma coisa que não consigo decifrar.

— O quê? — pergunto, confusa.

— Eu pedi desculpas! — ele esbraveja, e então atravessa a pequena antessala e sai pisando duro na direção da cozinha. Enquanto caminha, posso ouvi-lo resmungar impropérios, sem dúvidas todos dirigidos a mim.

— Belo modo de se desculpar... — Cruzo os braços, ainda irritada.

— Ora ora... — A governanta observa o filho se distanciar, terminando por bater ruidosamente a porta de madeira antiga atrás de si. Sua expressão é tão intrigada quanto divertida, o que não posso fingir que compreendo.

— Desculpa, dona Lucrécia, isso foi...

inaceitável. Também não foi essa a educação que recebi. — Ela me observa com carinho e algo que se assemelha muito a humor, reações que tenho certeza que não mereço depois do meu comportamento intempestivo. — É só que... *argh!* Ele me irrita, e é de propósito.

A governanta morde os lábios na tentativa de conter o riso, mas isso só faz com que seu rosto se avermelhe. Não demora para que ela desista da batalha perdida, e não posso fazer nada a não ser acompanhá-la. A situação é mesmo estranhamente cômica, apesar da irritação que parecia querer me consumir há dois minutos.

— Desculpa, de verdade — eu digo em meio às risadas, e a resposta de dona Lucrécia é me abraçar. Por ela não ser alta, sua cabeça se encaixa confortavelmente no meu ombro. O cheiro de bolo de milho que rescende do cabelo volumoso e grisalho também é um ponto positivo.

Ela me olha com apreensão quando me afasto repentinamente do abraço, suas duas mãos juntas na frente do corpo. Talvez ela pense que, se tentar me alcançar, isso só vai fazer com que eu me

retraia ainda mais. Sinceramente, prefiro que seja dessa forma, ao menos por enquanto.

— Acho melhor eu subir, já está tarde. Boa noite — eu me despeço antes de disparar pelos primeiros degraus da escada que leva ao segundo andar da casa.

— Não vai jantar?

— Não estou com fome. Hoje o dia foi cheio e preciso descansar — respondo, e ela não tenta me impedir.

São duas e meia da madrugada quando finalmente desisto de pegar no sono.

As imagens nas manchas do teto já se misturaram e formaram uma dúzia de figuras diferentes, e contar carneirinhos só faz com que eu me lembre da visita ao curral e fique ainda mais irritada. Por fim, decido acender a luz fraca do abajur e estudar o quarto ao meu redor, ainda que eu sinta conhecê-lo de outros tempos.

O primeiro lugar onde meus olhos se demoram é a janela, e eu me levanto para afastar as

PERIGOSAS ACHERON

cortinas. As persianas de madeira estão fechadas, mas é com pouco esforço e quase nenhum ruído que também as afasto. Para um casarão deste tamanho e que parece ser tão antigo, até que as dobradiças se encontram bem azeitadas.

Uma imensa árvore estende seus galhos até quase tocarem minha janela. Eu não considero usá-los como escada nem por um segundo, mas alguém mais inconsequente, ou menos medroso, sem dúvidas enxergaria uma chance para sair sem ser descoberto. Eu não me preocupo em ser descoberta, então fecho as persianas deixo o quarto, saindo pela porta como uma pessoa normal.

Munida de um casaco de lã sobre o pijama — não o de ursinhos dessa vez — eu caminho guiada pela luz da lua e das estrelas que pontilham o céu. Não há uma única nuvem para tirar minha visão, e eu sigo a mesma estradinha de terra ladeada por fileiras brancas de seixos. Sob o luar, as pequenas pedras parecem brilhar quase fluorescentes.

Não sei por quanto tempo eu caminho. Ocasionalmente, escuto o longo chirriado das corujas que se escondem no mato, o que faz com

que eu abrace o casaco ao redor do corpo com mais força. Nunca gostei de corujas.

Meus pés fazem um ruído ritmado e alto no silêncio da noite, e tento me concentrar nesse som. Um pouco à frente, avisto o estábulo de dois dias atrás. Nenhuma luz escapa pela porta entreaberta, para o meu alívio.

O rangido que a porta emite quando a abro assusta o cavalo, que sapateia sobre o feno.

— *Shhhh*, sou eu! — sussurro enquanto tato pelas paredes até encontrar uma espécie de estante. Ali, meus dedos rapidamente descobrem uma vela e alguns fósforos.

Ao primeiro contato da chama no pavio, meus olhos ardem. Acendo mais uma vela com a ajuda da primeira, e a deixo sobre a prateleira mais alta da estante. Ali, estão guardados toda sorte de acessórios que, em teoria, deveriam ser familiares.

Coloco a vela que tenho em mãos sobre um prato, e a levo comigo para mais perto do animal que ainda agitado, continua sapateando sobre o feno.

— Olá, garoto — cumprimento, oferecendo o

dorso da mão para que o cavalo a fareje. Imagino que cavalos sejam parecidos com outros animais nesse quesito; precisam se familiarizar primeiro com o cheiro dos humanos ao conhecê-los.

Ele é todo dourado, com uma listra branca que vai da fronte ao focinho cinzento. A crina, assim como deve ser a cauda, é loura e sedosa, e eu me pego observando-a com inveja. A ponta do focinho é macia e faz cócegas em minha mão, mas o animal não parece se importar. Quando a viro com a palma para cima, ele desliza os lábios sobre a minha pele à procura de algo que não encontra.

— Sinto muito, garoto. Eu não trouxe nada para você. — Ele assopra em resposta, e eu rio.

Subo os dedos pelo focinho, acariciando de leve cada centímetro que encontro até chegar às orelhas pontudas e aveludadas. O cavalo parece gostar do carinho, pois pisca demoradamente e, para facilitar, aproxima mais a cabeça de mim.

— Acho que você é a única criatura na qual posso confiar totalmente por aqui — começo. Ele aproxima o focinho do meu outro braço, que está sobre o limite da divisória da baia, e o lambe. — As

peessoas aparentam ser de um jeito e se importar, mas eu não tenho como saber se essa atuação é só para me enganar.

O cavalo pisca e empurra meu braço com o focinho, e entendo a reação como um pedido para que eu continue falando.

— Veja dona Lucrécia, por exemplo. Ela se parece com a minha mãe em tantas coisas, e é tão boa... Quer dizer, se mostra tão boa. Você acreditaria? Mas, também, não faria sentido se ela me tratasse mal. Ah, não entendo! Veja só, ela precisa que eu desista da fazenda para que o filho fique com a propriedade. São os termos do testamento. Mas, se eu ficar com a propriedade, ela também precisa que eu goste dela, goste daqui de Nova Paz e da fazenda, para que ela possa ficar. É tudo tão confuso...

O animal continua em silêncio enquanto o acaricio atrás das suas orelhas. O olhar profundo parece cheio de sabedoria, como se observasse tudo sabendo exatamente as respostas, e então se divertindo às nossas custas porque nós tropeçamos e caímos enquanto as procuramos. Suspiro,

subitamente exausta.

— Você acha que eu devo seguir meu coração dessa vez, não é?

Em resposta, ganho mais uma lambida no meu braço.

— Está bem, vou tentar dar uma chance. Sabe, até que eu estou gostando de passar algum tempo por aqui — confidencio, e quase posso ver o sorriso na face dourada. — Agora, o que você acha que devo fazer quanto ao *cowboy*? Não posso continuar brigando e saindo do controle, eu não sou assim.

À menção de Túlio, ou ao menos é o que imagino, o cavalo resmunga e dá alguns passos para trás, tomando distância. Não posso deixar de soltar uma gargalhada.

— É, eu imaginei que fosse mesmo um caso perdido!

Capítulo 11

— Você pode fazer a *peia* na vaca enquanto eu pego o aparelho no carro?

Meus olhos cansados se viram imediatamente para o veterinário, e minha expressão de incrédula interrogação provoca nele uma risada contida.

— É... O quê?

— Desculpa, eu prometo que não estou rindo de você! — justifica, apesar dos olhos miúdos e apertados de tanta força que ele faz para segurar a reação.

Eu me compadeço pelo esforço, ainda que relutantemente.

— Não, tudo bem, eu realmente não lembro o que é uma *peia*. Sou eu é quem pede desculpas... — Afundo a ponta da bota de couro na terra lamacenta, como uma criança faria ao explicar a travessura cometida. Por mais que tente escapar, é como se a Nina mais ou menos me seguisse aqui também, quando preciso, no mínimo, inspirar

confiança.

Depois de passar boa parte da noite tentando dormir e conversando com o cavalo dourado nos estábulos de Mirassol, voltei para o quarto quando o sol começava a nascer. Apesar do cansaço e do peso nas pálpebras, consegui apenas uma soneca interrompida pouco tempo depois pelo meu despertador. E agora... Agora estou aqui, mais dormindo do que acordada e provavelmente criando uma impressão nem um pouco profissional.

Felipe coloca a mão sobre o meu ombro e aperta os músculos com os dedos fortes. A sensação é tão boa que preciso me conter para não me esticar como uma gata.

— Não dormiu bem? Você está com uma cara péssima... — Eu o encaro estupefata e Felipe percebe a gafe. — Não, não foi isso que eu quis dizer! Você está linda, mas parece cansada — conserta.

Apesar de eu duvidar da sinceridade do elogio, lanço um sorriso agradecido em sua direção.

— Quase não dormi, mas não tem problema. Vamos lá, me ensine a fazer a peia. — Eu seguro

seu antebraço e o puxo delicadamente na direção do *tronco*, uma estrutura grande de ferro que serve para conter os animais maiores para o exame.

Uma vaca acinzentada da raça *Nelore* aguarda enquanto nos aproximamos. Felipe pega a corda pendurada na lateral do tronco e a dobra ao meio, testando o comprimento. Julgando-a adequada, ele me chama para mais perto.

— É bem simples... Uma das pontas você passa ao redor das duas patas traseiras na altura dos *jarretes*. — Ele faz conforme explica, e eu acompanho os gestos numa corda imaginária em minhas mãos. — A outra parte da corda você entrelaça como num oito, assim... E depois, amarra numa meia laçada. E pronto, essa é a peia!

— É bem simples, até — comento, satisfeita por ter entendido de primeira.

— É simples, mas precisa ser feita apertada para que a vaca não consiga soltar a corda e coicear. Hoje, nós vamos fazer um exame ultrassonográfico para avaliar o feto desta aqui, e como o aparelho portátil custa uma fortuna... Toda a segurança é pouca — ele explica, e eu me pego

repetindo os movimentos da corda com as mãos, tentando guardá-los na memória. — Eu vou buscar o aparelho no carro, só um instante.

Felipe se afasta, deixando-me sozinha com meus pensamentos e o primeiro aprendizado da manhã. Ao meu lado, a vaca presa no tronco não exprime qualquer reação à sua condição, e eu a consideraria dócil se não me lembrasse que o gado dessa raça pode ser particularmente feroz. Seria fácil me deixar enganar pelos olhos amendoados e meigos; ela é esperta e sabe que reagir seria inútil estando presa.

O veterinário retorna com o que parece ser uma maleta escura debaixo de um dos braços. Um dos rapazes, funcionário da fazenda onde estamos, se aproxima e coloca diante do veterinário uma mesinha estreita de madeira com rodas nos quatro pés, e estende na minha direção uma garrafa de plástico repleta de uma substância transparente e pegajosa que não identifico a princípio.

— Pronto, agora só precisamos ligar... — Felipe abre a maleta sobre a mesa improvisada, revelando uma tela escura em uma das metades. A

outra é forrada de teclas e outros controles, e em sua lateral repousa uma *probe* conectada à maleta por um longo cabo. — Me dê um pouco de gel lubrificante, por favor. Ah, e é melhor você calçar uma luva dessas.

Ele me indica uma caixa onde eu pesco uma luva e, à visão de seu comprimento, sei exatamente como ele pretende examinar o animal. Eu sempre fugia das aulas de palpação durante a faculdade por sentir pena dos animais; éramos em sessenta, e a turma toda precisava executar aquela tarefa. Um braço a menos talvez não fosse nenhum benefício, mas eu gostava de pensar que era o mínimo que eu podia fazer em agradecimento.

Felipe se coloca atrás do animal e puxa a mesinha com o aparelho de ultrassom para perto de si. Entrego a ele a garrafa com o lubrificante, e ele derrama uma quantidade considerável sobre a mão enluvada. Depois, afasta a cauda da vaca e então mergulha para dentro com calma e paciência num movimento sem dúvidas repetido centenas de vezes. Quando finalmente parece localizar o que estava procurando, ele volta, encaixa a *probe* na

mão em concha e retorna para dentro do animal.

Meus olhos estão colados na tela do aparelho, esperando enxergar alguma coisa diferente das manchas pretas e cinzentas que se movimentam conforme a probe muda de posição.

— Está vendo essa pulsação aqui? — Felipe indica com a mão livre um ponto na tela que, sinceramente, parece exatamente igual a todos os outros. A ausência de uma resposta positiva faz com que ele insista: — Bem aqui... Está piscando, vê?

Então eu enxergo, com um pouco de dificuldade, uma área na tela cuja intensidade de cinza se torna mais escura e mais clara ritmicamente. É quase do tamanho de uma moeda na tela, e eu não conseguiria ver se não fosse a orientação de Felipe.

— Agora eu vejo! O que é isso? É o coração? — arrisco.

— Não, é a artéria uterina. Ainda é cedo para enxergar o coração do feto, mas essa artéria pulsando aqui nos diz que ele existe.

— Uau! Então essa vaca está grávida?

— Sim, mas o correto é dizer que a vaca está *prenhe*. Vou só conferir a vesícula dentro do útero para ver se está tudo bem, mas o diagnóstico de prenhez desta aqui foi positivo. Você pode anotar para mim? — Felipe solicita, e eu me adianto mais do que depressa para apanhar a prancheta e fazer as anotações.

Ele dita alguns números que eu prontamente registro, e então pede aos funcionários que liberem a vaca e tragam a próxima. Antes que eu me dê conta, examinamos dúzias de animais. Para o alívio de Felipe, grande parte delas se encontra prenhe, o que quer dizer que o procedimento de inseminação artificial foi bem-sucedido. De acordo com o veterinário, é a primeira vez que a fazenda se utiliza deste tipo de tecnologia, e o dono da propriedade estava apreensivo.

— É um grande investimento em sêmen congelado e mão de obra capacitada, mas vale a pena. Eu consegui convencer o proprietário a se desfazer do touro, que já estava velho e não era mais capaz de emprenhar todas as vacas com a mesma eficiência. Agora, as que continuam vazias

podem ser inseminadas de novo quando entrarem no cio, mas isso não vai custar nada porque ele já comprou as parcelas de sêmen dessa temporada.

Sabendo de minha limitação teórica e prática quanto ao assunto, prefiro escutar e absorver o máximo que posso. Pensando melhor, eu devia ter trazido um caderno ou bloco para anotar cada pedaço de informação útil que consigo captar. Felipe é uma verdadeira enciclopédia, e dá para ver que é completamente apaixonado pelo que faz, provocando em mim uma ferroadinha de inveja. Como eu gostaria de encontrar também algo que me faça tão incrivelmente feliz e completa...

Afasto o pensamento melancólico e volto minha atenção à conversa, que é interrompida por um dos funcionários da fazenda:

— Doutor, falta só mais uma vaca. Posso trazer?

Felipe assente, e então se vira para mim.

— E aí, que tal examinar essa última? — Diante dos meus olhos arregalados em surpresa, ele continua: — É fácil, eu vou junto com você para te mostrar o caminho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim, junto?! Coitada da vaca! Não, de jeito nenhum! — exclamo, e Felipe cai na gargalhada. — Isso não é engraçado! — reclamo.

O veterinário endireita o corpo e limpa os olhos azuis, agora brilhantes e afogueados pelo ataque de riso. Apesar da leve irritação, não posso deixar de reparar que Felipe Esposito é um homem jovem e bonito com seus cabelos escuros e físico de quem passou bastante tempo erguendo e manipulando animais em fazendas. Não me surpreenderia em nada se ele dissesse nunca ter pisado em uma academia de musculação na vida. Ainda que pareça ter cuidado com a aparência pelo modo como se veste, as roupas sempre limpas e alinhadas, ele não é o tipo que vejo gastar tempo confinado em uma sala cheia de pesos e pessoas suadas.

— Tudo bem, então. Você vai primeiro e eu ajudo de fora, tudo bem? — Ele estende as mãos para cima numa oferta de paz.

— Agora sim — concordo, e logo a última vaca é guiada para dentro do tronco por um longo corredor.

PERIGOSAS ACHERON

Quando ela passa, Felipe empurra a parte da frente para impedir que o animal prossiga, fechando sua passagem. Antes que a vaca tenha tempo de recuar, eu puxo a alavanca que faz com que o tronco se torne mais estreito, segurando o animal. Já que o exame ficará por minha conta dessa vez, eu me adianto e passo a corda com agilidade pelas pernas da vaca como Felipe ensinou, e em menos de dois minutos tenho minha primeira peia feita com sucesso.

— Muito bom! — Felipe comenta, e eu me sinto brilhar sob o elogio, ainda que o feito tenha sido básico e iniciante demais para merecer lisonjas. Mesmo assim, ter sido capaz de executar a peia sem me atrapalhar é uma grande coisa para mim.

Em seguida, tento me lembrar de todos os passos a serem seguidos antes de começar o exame. Primeiro, calço a luva até a altura do ombro direito. Nesse caso, vou usar a mão direita porque Felipe pode anotar as informações conforme eu as obtenho. Se eu fosse realizar o exame sozinha, teria que usar a mão esquerda para poder anotar com a

outra. Prendo a luva na manga de minha camiseta com duas presilhas, e então deposito uma boa quantidade de gel sobre os dedos. O veterinário não diz nada, mas observa cada ação minha com olhos de águia e os braços cruzados na frente do peito.

Eu afasto a cauda da vaca, que reluta e tenta a todo curso libertar o apêndice, mas eu não o solto. Depois, lambuzo o orifício à minha frente e, torcendo para que eu consiga não me envergonhar muito, introduzo a mão. A vaca faz força para expulsar a intromissão, mas eu espero até que a contração termine e volto a forçar a mão para dentro. Quando sinto o esfíncter na altura do meu cotovelo, levo a mão espalmada para as laterais e tateio devagar à procura da leve pulsação que indica a artéria uterina.

— E aí? Está sentindo alguma coisa? — Felipe pergunta, mas eu não consigo identificar nada sob meus dedos que mereça uma resposta positiva. A única coisa que parece haver ali é estrume, muito estrume.

E então... uma pulsação.

— Achei! — exclamo, tomando o cuidado de

PERIGOSAS NACIONAIS

não mover a mão nem um milímetro para não perder a evidência de vida sob meus dedos.

— Achou o quê?

— A artéria — respondo, congelada no lugar. O esfíncter aperta e solta meu braço, ameaçando interromper minha circulação, mas eu não me incomodo. Não enquanto tiver a pequena pulsação ao meu alcance.

— Ótimo, ótimo! — Felipe comemora, batendo palmas. A cauda da vaca escapa da minha outra mão com a distração e bate furiosamente no meu rosto. — Ai! Desculpa.

— Não tem problema, estou muito feliz por ter conseguido para me incomodar! — festejo, e recebo em resposta um grande sorriso de dentes perfeitamente perolados.

Agora, é a vez de usar o ultrassom para analisar o feto que se desenvolve ali, e eu me sinto verdadeiramente útil pela primeira vez em muito tempo. Talvez, só talvez, acompanhar a rotina de um verdadeiro veterinário do campo sirva para mais do que me aclimatizar à fazenda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Depois de um dia de muitas atividades, meu corpo cansado cai sobre a cama e adormece imediatamente. Entretanto, desperto por volta das três da madrugada como se o alvorecer já tivesse chegado. Mais uma vez, vejo-me percorrendo o caminho de terra vermelha emoldurado por seixos em direção aos estábulos.

Dessa vez, quando afasto a pesada porta de madeira e entro, o cavalo não está na baia que costuma ocupar. Do outro lado do comprido corredor de baias, outra porta está entreaberta. Eu não havia visto essa porta antes, e mais do que depressa a empurro, encontrando grama e um espaçoso piquete circular do outro lado.

A cerca que delimita o piquete é de madeira e chega quase a cobrir o meu 1,65 metro. Dentro do círculo delimitado por ela, o cavalo dourado pasta solitariamente. Então, posso finalmente admirar desimpedida todo o seu esplendor.

O corpo louro torna-se quase prateado sob o luar, e a sedosa crina esvoaça à brisa noturna. A pelagem, predominantemente dourada, é cinzenta na altura dos *boletos*. E o cordão esbranquiçado, que escorre da fronte às narinas, reluz leitoso na escuridão. É um animal muito bonito, e não posso imaginar como foi deixado a pastar no sereno numa noite como essa, cuja umidade é quase palpável no ar.

Volto para dentro do estábulo e procuro, com a ajuda de uma vela acesa que foi providencialmente deixada por ali, uma manta ou algo que eu possa jogar por cima do cavalo para protegê-lo da friagem. Encontro uma espécie de cobertor xadrez verde e azul pendurado na divisória de uma das baias e volto para o piquete com o objeto em mãos.

— Quem deixou você aqui sozinho? — indago, sem esperar por uma resposta do animal que continua a morder a grama aos seus pés. — Eu não trouxe nada para você, nem um pedaço de cenoura, nem um torrão de açúcar... — lamento.

O cavalo, como se sentisse meu pesar,

PERIGOSAS NACIONAIS

levanta o pescoço do solo e se aproxima da cerca. Eu estendo uma das mãos para que ele a cheire, e o focinho rosado faz cócegas em meus dedos.

— Olá mais uma vez — cumprimento, subindo a mão pela bochecha e percorrendo a fronte até chegar ao topete dourado que encima a cabeça elegante e angulosa. — Está com frio?

O animal responde com uma baforada quente e úmida na direção do meu rosto, e eu solto uma risada leve. Não existe comunicação mais pura e plena do que esta.

Mostro a manta xadrez, e o cavalo a cheira brevemente antes de franzir as narinas. Não sei se isso significa aprovação ou não, mas não posso deixá-lo ali descoberto sob o sereno.

Coloco um dos pés sobre a primeira tábua da cerca para testar a firmeza da estrutura, e então a subo como um degrau. Dali, consigo colocar os dois braços por cima da última tábua e continuo escalando. Apesar do extremo medo de altura, a necessidade de cobrir o cavalo faz com que eu não olhe para baixo nem uma única vez.

O animal se aproxima e se posiciona ao lado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da cerca, quase como se esperasse que, dali, eu pudesse saltar para dentro do piquete e montá-lo. A ideia é tão atrativa quanto absurda, mas eu passo uma das pernas por cima da cerca mesmo assim. Quando deposito a manta sobre o lombo dourado, ele toca meu joelho com o focinho úmido e o presenteia com uma longa e morna lambida.

— Ei! Isso faz cócegas! — reclamo, mas o cavalo continua a empurrar meu joelho de leve, como se brincasse comigo. — Você é só um cachorro enorme, não é?

Passo a perna de volta para o meu lado da cerca e a desço sob o olhar acusador do animal. Ele bafeja algumas vezes, inflando as narinas numa exclamação queixosa. Então, estendo minha mão para dentro do piquete mais uma vez e acaricio a ponta de seu focinho macio e aveludado.

— Você fica sozinho o tempo todo, não fica? — indago, já sabendo a resposta. A solidão é algo que corta meu coração, principalmente quando a vejo atingir um animal tão puro e indefeso. Que culpa teria um animal, senão ter sido adquirido por um completo irresponsável?

PERIGOSAS ACHERON

Eu me sento na grama em frente ao cavalo, fitando-o através da cerca de tábuas escuras. Os olhos amendoados e tão expressivos encaram os meus profundamente, e a conexão é capaz de enviar uma mensagem diretamente para dentro de mim.

Nós somos iguais.

O cavalo pisca, quebrando o encanto, e então se vira para dar a volta no piquete. A cauda loura se agita ritmicamente conforme a musculatura firme contrai e relaxa, e então eu me dou conta de que, durante todo esse tempo, estive me referindo ao animal como *ele*, quando na verdade se trata de uma égua.

— Garota, eu virei aqui sempre que puder — prometo baixinho, mas sei que ela pode me ouvir. E da mesma forma que as palavras parecem sair fáceis, a certeza de que não vou abandoná-la é tão verdadeira quanto.

Não sei nada sobre as dificuldades que me aguardam a partir da decisão de ficar com a fazenda, mas sei que, antes de mais nada, não posso virar as costas ao animal que se parece tanto comigo. Nós duas fomos esquecidas à própria sorte

e, ironicamente, nos encontramos. Somos espíritos gêmeos finalmente reunidos.

Sob uma última olhadela daqueles olhos tristes, eu me levanto e murmuro um “até breve” que, tenho certeza, ela conseguiu ouvir.

Os dias que passo visitando outras fazendas e aprendendo cada vez mais sobre a minha profissão logo se tornam semanas. Da mesma forma, o hábito de passar parte da noite acordada não é mais tão custoso, e minhas visitas aos estábulos se tornam frequentes. Eu poderia fazê-las durante o dia, ou às tardes, depois de voltar ao casarão. Mas gosto do silêncio da madrugada e do sigilo que ela me proporciona.

A madrugada é a única parte dos meus dias que posso considerar completa e indivisivelmente minha, e partilhar a existência desses momentos seria como ceder o controle de mais uma parcela da minha existência. É tolo e infantil, mas é do que eu preciso agora, enquanto me encontro ilhada em Nova Paz.

É sábado, o primeiro desde que estou aqui no qual Felipe dispensa minha ajuda. Ele disse que precisaria resolver algumas coisas com o pai, proprietário e administrador de uma casa agropecuária na cidade vizinha, e por isso também não trabalharia hoje. Agradeço mentalmente pela oportunidade de dormir até mais tarde enquanto me espreguiço languidamente na cama macia.

Não sei que horas são, mas o sol atinge em cheio as cortinas fechadas, fazendo com que a luz incida pelo quarto com a intensidade diluída pelo tecido. Eu viro de barriga para cima e me estico, alcançando as bordas do colchão com as pontas dos pés e das mãos. É tão confortável que não tenho vontade de levantar.

Obviamente, meu celular tem outras ideias e explode num ruído insuportavelmente alto contra o silêncio do quarto. Minhas mãos tateiam toda a extensão do colchão ao meu redor, mas não o encontram. Enquanto isso, a música estridente ameaça estourar meus tímpanos sensíveis. Eu me levanto e sigo cambaleando na direção da música, até finalmente alcançar a fonte de tanta

perturbação.

O *display* informa que é uma chamada de Bea, e eu desperto completamente no momento em que deslizo o dedo na tela para aceitar a ligação.

— Bom dia, sua dorminhoca! Sabia que já são quase onze horas da manhã? Eu pensava que as pessoas acordavam cedo na fazenda! — A voz de Bea, apesar de familiar e bem-vinda, é tão torturante para os meus ouvidos quanto uma britadeira. Ao menos ela não pode ver minha expressão de sofrimento.

— *Ugh...* O que você está fazendo acordada? É sábado! — reclamo, enquanto deixo o corpo cair para trás sobre o colchão. Ao fundo, escuto buzinas e pessoas conversando num burburinho abafado.

— Dormir numa linda manhã de sol? Jamais! Além disso, precisei vir encontrar meu cliente e o outro advogado que está no caso para discutir algumas coisas — ela explica rápido, como se os detalhes fossem insignificantes. O sono abandona meu corpo por completo.

— Espera, vamos voltar essa conversa só um pouquinho — interrompo antes que ela volte a

tagarelar. Isso é típico de Bea, mencionar coisas importantes com pressa para que pareçam não significar nada. Felizmente, eu conheço minha melhor amiga por tempo suficiente para que já tenha aprendido a captar essas divertidas nuances de sua personalidade. — Comece de novo, dessa vez explicando exatamente como começou essa história de você dividir um caso com outro advogado.

— Nina! — reclama, e eu sorrio vitoriosa para mim mesma. Bea arqueja ao telefone, e então continua: — Não acredito que você vai me fazer falar sobre o chato do César enquanto poderia estar me contando mais sobre o pedaço de mau caminho rústico com quem você tem passado seus dias.

A imagem de Túlio em toda a sua glória xadrez e jeans aparece na minha mente sem ser convidada, e eu a espanto com uma risada.

— Quem, o Túlio? — dou de ombros enquanto caminho preguiçosamente até a janela e afasto as cortinas para espiar o dia lá fora. — Bea, por mais que ele seja... Sei lá, ele é meio atraente e tal, com toda aquela coisa de *cowboy* reservado,

mas para falar a verdade eu não o vejo muito. Quando acontece de estarmos no mesmo cômodo, nós discutimos e pegamos no pé um do outro. É quase a terceira guerra mundial por aqui, e isso é muito exaustivo — confesso, lembrando vagamente da discussão do dia anterior durante o jantar. Discussão essa que fez com que eu corresse para os estábulos na primeira oportunidade para desabafar com minha melhor amiga de quatro patas. Ou melhor, cascos.

— Interessante você falar dele, mas até onde eu me lembro, é com o veterinário bonitinho que você tem passado um tempo, não é? — O tom de sua voz é de pura desconfiança, e eu sinto algo gelado e desconfortável descer pelo meu estômago.

Não posso negar que Felipe é um cara muito legal, mais ainda por me levar para trabalhar com ele em todas as fazendas que visita, ensinando um pouco do que sabe a cada dia. E não dá pra dizer que ele não é meu tipo; o veterinário tem todas as qualidades que o fazem ser o tipo de toda mulher. É responsável, carismático, engraçado, trabalhador e consideravelmente agradável aos olhos.

Então por quê não foi a primeira pessoa na qual pensei?

— Ah, claro, você quer dizer o Felipe — disfarço enquanto a sensação desagradável continua na forma de confusão. Eu me sento no peitoril da janela, cujos vidros permanecem fechados, e encaro o horizonte infinito e verde do lado de fora. Da janela, tenho perfeita visão da estradinha de terra que chega até a parte de trás do casarão.

— É dele que estou falando, é claro. Mas parece que você não está — acusa, e eu desejo poder encontrar qualquer outro assunto para que Bea mude o foco daquele interrogatório. Será que é muito difícil convencê-la de que não consigo ser tão coerente assim logo depois de acordar?

— Tá, e quem é esse César? Conte um pouco da sua vida por aí, estou ficando com saudades das buzinas e do cheiro de poluição... — brinco, e Bea responde com uma sonora gargalhada. A tática parece funcionar, mas sei que é só uma medida temporária.

— Vou contar, mas você precisa prometer que não vai falar nada pra ninguém. A informação

é confidencial!

— E vou contar pra quem? Para as ovelhas?!
— rebato.

— Vou confiar em você. Bom, um certo ator famoso se meteu numa confusão com a ex-mulher, para variar... — Quase posso escutar Bea revirando os olhos pelo telefone. — E então a defesa foi delegada a mim, mas como a quantidade de esqueletos escondidos no armário desse cara era uma coisa absurda, o caso ficou muito pesado e precisei dividir com um dos outros advogados do grupo. Ele é bom, esforçado e tem me ajudado bastante.

Eu pondero por um instante, sem deixar de notar o tom defensivo que a voz de Bea assume ao explicar a situação. Sinceramente, eu sou a última pessoa que a julgaria, independente do contexto. É isso que acontece quando se tem uma amizade que já passou pelos altos e baixos da vida e sobreviveu.

— É legal que você tenha alguém com quem contar no trabalho — respondo enquanto observo um caminhão de cabine branca se aproximar fazendo com que uma nuvem de poeira castanha

levante no ar. O pensamento de que Bea pode arranjar novos amigos na minha ausência me causa uma sensação incômoda na boca do estômago. É estranho pensar que posso não ser única na vida de alguém que é único para mim, mas eu sabia dos riscos quando aceitei passar um tempo na fazenda em Nova Paz.

Afasto o pensamento ciumento e mesquinho, voltando minha atenção ao veículo pesado que estaciona a alguns metros da porta dos fundos. Repentinamente, meus olhos curiosos acompanham a figura de Túlio que, no andar de baixo, se aproxima do caminhão e abre a porta para que o motorista possa descer. Mais especificamente, para que uma moça de cabelos cacheados e ruivos e pele de pêssego possa descer e envolvê-lo num abraço apertado e quase impróprio para o horário.

Capítulo 13

— Terra chamando Nina! — Bea exclama do outro lado da linha. Meu rosto está praticamente colado ao vidro enquanto observo Túlio girar a mulher no ar e depositá-la no chão com um floreio. Ela ri e bate palmas, e então a figura torna-se ainda mais intrigante quando Dorinha se aproxima e faz festa para ela também. — Nina!

— Shh, o que foi? — sussurro ao telefone, como se falar mais baixo fosse crucial ao disfarce que me mantém oculta da cena que se desenrola um andar abaixo.

— O que está acontecendo?! — Bea responde no mesmo tom, e eu rio comigo mesma do absurdo da situação.

— Tem uma mulher aqui — esclareço, ainda sussurrando. Apesar de saber que não faz nenhum sentido, mantenho o disfarce por força do hábito. — Ela parece ser muito amiguinha do Túlio. Até a Dorinha conhece ela, e está se derretendo toda aos

PERIGOSAS NACIONAIS

seus pés — continuo com azedume.

— Ah, Nina, pelo amor de Deus! Você não pode estar com ciúmes do *cowboy sombrio* — Bea declara triunfante por finalmente ter encontrado um apelido que faz jus ao objeto da minha atual atenção.

— Não seja ridícula — repreendo. Fecho as cortinas devagar para não chamar atenção ao movimento da janela, mas meu pé fica preso na poltrona e eu me desequilibro, quase indo ao chão com cortina e tudo. — Ah! Droga! — exclamo. Vejo de relance dois rostos se voltarem para cima, na direção da minha janela, mas felizmente estou oculta e segura atrás das cortinas.

A quase descoberta da minha presença ali espiando como uma completa maluca é suficiente para que eu abandone o posto.

— O que foi isso? — Bea questiona, agora no tom de voz normal.

— Não foi nada.

— Bem, vou deixar você controlar sua crise de ciúmes sozinha. Preciso ir, tenho uns relatórios para entregar ao César ainda hoje...

PERIGOSAS ACHERON

— Está bem. Mas não deixe marcas de batom nos papéis — brinco.

— Vá se ferrar! — ela exclama, e eu caio na risada. — Estou com saudades — diz, e então desligamos.

Olho para o celular por um longo momento, até o display apagar sozinho, e me pego pensando em como é incrível que a vida tenha continuado a correr na mesma velocidade caótica para todo o resto do mundo. Bem, exceto para mim, que, apesar da rotina apertada, ainda estou presa no lugar onde nada acontece.

A curiosidade finalmente me consome, aliada à necessidade de afastar os pensamentos saudosistas, e eu decido me vestir para descer. Já é quase hora do almoço e a refeição costuma sair cedo em Mirassol, para o alívio do meu estômago dolorido.

Conforme desço as escadas, fica evidente que temos visitas. A risada musical que vem da cozinha é desconhecida para mim, e posso apostar um braço que é da garota que vi da janela.

Quando finalmente chego ao cômodo em

questão, todos os olhos se voltam para mim. Dona Lucrécia se levanta imediatamente para me receber.

— Nina! Que bom que acordou. Venha, esta aqui é Amália Ramos. — A governanta me puxa na direção da garota, que se levanta para me cumprimentar.

Ela é exatamente como uma garota da fazenda deveria se parecer, pensando em estereótipos. Até a baixa estatura consegue deixá-la mais delicada de um jeito adoravelmente rústico, e eu me sinto estranhamente peculiar com minha aparência e trejeitos urbanos, como um verdadeiro peixe fora d'água.

— É um prazer conhecer você, finalmente — ela diz, e a doçura contida em sua voz faz com que seja difícil identificar se o sentimento é verdadeiro ou não. Tudo nela parece doce; dos cabelos ruivos ondulados ao conjunto jeans quase infantil.

— Eu sou Nina, Nina Campos. Mas acho que você já sabe disso. — Estendo minha mão para que ela a aperte num gesto quase profissional, mas Amália me surpreende e lança os braços ao meu redor num abraço inesperado ao qual não sei

responder.

— Sinto muito pelo seu pai. Ele era um cara muito legal... — Amália fala contra o meu cabelo, e meu corpo inteiro enrijece com suas palavras.

A resposta sai mais dura do que o planejado:

— Eu não o conheci.

Ela me solta imediatamente com um sorriso sem graça, e volta a se sentar ao lado de Túlio. Não contente com a minha resposta, ou talvez na tentativa de encerrar o assunto de uma forma um pouco menos sombria, Amália continua:

— Você teria gostado dele, eu acho. Ricardo era ótimo com os animais e todo mundo gostava dele por aqui.

Respiro fundo, reunindo ao mesmo tempo ar e coragem para dizer todas as formas nas quais Ricardo não foi ótimo e muito menos esse exemplo de perfeição no qual ela parece acreditar. Não acredito em uma única palavra daquilo. Como pode ser coerente que um homem que abandonou a esposa e a filha bebê à própria sorte seja tão maravilhoso? Impossível!

Dona Lucrécia, prevendo a tempestade que se

forma sob a minha pele, intervém:

— Nina, eu fiz lasanha para o almoço. Você gosta? — A oferta de paz vem em boa hora, mas não consigo deixar para lá o fato de que Ricardo Campos inspira tamanha admiração por aqui quando sei que foi responsável por destruir a felicidade de mamãe, e provavelmente a minha também.

Mesmo que o pensamento seja infeliz, até exagerado, sinto como se a oferta fosse, na verdade, uma mensagem de mamãe. Lasanha costumava ser meu prato favorito, ao menos quando era preparado por ela, e a sinto em sua eterna sabedoria e benevolência pedir que eu não insista no assunto. Sua voz é doce quando sopra em meu ouvido dizendo que aquelas pessoas conheceram o lado de Ricardo que, por inúmeros motivos, eu não tive oportunidade de conhecer. E se o admiram, talvez, só talvez, elas tenham suas razões para tal. Portanto, eu aquiesço.

— Se eu gosto? — respondo, subitamente invadida por uma sensação de iluminada paz. — É meu prato favorito!

Conforme o sol se aproxima do horizonte, uma espécie de silêncio quase imperturbável cai sobre o casarão de Mirassol. Eu observo dona Lucrécia cuidar da cozinha com a prática de quem executa as mesmas tarefas diariamente sem ajuda, e ela nega quando ofereço um par de mãos a mais. Os pequenos ruídos oriundos da pia e dos utensílios que se chocam conforme a governanta os manipula não são suficientes para quebrar o encanto da preguiçosa tarde de sábado.

Amália deixou Mirassol levando consigo toda a sua energia pouco depois de dona Lucrécia servir o almoço. Da mesma forma que chegou, o estrondoso caminhão se afastou da propriedade levantando poeira até desaparecer estrada de terra afora.

Tão logo a jovem mulher deixou a fazenda, o semblante de Túlio voltou a demonstrar traços da personalidade reservada, muito diferente do *cowboy* sorridente que esteve ali durante a visita. Quero entender o que o transforma completamente

numa muralha sempre que presto atenção, e é essa curiosidade que me leva à conversa que tenho com dona Lucrécia.

— O que ela faz da vida? Amália, quero dizer — tento soar o mais desinteressada possível, mas a governanta interrompe o que estava fazendo para vir se sentar ao meu lado.

— Amália mora na fazenda aqui do lado — explica, e o fato de eu não ter visto fazenda alguma significa que a propriedade na qual me encontro é realmente grande. Diferente de uma cidade, aqui não é possível avistar os vizinhos simplesmente dando uma espiada pela janela. É quase como estar no topo do mundo. — O pai dela é um produtor de leite local, mas não pode mais dirigir aquela geringonça que você viu pra fazer as entregas. Sabe, ela desistiu de fazer faculdade pra cuidar do negócio da família porque é filha única.

Um momento de silêncio se segue à revelação, e eu me pego imaginando o quanto ela me pareceu livre de qualquer tipo de preocupação à primeira vista. Acho que isso realmente quer dizer que existe muito mais por trás da capa de um livro,

verdades que só podemos saber ao conhecermos a essência de uma pessoa.

— E quanto aos dois? Eles são amigos há muito tempo? — questiono, sentindo uma estranha e incômoda secura nos lábios. Dona Lucrécia me olha por um momento longo demais, como se quisesse, ou pudesse, enxergar além da minha curiosidade.

— Ah, sim. Eu era muito amiga da mãe de Amália, quando ela era viva. A maioria das pessoas aqui estudou junto, mas acabou deixando a cidade pra fazer faculdade em outro lugar... Amália foi a única que ficou por aqui com Túlio.

— Eles me pareceram... *próximos* — concordo, e a governanta ri de alguma piada particular que não entendo. Gostaria que me explicasse, mas sinto que é melhor eu não saber, ao menos por enquanto. Talvez a conversa signifique mais do que posso compreender agora.

Ela meneia levemente a cabeça numa decisão silenciosa antes de continuar:

— Túlio era um garoto muito quieto, acanhado. A vida numa fazenda é solitária pra uma

criança, e ele teve muitas perdas. — Ela faz uma pausa, e eu a incentivo com um meio sorriso de compreensão. A perda é uma velha amiga. — Amália sempre foi assim, desse jeito que você conheceu, e conseguiu tirar Túlio da concha um pouquinho.

— Acho que ela ainda tem um longo caminho pela frente — comento, sem conseguir conter o resquício de acidez que escapa em minha voz. Mesmo assim, dona Lucrécia continua a me observar com o mesmo brilho quase secreto no olhar, o que me instiga a continuar falando. — Um par perfeito — concluo com azedume.

Dona Lucrécia solta uma gargalhada, mas eu não acho a menor graça. Não gosto de ser a única por fora da piada, e essa é uma sensação que me acompanha desde o momento em que pus os pés em Mirassol. Existe tanta coisa aqui que não conheço, tanta história por baixo de cada tijolo. O ressentimento divide espaço com a curiosidade, e não é aceitável que eu continue sem saber.

Numa decisão muda, eu me levanto e caminho até a porta da cozinha, de onde olho para

dona Lucrécia, que ainda está sentada à mesa.

— A senhora tem um pouco de tempo agora?
— pergunto com o coração quase pulando pela garganta. Sei o que preciso fazer, e não há melhor momento do que o agora.

— Claro, mas só se você me chamar de Lucrécia, por favor. Prefiro que meus cabelos brancos sejam o único lembrete da minha idade — brinca.

— Está certo, Lucrécia — concordo. — Eu já volto.

Deixo a cozinha com uma respiração funda, preparando-me para o que vem a seguir. Subo as escadas o mais rápido que posso e, quando chego ao topo, meus pulmões estão queimando pela necessidade de oxigênio. Dentro do quarto que ocupo em Mirassol, paro por um momento para recuperar o fôlego e procuro com os olhos o objeto que vim buscar. Lá está ele, ainda virado para baixo como o deixei em meu primeiro dia ali. O retrato com a fotografia de quando eu era bebê.

— Fale sobre ele — peço, entregando-o nas mãos levemente enrugadas de dona Lucrécia. Não

preciso explicar nada além destas poucas palavras, e ela sabe.

A governanta suspira pesadamente enquanto olha para a fotografia, os olhos azuis enchendo-se de umidade. Apesar disso, um sorriso decora seu rosto, do tipo que diz mais que as mil palavras que eu sei que ela tem guardadas a respeito das pessoas eternamente impressas ali.

— O que quer saber? — pergunta, enfim.

Só há uma resposta apropriada para seu questionamento:

— Tudo.

Capítulo 14

— Ricardo era um bom homem — começa, e sinto uma vontade quase incontrollável de revirar meus olhos. É claro que ela começaria o discurso o elogiando. Mesmo assim, é um discurso que vale a pena ser ouvido, e eu balanço a cabeça compreensivamente para que ela continue. — Tinha falhas, muitas, igual a todo mundo. Não sei o que dizer sobre sua infância, apesar de termos nascido nesta fazenda com dois anos de diferença. O pai dele, seu avô, não permitia que o filho tivesse contato com os empregados. Dizia que não era apropriado.

— Nossa — comento. — Isso é tão... ultrapassado!

Dona Lucrécia ri, colocando a mão quente sobre a minha na mesa. Dessa vez, eu não a retiro.

— Ora, isso foi há mais de meio século! É claro que é ultrapassado agora, mas antigamente as coisas eram diferentes. O patrão era muito exigente,

e ouvi dizer que ficou ainda pior depois que Ricardo nasceu. O menino era vigiado dia e noite, tudo para que seguisse o futuro determinado pelo pai sem pisar fora dos trilhos. Quando foi enviado pra fazer faculdade na capital aos 18 anos, seu Nicanor ficou quase impossível. Disso, eu me lembro. Eu tinha vinte anos e já trabalhava para a sua avó.

Quando ela menciona a mãe de Ricardo, penso imediatamente na minha avó materna, de quem eu tenho lembranças enevoadas. Morei com a mãe de minha mãe durante os primeiros anos da minha infância, quando eu era muito nova para ficar sozinha e minha mãe precisava trabalhar. Lembro-me de sentar debaixo de sua máquina de costura antiga e brincar de dirigir na grande roda de ferro, como se fosse um volante, e de escolher tecidos para vestidos que ela acabou nunca tendo tempo de costurar para mim. A primeira perda de muitas.

Dona Lucrécia interrompe minhas divagações circulando o polegar sobre o dorso da minha mão, e percebo que meus olhos estiveram parados sobre o

mesmo buraco na toalha de mesa sabe-se lá por quanto tempo.

— Como ela se chamava? — pergunto com a voz ligeiramente rouca.

— Sua avó?

— Isso. — Não a corrijo como costume fazer sempre que ela chama Ricardo de “meu pai”. Talvez esteja desistindo, já que todas essas pessoas serão inevitavelmente associadas a mim, não importa o quanto eu me oponha a isso. Ao menos prefiro pensar que esse é o motivo.

— O nome dela era Estela. Não sei qual era seu nome de solteira, mas pelo que sei, ela nasceu em uma fazendinha de café não muito longe daqui. Ela se casou bem nova com seu Nicanor, que era mais velho, e veio morar aqui em Nova Paz. Sua avó me ensinou a ler, a costurar, a cozinhar, tudo que uma mãe deveria ensinar à filha naquela época, apesar de seu Nicanor não gostar nada disso. Mesmo assim, ela fazia escondido. Era a única que o desafiava como igual.

Conforme dona Lucrécia a descreve, consigo enxergar essa imagem de mulher moderna para os

padrões dos anos sessenta, que não abaixava a cabeça para o marido e o contestava em defesa do que acreditava ser o certo. Ela foi contra suas ordens, as ordens do dono das terras onde vivia, para ensinar a uma garotinha com a qual não tinha qualquer laço de parentesco as habilidades que julgava necessárias para a sua sobrevivência.

Estela Campos se pareceria exatamente com Bea, se minha melhor amiga estivesse em iguais condições. Seria muito mais coerente que fosse inclusive avó dela, e não a minha. Talvez esse tipo de coisa não seja passada no DNA.

— Ela deve ter sido uma boa patroa — declaro quase sem emoção, mesmo que, por dentro, eu esteja imaginando todas as formas nas quais ela foi uma força de resistência numa realidade tão opressora.

— A melhor delas — concorda. — Ela foi uma mãe pra mim, mesmo que escondido. E teria sido uma boa mãe pra bebezinha também...

— Que bebezinha?

Dona Lucrécia suspira, e dá para ver que a lembrança é nostálgica e melancólica ao mesmo

tempo. Eu puxaria a pergunta de volta se pudesse, mas é tarde demais.

— Quando Ricardo entrou na faculdade, dona Estela estava grávida — conta, e minhas sobrancelhas se franzem instintivamente com a informação. Ela continua: — Sim, foi uma gravidez arriscada por conta da idade, mas dona Estela estava tão feliz com a ideia de ter outro bebê... Passava todas as tardes sentada lá fora, na varanda, tricotando roupinhas e cobertores. E eu gostava de sentar junto com ela e ajudar como podia. Meus pontos eram desajeitados, um horror! — Dona Lucrécia ri exasperada, numa tentativa vã de afastar o pesar com humor. E, como sou usuária frequente da técnica, me compadeço.

— Nunca aprendi a costurar. Minha avó não teve tempo para me ensinar, e mamãe... — Dou de ombros, intencionalmente deixando o restante no ar. Não gosto desse assunto. Pensar nela agora, quando ainda desconheço se as terras sob meus pés foram ou não o motivo de sua infelicidade, faz com que o conflito dentro de mim se intensifique. Nunca precisei tanto de minha capacidade de

compartimentalizar quanto agora.

— Ora, isso é fácil de resolver. Eu melhorei muito depois dos vinte anos. Não tinha nenhuma paciência naquela época. Acho que você vai gostar, é muito terapêutico.

Antes de aceitar a oferta com uma promessa que não tenho certeza se poderei cumprir, pergunto:

— E o que aconteceu com ela? Com Estela, quero dizer.

Dona Lucrécia aperta os lábios finos num sorriso pesaroso. Um sorriso que não diz nada, mas nos faz olhar para cima, na direção dos olhos tristes, e enxergar um universo inteiro.

— Ela teve complicações e não resistiu, e a criança, que era uma garotinha, também não. Acho... Acho que aquele foi o fim de seu Nicanor também, apesar de ele ter continuado vivo por coisa de uma década. Depois disso, ele virou uma casca.

Faço as contas mentalmente com base nas informações que tenho até aqui. Se meus cálculos estiverem corretos, Nicanor faleceu na mesma época em que eu nasci, aqui na mesma fazenda. Apesar de não me parecer alguém naturalmente

agradável, não tê-lo conhecido, assim como Estela, coloca um novo peso sobre minha percepção de família e sua respectiva ausência.

Decido mudar de assunto, ainda que a base continue sendo minha curiosidade sobre o lugar e seus habitantes.

— E como era a fazenda, nessa época? — questiono. A governanta se empertiga na cadeira.

— Mirassol sempre foi uma fazenda de criação de ovelhas — declara categoricamente. — Meu pai dizia que era assim desde que ele era menino, e que antes, quando meus avós trabalhavam aqui, também era. Seu Nicanor herdou a fazenda de um tio que não tinha filhos, e aqui ficou. É tudo muito caseiro e simples, filha. Nunca foi ambição de ninguém transformar a propriedade num negócio milionário. Seu Nicanor prezava pela qualidade e confiança, e dizia que crescer muito fazia com que isso fosse mais difícil de controlar. Seu pai foi educado nesses moldes, e os filhos dos empregados também.

A pergunta que não quer calar ressona dentro de mim, mas não tenho coragem de colocá-la para

fora. Ao menos não ainda.

Dá para perceber que as coisas estão bem. Como dona Lucrécia diz, não é um negócio milionário, mas a propriedade é grande e bem estruturada. Fruto da organização de um avô que não conheci e da administração de um pai cuja essência só agora começo a enxergar. Mas ainda é muito pouco para que eu realmente conheça o lugar, e o peso da fotografia pesa entre nós.

— E ele? Gostava daqui? — indago, meus olhos percorrendo o vidro embaçado por impressões digitais. Não preciso explicar a quem me refiro.

Dona Lucrécia toma o porta-retratos nas mãos enrugadas como pergaminhos e os olhos azuis se perdem nas lembranças por um momento. O jeito como sorri me diz que são boas, ainda que estejam num passado que não pode mais voltar.

Ela suspira satisfeita, a alegria trazida pelo rumo de seus pensamentos.

— Muito... Ricardo faria tudo por Mirassol, a fazenda era o seu tesouro — responde, antes de se voltar para mim com intensidade. — Por isso, Nina,

entregá-la a você significa que ele se importou e quis dar o melhor que tinha. — Ela recoloca o porta-retratos sobre a toalha e a mão volta para cima da minha, talvez confiante pelo fato de eu não ter me afastado antes.

Dessa vez, no entanto, sou incapaz de permitir o toque. Puxo minha mão e a escondo sob a perna, apertando-a contra a cadeira. O veneno sobe por minha garganta e não tento contê-lo. As palavras queimam minha língua.

— Ou então significa que ele não quis morrer com a consciência tão pesada — retruco com amargura.

Em vez de admoestar minha afirmação, dona Lucrécia dirige a mim um olhar estranhamente compreensivo, o que é quase como uma afronta. Como ela pode sequer imaginar que compreende o que vivi, ou os anos que não tive? Eu poderia ter conhecido aquela fazenda inteira de trás para frente, cada folha de grama que nasce do chão, e então o sentimento pelo lugar seria intrínseco a mim. Eu teria amado Mirassol com o meu sangue, tenho certeza disso.

Antes que eu possa retrucar novamente, ou justificar mais um pouco as palavras ferinas em busca de uma resposta adequada, Túlio aparece à porta. Ele bate os calcanhares das botas na parede do lado de fora para tirar o excesso de terra e esfrega as solas no capacho sob nosso olhar, e então entra, apanhando uma maçã no caminho.

O cowboy a morde sem cerimônias, e um filete de sumo escorre pelo queixo que ele logo esfrega com as costas da mão. Acompanho o gesto despretensioso como se minha vida dependesse disso, e seus olhos se voltam para mim em questionamento.

A governanta o cumprimenta:

— Túlio, que bom que chegou!

Ele engole o pedaço de maçã e encara a mãe, desconfiado.

— Por que? — indaga, a voz rouca.

Eu me pego imaginando por quanto tempo ele ficou quieto e de cara amarrada para que a voz ganhasse aquela qualidade áspera. Talvez estivesse por aí executando suas tarefas na fazenda ou fitando o horizonte com um fiapo de mato

pendurado nos lábios. Não devia ser muito difícil ficar em silêncio num lugar como esse, onde é possível escutar até mesmo os passos das formigas sobre a terra. Minha presença aqui deve ser um verdadeiro caos em sua pacífica harmonia.

— Tive uma ideia agorinha mesmo — ela começa, e consigo controlar a careta. Algo na afirmação me parece extremamente suspeito. — Bem, você mostrou a Nina toda a parte operacional da fazenda, imagino.

Túlio concorda com um aceno mudo de cabeça.

— Eu conheci os pastos, dei uma olhada nos rebanhos e nos currais. — Deixo intencionalmente de fora a parte em que visito os estábulos por minha conta nas madrugadas. Ainda pretendo manter minha amizade com a égua dourada em segredo por mais algum tempo.

— Muito bom. Mas pensei em Túlio mostrar a outra parte da propriedade. É muito bonito aqui, temos um campo de girassóis, um bosque e até um rio! — ela enumera, subitamente empolgada, e eu me sinto encolher à menção da suposta aventura.

— Um rio, é?

— O rio mais importante que corta Nova Paz passa pela propriedade — Túlio explica antes de morder a maçã mais uma vez.

Eu respondo com um murmúrio de compreensão, que dona Lucrécia entende como permissão para continuar.

— Isso, exatamente. Na verdade, a parte que passa por aqui é uma queda d'água. — Ela se vira para o filho antes de continuar. — Leve Nina até a cachoeira amanhã, tenho certeza de que ela vai gostar.

Quando eu interrompo, dois pares idênticos de olhos azuis se viram em minha direção.

— E eu tenho certeza de que Túlio tem mais o que fazer num domingo. Não se preocupe comigo, eu posso... dar uma volta na cidade ou coisa parecida — ofereço, quase agitando uma bandeira branca de paz. Ou, ao menos, a possibilidade dele concordar comigo e se safar de ser meu guia turístico.

Para o meu desespero, Túlio dá de ombros.

— Na verdade, não tenho nada pra fazer

amanhã. Um banho de cachoeira parece bom o suficiente. — E, com isso, ele atira o miolo da maçã na pia e sai pela porta em direção à sala, selando meu destino.

Capítulo 15

Quando saio pela porta da frente na manhã seguinte, meus olhos são atraídos imediatamente pelas duas bicicletas que repousam na caçamba da caminhonete azul de Túlio. O *cowboy*, é claro, nota meu olhar.

— Sabe andar? — Ele as indica com um gesto de cabeça.

Eu estou usando uma calça jeans puída e uma camisa xadrez larga por cima da roupa de banho, só para combinar com o ambiente. Guardei uma toalha, uma garrafa d'água e meu celular, caso eu queira tirar fotos no caminho, numa mochila velha que encontrei no quarto. Não sei de quem foi a mochila, mas serve para o propósito. Passo as duas alças pelos ombros antes de responder.

— Sei, sim. Uma pena eu te desapontar.

Túlio abre a porta do carona para mim num gesto inusitado de cavalheirismo, e demoro alguns instantes para sair do estupor e entrar no veículo.

Dona Lucrécia preparou alguns sanduíches, que embalou em panos estampados e toalhinhas de crochê. Os pacotes coloridos repousam aos meus pés debaixo do painel.

— Desapontar? — ele franze as sobrancelhas louro escuras e grossas para mim numa expressão confusa e, admito, adorável.

Hoje o *cowboy* não fez a barba, reparo. Deve ter uns dois ou três dias que o rosto de maxilar quadrado não vê uma lâmina, a julgar pela lanugem uniforme e quase dourada que o recobre. Aperto as mãos uma contra a outra no colo para impedi-las de alisar sua testa contraída ou tocar a bochecha atapetada.

Sinceramente, começo a pensar que acordei em um universo paralelo em que é aceitável ter esse tipo de pensamento. Limpo a garganta suavemente antes de responder e dou de ombros desinteressadamente.

— É. Eu aprendi a andar de bicicleta, apesar de viver em uma cidade grande. Acabei com a sua ideia de garotinha urbana.

Apesar da provocação, Túlio ri e balança a

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça, dando a partida na caminhonete em seguida. O veículo estremece e ganha vida, roncando alto. Numa cidade, isso seria suficiente para irritar os vizinhos. Aqui, nossa única testemunha é o céu azul que se estende sobre nós sem uma única nuvem.

— Dorinha não vai hoje? — pergunto, subitamente sentindo falta de uma terceira presença. O ar ao redor parece elétrico, cheio de estática, como se um toque pudesse resultar numa tempestade de raios. A presença canina talvez pudesse abrandar a estranha sensação.

— Não, ela tem medo de água. Tentei levá-la uma vez, e ela ficou tão ressentida que desapareceu por uma semana. Quando voltou, estava magra feito um esqueleto. — Túlio suspira pesadamente com a lembrança desagradável. — Minha mãe quase me matou.

Não sei se fico mais surpresa por finalmente conhecer um labrador que não gosta de água ou por ter recebido uma resposta completa, contendo mais de uma frase, do *cowboy caladão*. Meu espanto é grande o suficiente para cobrir as duas coisas.

PERIGOSAS ACHERON

Túlio dá um toque na aba do chapéu, empurrando-a para exergar melhor o horizonte que se estende à nossa frente. É um infinito verde banhado de dourado, e não há uma única construção à vista. Não seguimos na mesma direção dos currais, percebo, e a cerca que divide a estrada separa os pastos da estreita via, mas não há animais por ali.

Túlio percebe meu interesse na paisagem e completa meus pensamentos.

— Estes pastos estão em recuperação. Logo estarão prontos para receber as ovelhas para mais uma estação reprodutiva — diz, e eu me perco por um momento na rotina da fazenda.

É tudo cíclico, imutável em sua constância. E, apesar disso, consigo entender exatamente como ninguém por aqui fica entediado. Como ficar entediado com tantos quilômetros para ver, tanto verde desabrochando em vida por todos os lados?

A caminhonete chega a um ponto em que abandona a estrada de terra principal, enveredando-se por uma trilha de cascalho ainda mais estreita, ladeada por mato alto. É um pouco assustador, pois

PERIGOSAS NACIONAIS

é o tipo de lugar em que um assassinato poderia acontecer sem deixar qualquer rastro, quase como se estivéssemos nos recônditos do mundo, completamente anônimos.

Seguimos por mais alguns minutos em silêncio até chegarmos à margem de um lago. Na verdade, não sei se é um lago mesmo. A superfície prateada se estende para todos os lados, e não consigo precisar exatamente onde estão os limites. Pode ser um dos braços mais calmos do rio que corta Nova Paz, afinal não consigo perceber uma correnteza que me mostre de onde vem a água ou para onde vai.

Minhas botas me levam para bem perto da margem, as solas do calçado tocando o cascalho úmido. Daqui, consigo ver que a água é quase transparente, o que não me anima muito. Não sei se prefiro enxergar perfeitamente o tipo de coisa que se aproximaria dos meus pés ou não. Entretanto, se a água fosse turva, eu talvez nem cogitasse me aproximar dela.

Túlio se aproxima de mim, colocando-se ao meu lado. Uma mão cobre os olhos em toldo na

PERIGOSAS ACHERON

frente da aba do onipresente chapéu de couro. Apesar do que pensei que sentiria ao vir aqui, até que acho o hábito bastante charmoso. A admissão me pega desprevenida, assim como o olhar curioso do *cowboy* quando percebe que eu o estive encarando por tempo demais.

— Este é o açude. Bem, um deles. Daqui — ele explica —, nós pegamos as bicicletas e seguimos por uma trilha até a cachoeira. É rápido — promete.

— Tudo bem, vamos lá.

As duas bicicletas foram colocadas sobre o cascalho, e espero que Túlio escolha a sua antes de me adiantar. Assim que ele passa uma das longas pernas sobre a estrutura de aparência quase frágil, eu pego a outra bicicleta e começo a pedalar.

A atividade se mostra revigorante conforme atravessamos a pequena trilha. O caminho, que realmente é muito estreito para que um veículo maior se desloque por ali, é interrompido por árvores e pedras maiores que conseguimos contornar com facilidade.

O único som a nos acompanhar é o de

PERIGOSAS NACIONAIS

gravetos se quebrando sob as rodas das bicicletas e as atividades normais de pássaros e insetos. Tento não pensar muito sobre essa segunda categoria de vida animal, olhando sempre adiante para o meio das costas de meu guia. Logo, o ruído característico e constante de uma queda d'água nas redondezas passa a nos direcionar.

Deixamos as bicicletas perto de uma árvore no fim da trilha e caminhamos até uma pedra porosa e plana, depois da qual a água corre livremente. A cachoeira não é particularmente alta, mas vários níveis de pedras e tombos fazem com que a água despenque ruidosa e violentamente até se abrandar num espaço amplo circundado por rochas maiores. Ao redor, a vegetação verde escura transforma a paisagem num verdadeiro refúgio tropical, tão diferente dos pastos a poucos quilômetros daqui que eu quase não acredito que estamos na mesma dimensão.

Adoro o lugar antes mesmo de conhecê-lo por inteiro.

Não sei por quanto tempo fico parada em pé sobre a pedra absorvendo tudo. No instante

PERIGOSAS ACHERON

seguinte, vejo Túlio desabotoar a camisa ao meu lado, deixando-a escorregar pelos braços surpreendentemente fortes. É claro, alguém que trabalha numa fazenda acaba desenvolvendo músculos, mas a visão de tamanha potência sob a pele lisa e bronzeada faz com que eu me vire fingindo examinar o outro lado da cachoeira. Só volto minha atenção para ele depois que escuto o baque de seu corpo contra a água, sinalizando que estou segura, afinal.

A camisa e os jeans de Túlio estão amontoados sobre a rocha, juntamente com o chapéu e as botinas de couro, a menos de um metro de onde estou. Contenho o impulso de pegar o chapéu e experimentá-lo; não nos conhecemos o suficiente para que eu saiba se isso seria ou não intrusivo. Talvez o chapéu de couro de um *cowboy* seja seu santuário, assim como o controle remoto de um rapaz da cidade grande. Tal pensamento faz com que eu revire os olhos num gesto bem-humorado ao constatar que não pensei em Otávio uma única vez desde que cheguei aqui.

A cabeça loura de Túlio reaparece na

PERIGOSAS NACIONAIS

superfície quando ele retorna de um mergulho, e naquele momento seus olhos brilham tanto que é como se tivessem se tornado parte da água prateada. Ele tomba a cabeça ligeiramente para o lado com os olhos presos em mim de uma forma calorosa.

Bem ali, não sei de onde tiro a coragem para começar a desabotoar minha camisa xadrez para poder me juntar a ele na água. Antes de pular, no entanto, tiro o celular da mochila e tiro uma foto da queda d'água para enviar para Bea depois.

Meu corpo corta a superfície cristalina como uma agulha, afundando rapidamente. A temperatura da água é tão baixa que sinto como se minha pele estivesse sendo atacada por milhares de ferroadas. A sensação é desconfortável e energizante, tudo ao mesmo tempo. Meus dedos se enterram no fundo arenoso e permaneço lá por um instante, aproveitando o silêncio e a queimação em meus pulmões. Depois de um rápido impulso, volto à superfície num fôlego só. Túlio me observa com os braços cruzados na frente do peito definido e uma expressão bem-humorada no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Já mergulhou em uma cachoeira antes? — ele pergunta, e eu nego com um gesto de cabeça enquanto ajeito as alças do maiô preto de Bea sobre os ombros.

Se não fosse a insistência de minha melhor amiga, eu estaria nadando em minhas roupas normais agora. Teria que voltar para a fazenda completamente ensopada.

— Na verdade, não.

— E como sabia que podia mergulhar de cabeça assim? — admoesta com insistente preocupação contida na voz. O gesto não passa despercebido, o que faz com que uma fagulha de fúria se acenda em meu interior.

— Ora, você me avisaria caso soubesse de alguma pedra ou coisa assim, não é? — retruco. — Ou será que gostaria que eu rachasse a cabeça ao meio bem aqui, sem nenhuma testemunha?

O *cowboy* bufa e revira os olhos frente à provocação, mas não responde, o que conta como vitória para mim. Ele toma distância com algumas braçadas, e eu faço o mesmo, na direção oposta. Quando chego a uma enorme rocha, eu a escalo,

estendendo o corpo sobre sua superfície irregular e áspera para absorver um pouco de vitamina D. Mesmo com a cobertura das árvores, o sol chega ao escondido recanto em faixas douradas e quentes.

Não sei por quanto tempo permaneço ali, deitada na pedra com uma das mãos em toldo sobre os olhos. O movimento das poucas nuvens atravessando o azul infinito do céu é hipnotizante, e eu continuaria as observando até o pôr do sol, se pudesse.

Fecho os olhos por um momento, embalada pela temperatura agradável em minha pele e pelo constante som da queda d'água. O aroma que chega aos meus sentidos não tem nada de artificial; é selvagem, de terra, mato, verde e marrom.

A voz de Túlio me desperta, vinda de algum lugar próximo aos meus tornozelos:

— Se está tentando se bronzear, esses trajes não são muito adequados — provoca, e eu quase o acerto com meu pé quando me sento num impulso um pouco destrambelhado.

Sua expressão é divertida, leve, totalmente diferente do *cowboy* taciturno e caladão ao qual me

acostumei desde que cheguei aqui. No entanto, ainda não é o mesmo que vi interagir com a garota ruiva do caminhão de leite.

Faço minha melhor expressão de desagrado, completa com uma única sobrancelha erguida e braços cruzados na frente do corpo.

— Não estou tentando me bronzear, mas obrigada pelo conselho — respondo.

Os olhos dele deslizam por cada centímetro da minha pele exposta, o que não é muita coisa, considerando que estou usando o maiô de natação de Bea. Ainda assim, é como se me tocasse com as íris, deixando rastros incandescentes.

Um tipo diferente de desconforto quente e úmido faz com que eu me encolha, desejando a proteção ilusória das águas mais uma vez. Desço o corpo pela superfície áspera da rocha sem me importar com o atrito e, menos de uma inspiração depois, a água volta a me cobrir com sua temperatura gélida e perfurante.

Mergulho e nado para longe. Mais especificamente, para o outro lado, onde minhas roupas aguardam dobradas na margem. Não penso

PERIGOSAS NACIONAIS

em absolutamente nada; minha mente é um grande vazio enquanto visto os jeans sobre a pele molhada e, em seguida, fecho a camisa botão por botão.

Olho para trás uma única vez antes de pegar a bicicleta e partir, pedalando o mais rápido que meus pulmões conseguem aguentar e ignorando a sensação que os olhos de Túlio deixaram em mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

A caminhonete me alcança depois do que parecem ser quilômetros de estrada de terra, mas a parte racional da minha mente sabe que não pedalei tanto assim. Tanto meus pulmões quanto minhas panturrilhas queimam, e o ruído das rodas do veículo atrás de mim é extremamente bem-vindo.

Túlio se aproxima devagar, com um dos braços apoiados na janela e a outra mão segurando o volante com firmeza. Não vejo o chapéu de couro sobre a cabeleira úmida, o que me desconcerta.

— Vamos, eu te dou uma carona — oferece, e percebo que o *cowboy caladão* retornou com força total, apagando completamente o rapaz risonho e tagarela de mais cedo. Não gosto dessa versão, prefiro os sorrisos abertos e o riso fácil, vivo.

Ele segue e estaciona a caminhonete um pouco à frente, bloqueando a passagem da minha bicicleta. Ainda assim, não sai do veículo, deixando

a decisão de aceitar a carona por minha conta no final.

Não preciso pensar muito.

Coloco a bicicleta na caçamba junto com a dele e entro. A sombra fornecida pela cabine alivia o ardor que eu não havia percebido antes no topo da minha cabeça.

— Obrigada — digo em voz baixa, baixa o suficiente para ser confundida com o ronco surdo da caminhonete conforme avançamos pelo caminho de terra. Mesmo assim, ele balança a cabeça uma vez, confirmando que ouviu. Isso é o suficiente para mim.

Almoçamos os sanduíches de dona Lucrécia no caminho, os dois mastigando em um silêncio que só quebro para compartilhar minha garrafa d'água. A sensação estranha foi embora, constato com alívio, e assim continua até nos aproximarmos da fazenda. Mais precisamente, até o momento em que Túlio decide falar sobre o elefante que nos acompanha na caminhonete, e que até então estava quietinho cuidando da própria vida.

— Por que saiu correndo daquele jeito? —

sua voz sai baixa, quase como se relutasse a passar pela garganta. Imagino que, ainda que eu não tenha percebido, ele estivesse lutando com a pergunta desde que me resgatou na estrada.

Em vez de responder à pergunta, devolvo:

— Vocês têm cavalos por aqui? — Eu me arrependo no momento em que as palavras passam pelos meus lábios.

Meu coração bate forte no peito, ecoando por todo o corpo, enquanto aguardo a resposta. Sei com toda a certeza do mundo que não quero dividir, não ainda, o fato de que conheço a égua dourada que fica sozinha nos estábulos. Sei também que alguém cuida dela, a alimenta, a escova e a coloca para fazer exercícios e pastar no redondéu atrás do galpão. Mas a verdade, a realidade por trás de tudo, é que eu prefiro que esse cuidador misterioso seja um fantasma a dividir o único segredo que tenho ali com outra pessoa, por mais infantil e absurdo que isso possa soar.

— Cavalos? — Túlio me encara confuso pela devolutiva inusitada, mas não preciso explicar meus motivos por trás da pergunta porque a

caminhonete finalmente para ao lado do casarão.

Nunca o som do soluço áspero daquele motor foi tão bem-vindo.

Saio do veículo e caminho a passos decididos até chegar à porta da frente, pela qual entro de supetão. Antes de subir as escadas e ir direto para o quarto, no entanto, um ruído baixo que só pode vir de uma televisão faz com que eu decida mudar meu rumo.

Dona Lucrécia está sentada no grande sofá de couro castanho com um amontoado de lã no colo, os dedos trabalhando com agilidade duas longas agulhas de tricô. A televisão, como eu suspeitei, serve apenas como pano de fundo para seu trabalho.

O que mais me surpreende, no entanto, é que nunca prestei atenção naquele cômodo da casa antes. Sempre passei direto da porta de entrada para a cozinha, ou para as escadas e então direto para o quarto e o banheiro no andar de cima. O caminho é sempre o mesmo, sem explorar ou me atentar ao que há ao redor. Chego à conclusão que não tenho a menor ideia de onde é o quarto de dona Lucrécia ou

de Túlio, e também não sei onde Ricardo costumava dormir. Será que ele tinha um escritório, um lugar para organizar seus documentos, livros e fotografias?

Balanço a cabeça para expulsar tais imagens e volto minha atenção para a governanta, que parou de tricotar para falar comigo.

— Como foi o passeio? Se divertiram? — Os olhos azuis estão cheios de expectativa por trás dos grandes óculos de grau. Algo naquilo tudo me incomoda, cutuca minha percepção, mas continua fora do alcance, quase como se fosse extremamente óbvio, porém ágil o suficiente para escapar das minhas mãos.

Chego à estranha conclusão de que é desconfiança, minha desconfiança quanto às intenções de dona Lucrécia ao orquestrar tudo aquilo.

— Foi legal — respondo mecanicamente, e ela sorri, dando tapinhas no estofado ao seu lado para que eu me sente.

Meus olhos são atraídos imediatamente para a televisão de tela plana que nos encara do outro

lado do cômodo em suas nada majestosas vinte e uma polegadas. As imagens são de uma novela, considerando que já vi ao menos de relance quase todos os atores. Bea é uma noveleira de primeira categoria, e pensar em minha melhor amiga faz com que eu a imagine sentada em nosso sofá assistindo à mesma novela, no escuro.

Meu peito arde subitamente de saudades de casa.

O sofá é macio o suficiente para que eu me afunde entre as almofadas, e minha cabeça tomba para trás tão logo o restante do corpo se acomoda. O ventilador de teto zunzune acima de nós, agitando suas pás de madeira conforme as rodopia sem realmente criar uma corrente de ar.

— É para manter os insetos longe — dona Lucrécia explica ao perceber o foco de minha atenção. — O ventilador é nosso melhor amigo por aqui.

A governanta volta a tricotar quando não respondo, e eu me sinto tão cansada, na verdade tão esgotada pelas atividades do dia, que o zumbido do ventilador somado ao burburinho vindo da

televisão são suficientes para me embalar diretamente para o mundo dos sonhos.

Quando desperto, estou sozinha na sala a não ser pelo ruído do estalar ocasional dos móveis de madeira de demolição ao meu redor. O único sinal de que dona Lucrécia esteve ali em algum momento é a manta de tricô azul sobre o meu corpo.

Estico os braços acima da cabeça e quase posso ouvir minhas articulações estalarem em rangidos enferrujados. Talvez dormir no sofá não tenha sido uma boa ideia. Ir para o quarto e dar continuidade à noite de sono é a melhor saída. Entretanto, o sono foi embora e meu estômago começa a reclamar da falta de comida.

Na cozinha, um prato sobre a mesa coberto com uma toalha chama minha atenção. É ensopado de carne com arroz, e só o cheiro faz com que meu estômago se contorça de fome. Preciso me lembrar de agradecer dona Lucrécia pela refeição depois.

Enquanto como a refeição ainda morna,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

observo as paredes onde alguns utensílios estão pendurados, a mente perdida em divagações. O relógio redondo marca meia noite e meia, mas os ponteiros se movem de forma tão preguiçosa que me pergunto se está correto. Mesmo assim, todos parecem dormir cedo por aqui, um hábito da vida no campo que só agora começo a compreender.

Coloco o prato vazio na pia, enchendo-o com água para facilitar o trabalho de lavar. Acima da torneira, a janela retangular dá para a parte de trás do casarão e para o caminho de terra ladeado por seixos que tantas vezes percorri em busca de tranquilidade.

É até engraçado que eu precise fugir de uma casa completamente silenciosa no meio de uma pacata cidade interiorana e rural para encontrar tranquilidade, mas, na maioria das vezes, o que procuro é silenciar minhas preocupações. Nem mesmo no meio do mato, como eu costumava me referir a este lugar antes de vir para cá, é possível se sentir totalmente em paz se a mente está perdida num turbilhão.

Exatamente como a minha parece estar agora,

PERIGOSAS ACHERON

com a volta dos acontecimentos do dia para nublar meu raciocínio.

Só existe uma coisa que me faz sentir melhor quando a confusão aparece, e não hesito em deixar o prato de molho esquecido na pia para seguir o caminho dos estábulos mais uma vez.

Empurro a porta para entrar, como sempre. A égua está presa na baia, e bufa com o que espero ser alegria quando chego perto. Estendo a mão para frente, na direção do focinho macio, e ela se deixa acariciar. Dessa vez, no entanto, eu trouxe uma cenoura de presente, e ela procura pelo cheiro apetitoso entre meus dedos. Quando estendo a hortalça, a égua a abocanha com voracidade, terminando de mastigá-la em poucos segundos.

— Eu só trouxe uma, e você nem mastigou direito antes de engolir! — repreendo, alisando sua fronte aveludada.

O animal dá alguns passos para trás e faz um círculo completo dentro da baia, batendo os cascos no piso coberto de feno. Eu a observo, notando sua agitação.

Do outro lado do estábulo, em um gancho de

PERIGOSAS NACIONAIS

ferro perto da porta por onde entrei, há uma corda pendurada. A visão me traz uma ideia que pode acabar com a frustração de minha amiga quadrúpede, assim como aliviar a sensação claustrofóbica que não abrandou mesmo em sua companhia.

Tento me lembrar de como se faz um cabresto com a corda do jeito que aprendi na faculdade. Se não me engano, tivemos até uma prova prática na qual precisávamos amarrar um cavalo daquela forma. Minhas mãos tateiam a corda e os movimentos vão retornando, ainda que um pouco inseguros.

Inspiro profundamente uma vez antes de puxar o trinco que segura a divisória da baia fechada. Não sei bem o porquê, mas sinto como se esse fosse um momento divisor de águas. Confiarei na égua para não me derrubar e nem sair desembestada pela porta, presa apenas pelo cabresto que fiz, e também confiarei em mim mesma. O medo não aparece para me fazer mudar de ideia.

A égua dá um passo à frente para testar a

PERIGOSAS ACHERON

nova liberdade e puxa de leve a corda cuja ponta está enrolada em minha mão. Quando encontra resistência, abaixa a cabeça num gesto de submissão. Depois disso, eu a acarinho na lustrosa tábua do pescoço e embrenho meus dedos entre os fios de sua crina loura, pronta para guiá-la para alguns instantes de liberdade.

— Vamos, garota — chamo com um sussurro, e nós duas atravessamos a outra porta, a que dá acesso ao piquete na parte de trás. A égua caminha devagar ao meu lado, obediente ao limite que imponho pelas minhas passadas.

A porteira do piquete está aberta, quase como se já soubesse que iria receber a égua para um passeio na madrugada. Eu entro com ela e fecho a passagem antes de desfazer o cabresto desajeitado. Assim que a solto da corda, o focinho se aproxima do meu rosto numa fungada úmida e com cheiro de cenoura.

— Pronto, pronto, está livre! Vá correr um pouquinho... — incentivo, voltando para o limite da cerca. A égua então se afasta e percorre todo o perímetro num trote lento, dando a volta completa

no piquete.

Eu me encosto à cerca, estendendo os dois braços para os lados na tábua do meio enquanto observo. Até mesmo o ar tem um cheiro diferente essa noite, mais úmido e tingido de verde, leve e fresco. Propício para a reflexão.

Decido colocar para fora as coisas que me preocupam, como das outras vezes em que estive aqui. Talvez assim a égua me ajude a enxergar algum sentido no meio da bagunça.

— O que você acha que aconteceu hoje? — pergunto, e os olhos do animal se voltam para mim, inquiridores. — Tudo bem, você não sabe o que aconteceu por que não estava lá, eu sei disso. Mas aconteceu alguma coisa diferente.

Suspiro, obviamente sem obter nenhuma resposta. E então, continuo:

— Sabe, eu acho que é errado. Não sei bem o motivo, mas é — afirmo. — Tem alguma coisa a ver com o olhar, aqueles olhos azuis... O jeito que ele me olhou na cachoeira era... diferente, intenso. Fez com que eu me aquecesse inteira, e isso é tão... — Levo as duas mãos ao rosto e aperto meus olhos

em frustração. — Sabe o que é pior? Eu gostei e provavelmente olhei com a mesma intensidade. E é isso que deixa tudo tão errado, bagunçado.

A égua se aproxima e abaixa para pastar nos montinhos de grama aos meus pés.

— E se essa aproximação e as coisas que estou sentindo forem planejadas para que eu desista da fazenda? — murmuro, fitando o topo da cabeça loura. — Nossa, isso seria tão manipulador e egoísta! Não posso deixar que façam isso comigo! — declaro com firmeza.

Eu não seria mais enganada com gentileza e bom comportamento cobertos de falsidade. Quem pode garantir que as histórias que a governanta me contou sobre Ricardo são reais, e não uma fantasia inventada para fazer com que eu simpatize com ele, com todos eles? Não, isso não vai mais acontecer! O preço é muito alto para que eu me deixe levar por sentimentos que não existem e são frutos da mais pura enganação.

A brincadeira acaba aqui.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Depois que deito a cabeça no travesseiro, ainda vestida com as mesmas roupas do dia, leva uns vinte minutos para meu celular tocar de forma estridente e me acordar. Ou essa é a impressão que eu tenho, pelo menos.

Eu me arrasto para fora da cama e pego o aparelho dentro da mochila, jogada num canto do quarto. O identificador de chamadas informa que é Felipe, quero dizer, doutor Esposito.

Quando atendo, ainda estou meio grogue pela falta de sono. Apesar disso, dá para ver muito bem que o sol já nasceu.

— Alô?

— Nina, tudo bem? Espero não ter acordado você! — ele responde animado. Não sei como alguém pode expressar tanta vivacidade a esse horário, mas talvez isso aconteça com todas as pessoas que são diurnas, o que não é o meu caso, principalmente depois de passar mais da metade da

noite nos estábulos.

— Na verdade, eu já estava meio acordada — digo sem a menor convicção, quase falhando ao conter um bocejo.

Dou uma espiada no mundo lá fora através da janela, e me deparo com o início de mais um dia ensolarado em Nova Paz. Será que nunca faz tempo feio por aqui, ou essa é uma das vantagens de se viver no campo em comparação com as metrópoles chuvosas e sempre nubladas?

— Bem, de qualquer forma, me desculpe por ligar tão cedo, mas tenho uma emergência numa fazenda um pouco mais distante e gostaria de saber se você quer ir. É uma égua em *distocia*, parece que a pobrezinha está em trabalho de parto há horas e nada acontece.

A palavra *égua* é o que vende completamente a sugestão, e em poucos minutos já me sinto mais acordada do que nunca.

— Claro! — concordo. — Que horas você vem?

Felipe ri ao telefone, uma risada leve e gostosa que faz com que eu sorria também, apesar

de ele não poder ver.

— Quanta empolgação! Passo aí em uns vinte minutos, tudo bem?

— Perfeito.

Ainda sinto o gosto do café amargo quando afivelo o cinto de segurança no banco da frente do SUV de Felipe. Depois de um banho de no máximo dez minutos, eu me arrumei em tempo recorde e tive tempo apenas de encher uma caneca com o café coado por dona Lucrécia na cozinha antes de escutar o ronco do veículo do lado de fora. Expliquei rapidamente à governanta para onde estava indo e partimos segundos depois, deixando para trás um rastro de poeira alaranjada.

O perfume de Felipe é quase uma terceira presença; uma essência fresca como hortelã de loção pós-barba misturada ao sabonete que usou no banho recente, considerando os cabelos úmidos e repartidos para o lado. Os meus cabelos, também molhados do banho, escorrem livremente pelos meus ombros, fazendo com que o ar condicionado

dentro do SUV pareça ainda mais potente. Cruzo os braços na frente do peito por conta do frio, lamentando ter esquecido de pegar um casaco na correria.

— Está com frio? — Felipe pergunta, mas não espera minha resposta para desligar completamente o ar condicionado. Quase não consigo conter meu suspiro de alívio.

— Obrigada — respondo. — Tenho frio com muita facilidade...

— Sem problemas. Eu ligo o ar condicionado quando acordo cedo e preciso ficar acordado para pegar estrada. O ar gelado na cara ajuda — confidencia com um sorriso conspiratório, e eu solto uma risada.

— Não dá pra negar que é difícil dormir passando frio — concordo.

— Bem, com você aqui não preciso mais disso. Nós podemos conversar sobre a paciente e a hora e meia de viagem vai passar voando. — Sua expressão é de quem me pede desculpas, mas não me importo. Na verdade, um pouco de distância de Mirassol é tudo que preciso agora, e o pedido de

Felipe veio no melhor momento possível.

— Então pode começar, quero saber tudo sobre a égua.

Ele se volta para a estrada e abre um pouco os vidros para que o ar circule, dissipando seu perfume gostoso e sendo substituído subitamente por uma onda morna e aromática de... estrume. Não consigo deixar de lamentar a troca injusta, ainda que somente em pensamento.

A uma hora e meia seguinte, conforme combinado, é gasta falando sobre o animal que vamos atender. Trata-se de uma égua da raça *Puro Sangue Inglês* cuja primeira estação reprodutiva Felipe acompanhou desde o início. Descubro, inclusive, que o veterinário auxiliou o fazendeiro na escolha e compra do animal e que cuida dela desde então.

Quando chegamos ao haras, fico surpresa com o tamanho da propriedade. Se eu acreditei por um segundo que Mirassol era imensa, ela não passa de um pequeno sítio em comparação com o lugar onde estamos agora.

A propriedade é delimitada por cercas vivas

quase da altura de árvores, e a estrada que nos leva até a entrada é asfaltada. Nada de terra vermelha ou buracos, é asfalto de verdade, liso e sem uma única falha.

O SUV se aproxima do interfone e Felipe se identifica; instantes depois, os portões de madeira se abrem e nos dão permissão para seguir por outro caminho perfeitamente asfaltado margeado por arbustos de pingo-de-ouro. Além dos limites da estrada, é possível ver pastos de vegetação extremamente verde com algumas árvores produzindo sombras convidativas nas quais alguns cavalos descansam. Se o que vejo é uma pequena amostra do lugar, o haras é um verdadeiro paraíso.

— Impressionante, não é? — Felipe comenta conforme seguimos pela estrada em direção à casa principal.

— É lindo... — Eu me debruço na janela, agora completamente aberta, e o cheiro pungente e ao mesmo tempo reconfortante de cavalo me recepciona como um abraço saudoso. Inspiro profundamente e fecho os olhos sob o sol, nem um pouco incomodada com o calor que invade o

veículo.

Quando estacionamos entre duas caminhonetes enormes, uma das quais tem um compartimento para transporte de animais atrelado à carroceria, minha atenção se volta para Felipe.

— Vou dar uma palavrinha com o Rezende. Ele deve mandar um de seus homens nos acompanhar até o estábulo das matrizes para vermos o que está acontecendo — explica antes de desafivelar o cinto de segurança e abrir a porta do veículo. Eu copio seus movimentos e o acompanho até a entrada do casarão, que quase consegue ser mais impressionante do que o que vi até o momento.

Um homem de cerca de sessenta anos nos recepciona e aperta a mão de Felipe amigavelmente antes de sermos apresentados.

— Rezende, esta é Nina Campos, a veterinária que tem me ajudado.

O fazendeiro tira o chapéu branco de couro da cabeça calva num gesto de cortesia e, por fim, me estende a mão também.

— É um prazer! Meu nome é Paulínio

Rezende, mas só minha mulher me chama pelo primeiro nome. E garanto que só faz isso quando está extremamente irritada! — o homem ri, fazendo o espesso bigode branco tremelicar.

Aperto sua mão calejada e quente, e então Rezende nos direciona para o outro lado do casarão de portas francesas. Ali, um carrinho de golfe com seis lugares nos aguarda.

— Desculpem a pressa, mas não acho que Dorotéia possa esperar — explica, sentando-se no banco do passageiro à frente do veículo. — Roberto, nos leve até a maternidade, por favor.

Outro homem, que eu não havia reparado antes, se aproxima e toma a dianteira. É um tipo mais rústico, usando jeans, camisa e botas. Diferente do patrão, que se veste como se fosse comparecer a uma corrida de cavalos no jockey clube, completando o visual com joias douradas e conjunto branco de paletó, mesmo debaixo do sol escaldante.

Felipe indica que eu devo ocupar um assento no carrinho de golfe e senta ao meu lado. Com um movimento da mão, Rezende comanda que o outro

homem, Roberto, dê a partida.

Quando finalmente chegamos ao estábulo ao qual o fazendeiro se referiu como maternidade, tenho certeza de que perdi a capacidade de me surpreender.

Estou enganada.

O estábulo é imenso. Maior, muito maior do que o galpão que temos em Mirassol. Para falar a verdade, é de tamanho semelhante ao do casarão que há lá na fazenda, se não for ainda maior. Saltamos do carrinho, e Rezende nos guia apressadamente para o interior escuro e climatizado.

A entrada dá para dois corredores de baias e, logo na entrada, uma escada leva ao mezanino no qual provavelmente devem acontecer reuniões e outros encontros importantes. Sem tempo para explorar, seguimos por um dos corredores e Rezende nos leva até a baia cuja porta está aberta. Montes de feno escapam para o corredor e, conforme nos aproximamos, ouço a comoção do lado de dentro.

— Todo mundo pra fora! — o fazendeiro

esbraveja, e três outros rapazes, provavelmente os cuidadores do estábulo, saem apressados. Um até tropeça no caminho.

A égua estirada sobre o feno é a maior que já vi, e não somente por estar gestante. A pelagem escura e luzidia cobre todo o corpo como cetim, sem uma única falha ou pelo de coloração diferente. A crina e a cauda, agora embaraçadas com o feno, também são escuras e uniformes em sua tonalidade meia-noite.

Rezende se aproxima, pisando cautelosamente sobre o feno para não assustar o animal. E a mudança na sua presença é como o desligar de um interruptor: o homem corpulento e espaçoso desapareceu por completo.

— Minha pequena... — sussurra, agachando-se em frente ao focinho castanho escuro. Ele afaga o chanfro com delicadeza, um pequeno sorriso pesaroso no rosto vermelho.

Felipe analisa em silêncio o abdômen arredondado e distendido da égua, e então caminha até ficar de frente para a traseira dala. O feno debaixo do animal está úmido e solta um odor

pungente no ar já saturado. O veterinário então sai da baia e retorna segundos depois com dois pares de luva descartáveis, um dos quais estende na minha direção.

Antes que possamos fazer qualquer coisa, Dorotéa guincha e contrai todo o corpo, fazendo escapar mais uma golfada de líquido sobre o feno. Depois, bufa com exaustão e deixa a cabeça pender para o solo, sendo imediatamente amparada por Rezende.

Felipe olha para mim.

— Nina, preciso que você entre e veja o que está acontecendo.

— Tá, tudo bem! — concordo, me levantando imediatamente. — Do quê você precisa?

O veterinário dirige o olhar para a traseira do animal num gesto significativo, e depois volta a me fitar.

— Não, você precisa entrar *aqui*. Dorotéa é *primípara* e você tem as mãos menores — Antes que eu possa objetar com base em minha falta de experiência, Felipe continua: — Não se preocupe,

eu guio você.

Dirijo o olhar mais uma vez para o abdômen redondo e, no mesmo instante, o que parece ser uma contração violenta faz com que a égua solte um gemido doloroso. É o que me convence, afinal.

Calço as luvas e me posiciono no lugar que Felipe vaga na traseira de Dorotéia, enquanto ele ergue a cauda do animal. A abertura me parece suficientemente dilatada para que ele intervenha, e não eu, mas opto por não apontar o fato em voz alta. Em vez disso, estendo uma das mãos e a escorrego para dentro com a ajuda do líquido que escapa dali.

Felipe me encara enquanto tateio num primeiro momento, me aclimatizando ao desconhecido e, não posso negar, inacreditável. Quando não consigo identificar nada que me pareça fora do lugar, deslizo um pouco mais para dentro, e então, eu paro.

— O que você encontrou? — Felipe questiona, ansioso.

Tateio mais um pouco antes de responder, apesar de as duas estruturas circulares e duras que

encontrei me parecem características o suficiente.

— Cascos. Dois.

O veterinário meneia a cabeça em afirmativa.

— Certo, muito bom. Consegue sentir o focinho? Pode estar um pouco mais para dentro.

Seguindo a orientação, meus dedos percorrem os membros do filhote e sobem, tateando as articulações até chegar em um ponto que não consigo identificar prontamente. Minhas sobrancelhas se franzem em dúvida.

— Não sei o que é isso — sussurro, fazendo com que Felipe se aproxime para ouvir melhor. Não quero que ele seja prejudicado por trazer uma novata completamente inexperiente a uma situação de emergência.

Minha expressão deve comunicar desespero, pois o veterinário se coloca ao meu lado imediatamente.

— O que está sentindo? — Seus olhos estão presos no ponto em que meu braço desaparece para dentro da égua, e eu respiro fundo uma vez antes de responder.

— Não sei... A cabeça deveria estar aqui, ou

PERIGOSAS ACHERON

o pescoço, eu acho... Mas eu só sinto um... *oh!* — Meu braço entra mais um pouco, agora passando do cotovelo. — Acho que é a traqueia. Está fazendo uma curva para o lado.

Felipe solta um sorriso aliviado.

— O potro está com a cabeça fletida, Rezende! — exclama, logo voltando a atenção para mim e para a égua, em cujo lombo dá uma palmadinha de incentivo. — Já vamos resolver isso, garota.

A égua arqueja e sinto sua musculatura interna trabalhar na tentativa de expulsar o potro, mas tudo que consegue é pressionar meu braço quase até o ponto d estrangulamento. Respiro fundo, encarando Felipe. Esse nascimento depende das minhas mãos, mas, para que isso aconteça, dependo cem por cento das orientações do veterinário.

Quando a contração termina, tato o pescoço do potro, seguindo para o lado até encontrar o arco da mandíbula. Tento escavar nos confins da memória alguma coisa que possa me ajudar, qualquer lembrança de aula sobre partos

complicados. Se não estou muito enganada, preciso apenas desfazer a flexão para que o potro escorregue para fora naturalmente.

— Quando você encontrar o focinho, dê um beliscão nele — Felipe instrui. Eu o encaro horrorizada.

— O quê?!

Ele ri.

— É para sabermos se ele ainda está vivo — explica. — Quando beliscar, ele vai se mexer.

Empurro o braço mais para dentro, torcendo internamente para que não seja necessário ir ainda mais fundo. Estou quase até as axilas dentro da égua, e não há mais nenhum centímetro de braço para dispor.

Sinto as narinas do potro com as pontas dos dedos. Ele me parece quente, mas isso pode ser devido ao calor que emana da mãe. Suor escorre pela minha testa enquanto espero a próxima contração cessar e, quando finalmente acontece, aperto a pequena narina com os dedos em forma de pinça. A pele escorregadia tremelica, e eu solto um suspiro aliviado.

— Está vivo! — exclamo. Felipe sorri e coloca uma das mãos sobre meu ombro, o que não está quase dentro do animal, e o aperta em solidariedade.

— Ótimo — comemora, fitando o abdômen abaulado e lustroso da égua, quase como se pudesse enxergar através da pele e ver o filhote. — Agora você precisa firmar o focinho e trazê-lo para frente. Coloque os dedos nas narinas, costuma funcionar.

Deslizo um pouco adiante, colando o ombro ao traseiro da égua, e faço conforme Felipe instruiu. De início, o focinho está escorregadio e não consigo firmar os dedos, mas então encontro apoio para a palma da mão nos lábios do potro e começo a puxar delicadamente.

A cabeça volta à posição correta com mais facilidade do que eu esperava, e então, quase como se tivéssemos combinado, uma nova contração se inicia. Dessa vez, com a posição normal restabelecida, o potro é movido com facilidade e um par de cascos aparece conforme vou retirando meu braço de dentro da égua.

— Lá vem ele! — Felipe avisa, e o dono da

PERIGOSAS NACIONAIS

propriedade, agora já despreocupado, dá a volta no animal para poder assistir ao nascimento do potro.

Não consigo desgrudar os olhos de cada centímetro de veludo escuro que aparece, ignorando completamente o quanto estou suada e lambuzada de todo tipo de secreção. Não importa, não quando a coisa mais mágica que eu já vi na vida acontece bem diante de mim.

Uma coisa mágica com a qual eu, mesmo do fundo da minha inexperiência, pude contribuir.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Depois de nos certificarmos de que o potro e a égua estão bem, Rezende oferece os aposentos do andar de cima do estábulo para que eu possa tomar um banho. Infelizmente, como não trouxe outra roupa para me trocar, fico satisfeita com uma torneira de água quente e uma toalha.

O dia passa rapidamente quando se está entretido, e logo me vejo mais uma vez dentro do SUV de Felipe, a caminho de Mirassol.

— Você foi ótima lá no haras, sabia? — ele comenta casualmente enquanto dirige, um dos braços para fora da janela numa pose que imita o displicente.

Sem que eu perceba, a imagem espelhada de Túlio na noite em que foi me buscar na rodoviária aparece sem ser convidada, e a comparação é imediata e nada bem-vinda. A verdadeira diferença entre os dois não é tão simples quanto os cabelos sempre alinhados do veterinário ou seu estilo casual

PERIGOSAS NACIONAIS

para se vestir. Ainda que viva no campo e respire essa realidade, o rapaz ao meu lado é demasiadamente dócil. O que me surpreende é que isso não me parece mais tão atraente e positivo quanto talvez devesse parecer.

Afasto o pensamento contraditório quando percebo que não respondi ao seu elogio.

— Obrigada. — Sorrio, dando de ombros. — Mas não acho que eu teria conseguido fazer muita coisa sem ajuda.

Felipe solta uma risada e preenche toda a cabine do veículo com sua presença ensolarada.

— Você não entrou em pânico e conseguiu fazer a intervenção sozinha. E depois... ninguém precisa fazer nada sem ajuda. Lembre-se disso.

Quando me viro em sua direção, percebo que ele também está olhando para mim com um sorriso que eu só posso descrever como contemplativo. O peso de suas palavras é uma terceira presença entre nós, e elas se repetem dentro da minha cabeça de forma incessante. Não consigo parar de pensar que elas talvez tenham significado mais do que aparentaram na superfície.

PERIGOSAS ACHERON

Deixo o silêncio durar enquanto encaro a paisagem do lado de fora da janela aberta. O ar quente bate contra o meu rosto e joga meu cabelo para trás, enchendo meus pulmões com o perfume do mato. Não consigo mais identificar o odor de estrume, o que só pode significar que meus sentidos se acostumaram a ele.

O sol poente nos atinge em cheio, desviando dos para-sóis graças à sua posição inclinada no céu. O tom de laranja elétrico queima meus olhos, mas não consigo desviar. O espetáculo diante de mim é imperdível.

O veículo para em frente ao casarão muito mais rápido do que eu gostaria, tenho que admitir. É como se ali houvesse algo que eu quisesse mais do que tudo evitar, mas não consigo imaginar o que é. É uma sensação estranha e pesada na boca do estômago, mas decido colocá-la em segundo plano enquanto me despeço de Felipe, ao menos por hoje.

— Não tenho mais nenhum trabalho a campo essa semana — ele diz, encarando as duas mãos unidas no volante.

— Ah. — Sinto meu corpo todo esvaziar,

como um grande balão, frente à decepção. O sentimento se sobrepõe ao desconforto que eu sentia há pouco, e, por um momento, não consigo acreditar que não estão relacionados de alguma forma.

Felipe olha para mim de repente, enquanto penso nas palavras que poderia dizer. A situação era leve um minuto atrás, e agora é como se eu fosse uma atriz colocada no papel errado, sem nenhum ensaio ou aviso prévio.

Ele decide quebrar o estranho silêncio:

— Você pode aproveitar para conhecer a cidade. Quer dizer, se ainda não fez isso. Conhece o centro histórico?

Agarro-me à sugestão como alguém que se afoga em alto mar se agarraria a qualquer coisa que flutua.

— Não conheço nada aqui, só a fazenda — começo, e então uma ideia vinda sabe-se lá de onde encontra caminho para fora através dos meus lábios, sem qualquer convite. — Você pode me mostrar?

Felipe levanta o olhar na minha direção e um

brilho estranhamente esperançoso enfeita seus olhos acinzentados. É um daqueles momentos em que as coisas parecem certas, porém equivocadas ao mesmo tempo. Como se alguma parte estivesse trocada ou diferente do que deveria ser, e não consigo identificar que parte é essa para então poder corrigi-la. A sensação me intriga e incomoda, mas eu a ignoro mais uma vez nesse fim de tarde. Pode ser só o cansaço de um longo dia, afinal.

Felipe abre um sorriso luminoso antes de responder.

— É claro. Prometi ao meu pai que o ajudaria durante a semana, mas podemos dar uma volta pela cidade no sábado que vem.

— Perfeito!

A semana passa tediosa e lentamente.

Não sei se o motivo é a falta de atividades que me entretenham ou a expectativa para o fim de semana, mas os dias parecem se arrastar com a agilidade de uma lesma se deslocando sobre o cascalho.

Como não acompanho Felipe em seu trabalho a campo, tiro os dias que me separam do fim de semana para dar longos passeios a pé pela propriedade, além de conhecer um pouco do trabalho dos outros funcionários. É claro que não sou capaz de cruzar toda a extensão da fazenda com meus pés munidos somente das botas de couro que me foram cedidas, mas não tenho pressa. A calmaria parece enfim ter me contagiado.

Depois do horário em que dona Lucrécia serve o jantar, me acostumei a esperar o casarão cair num silêncio no qual só se escutam os grilos e a brisa sobre o mato. É nesses momentos que desço sorrateiramente as escadas, evitando com familiaridade os degraus que rangem, e me esgueiro para fora, sob o manto perfeitamente estrelado que só o céu de uma cidadezinha rural pode oferecer.

E então, vou visitar a égua dourada que se tornou minha amiga e confidente.

Meus momentos favoritos da noite acontecem quando a levo até o piquete do outro lado do estábulo e a deixo se exercitar, observando

PERIGOSAS NACIONAIS

a musculatura forte do animal se mover debaixo da pelagem lustrosa. Nestes momentos, eu me debruço sobre o cercado e enuncio baixinho o nome de todas as estruturas que posso ver, desde os ossos até a pele. É uma surpresa e uma satisfação secreta dar-me conta de que minha memória guardou todas as informações quando eu acreditava que jamais seriam úteis.

É nestes momentos também que conversamos. Ou melhor, eu converso e falo sobre minhas inquietações e conto tudo que me aconteceu até o momento aqui em Mirassol. Não obtenho nenhuma resposta ou comentário, é claro, mas estar ali respirando o ar fresco da noite junto ao cheiro de mato funciona como bálsamo para minhas dúvidas. Enquanto observo a égua mexer as orelhas ao som da minha voz, sinto como se ela exalasse energia dourada e potente na minha direção, e então a absorvo. Ela é meu sol particular no meio da noite, tornando quase insignificantes os milhares de astros sobre nós.

Numa dessas muitas conversas unilaterais, decido aplacar sozinha a apreensão que sinto a

PERIGOSAS ACHERON

respeito do sábado que se aproxima. A sensação de que algo está ligeiramente fora de lugar se perpetua, sem que eu compreenda sua origem exata.

— Seria muito errado se eu me envolvesse de alguma forma com o doutor Felipe? — pergunto à égua enquanto ela pasta despreocupadamente. Os olhos redondos e perspicazes se voltam para mim ao som da minha voz. Se fosse Bea em seu lugar, eu veria as sobrancelhas de minha amiga altas no rosto numa expressão de incredulidade óbvia.

A comparação faz com que eu deixe um riso baixo escapar, e eu reviro meus olhos em resposta ao que ela certamente diria.

— Eu sei que nossa relação é profissional, e que ele tem me ajudado muito a entender o que é trabalhar a campo, mas... Ele é tão diferente do Otávio, sabe? — A égua se aproxima e eu estendo minha mão, permitindo que o focinho aveludado a toque. À menção do meu ex-namorado, seus olhos se crispam, e eu dou de ombros. — Felipe é muito legal, ou ao menos parece ser, mas nós não tivemos nenhuma interação que não esteja relacionada ao

trabalho. Talvez eu queira saber como ele é fora do âmbito profissional.

A égua abaixa a cabeça mais uma vez para tentar alcançar os fiapos de grama perto do cercado, e eu acompanho o movimento. O focinho se aproxima de onde meus pés estão, onde curiosamente não há mato que a atraia, e então eu me dou conta do que ela parece querer me dizer. Ou então do que consigo me convencer que é a realidade.

As botas.

Túlio.

Minha mente vaga até as últimas interações que tive com o *cowboy*. Mais precisamente, penso no dia em que visitamos a cachoeira e toda a confusão que se seguiu. Quer dizer, toda a confusão mental. Eu não teria sido capaz de confrontá-lo e fazê-lo explicar o que significaram aqueles olhares. Só que ninguém olha para outra pessoa com aquele grau de intensidade se não tem a intenção de fazê-la queimar de dentro para fora.

E, bem, eu não tenho nenhuma intenção de chegar perto da chama. Aliás, quanto mais longe,

melhor. E é exatamente por esse motivo que preciso me associar a pessoas que não tenham tamanha fome no olhar, pessoas que não mostrem a intenção de me devorar por inteiro ao primeiro titubear

Estremeço ao toque da brisa, e então volto a olhar para a égua. Sua única resposta é um balançar de orelhas, que eu compreendo como um pedido para voltar ao estábulo, ainda que seja mais meu desejo do que da égua.

É hora de terminarmos nossa noite.

O fatídico sábado finalmente chega, e faço o possível para permanecer na cama até tarde, muito além do horário que me habituei a levantar desde que cheguei a Nova Paz. Sei que, no final das contas, continuo tentando evitar os demais moradores da fazenda, pelo menos até o dia terminar. É estranho, mas sinto como se estivesse prestes a cometer um erro, algo inesperado de uma forma ruim, e não entendo o que a sensação parece querer me dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando o horário do almoço se aproxima, meu estômago está roncando e se contorcendo em meu abdômen de forma bem desconfortável. Ainda assim, continuo deitada com braços e pernas estendidos e o olhar preso no teto. O tempo se recusa a passar. Nem mesmo a batida na porta do quarto faz com que eu troque de posição.

— Nina? — a voz de dona Lucrécia chama do outro lado da porta. Ela sussurra, talvez imaginando que realmente dormi até mais tarde.

— Sim? — respondo, mantendo os olhos ainda fixos no mesmo ponto no teto.

A imagem está praticamente gravada nas minhas retinas, e mesmo assim não consigo trocar de passatempo. Na verdade, é quase uma batalha contra o tédio, um desafio pessoal para saber quanto tempo consigo permanecer absolutamente parada e sem fazer nada, nem mesmo dormir.

— O almoço está pronto, você vai descer?

Como nada no mundo é perfeito, salto da cama à menção de comida e surpreendo dona Lucrécia quando abro a porta do quarto totalmente desperta e disposta a socializar por um bem maior.

PERIGOSAS ACHERON

No caso, comida.

A governanta ri com meu súbito ataque de ânimo, e logo retorna para o andar de baixo informando que me aguarda para comer. Com isso, trato de me apressar e trocar de roupa, agora que o aroma apetitoso da refeição finalmente invadiu meu quarto.

Apesar da apreensão com a perspectiva de passar alguns momentos com dona Lucrécia e Túlio durante o almoço ter se esvaído depressa, ela reaparece com força total assim que coloco os pés na cozinha. Quatro pratos estão postos à mesa e, se não estou completamente enganada, somos apenas três.

A resposta para minha pergunta silenciosa aparece quando, num estardalhaço de risadas, Túlio e Amália adentram a cozinha pela porta dos fundos.

Capítulo 19

Uma sensação extremamente egoísta toma conta de mim.

Por um lado, sei que já fiz parte da fazenda. Foi onde nasci, e ali teria continuado não fossem as circunstâncias que se seguiram à minha primeira infância. Eu faria parte de tudo isso, conheceria essas pessoas e elas também me conheceriam. Teríamos o tipo de vínculo reservado a familiares próximos ou indivíduos que cresceram juntos.

Por outro lado, nada disso aconteceu. Eu sou praticamente uma estranha, uma intrusa. Isso fica ainda mais evidente quando percebo tudo que desconheço ao meu redor, inclusive as outras pessoas que circundam Mirassol e o tipo de relacionamento entre elas.

Sinto-me dividida entre querer fazer parte desse mundo e abominá-lo, entre ser o centro do universo para essas pessoas e continuar incógnita. A dicotomia é desconcertante e me enche de terror

também, pois não sei se minha confusão foi convenientemente planejada.

— Oi, Nina! — Amália me cumprimenta com um grande sorriso, ao qual respondo com um rápido aceno da mão.

Apesar de muito pouco ter mudado de cinco segundos atrás para o momento presente, o ambiente é outro. As gargalhadas desapareceram e Túlio me encara de um jeito estranho, como se tentasse enxergar através de mim.

Antes que eu possa sequer pensar em franzir as sobrancelhas numa carranca, dona Lucrécia atravessa a cozinha com as mãos enluvadas debaixo de uma enorme travessa fumegante que rescende a molho de tomate. É uma bela lasanha decorada com queijo gratinado e ervas. Meu estômago se rebela diante da visão apetitosa, e eu o sinto se contrair numa pontada aguda em meu abdômen.

— Vamos comer antes que esfrie! — ela anuncia energicamente, retirando as luvas de proteção e jogando-as longe tão logo a travessa é deixada sobre a mesa.

O perfume que preenche toda a cozinha é tão

familiar que me sinto tomada por uma súbita sensação de calma. Minha mãe costumava cozinhar o mesmo prato todo ano, no meu aniversário, e a lembrança é agri-doce. Ao mesmo tempo em que lasanha é meu prato favorito, é o que me faz sentir mais saudades dela. Foi uma vida inteira atrás, e às vezes sinto como se tivesse sido vivida por outra pessoa.

Quando todos estamos sentados à mesa, dona Lucrécia se adianta e serve um pedaço de lasanha em cada prato. Percebo que ninguém faz menção de se levantar e tomar seu posto de anfitriã; é um papel do qual ela não abre mão seja no café da manhã ou no almoço.

Depois de um período silencioso no qual todos os ocupantes da mesa permanecem calados fitando o prato — rezando em agradecimento, eu suponho —, dona Lucrécia interrompe:

— Vocês todos deveriam fazer alguma coisa hoje, sair para o centro da cidade ou algo assim. Está um belo dia lá fora, e não é certo que jovens fiquem em casa num sábado — comenta enquanto corta um pedaço da lasanha no prato à sua frente.

A sugestão me incomoda, e logo trato de descartar o convite implícito.

— Ah, não se preocupem comigo, eu...

Amália me interrompe em sua voz alegre e quase angelical:

— É uma ótima ideia! — E então se vira para mim. — Nina, era para eu acompanhar Túlio até o centro da cidade hoje, mas eu preciso voltar para a fazenda e ajudar meu pai com algumas coisas...

— O que tem no centro hoje? — Túlio questiona, e quase rio de sua expressão confusa. É como se ele sequer soubesse que havia combinado alguma coisa para hoje, e permaneço atenta à troca de palavras entre eles.

Amália revira os olhos e espanta para trás um cacho do cabelo avermelhado que caiu sobre seu rosto. Seu ar doce faz com que beire o impossível desconfiar dela, mas tudo parece premeditado até demais, conspiratório, eu diria.

— A quermesse — explica, sem tirar os olhos de mim. As íris azuladas me perfuram, e não me sinto capaz de apresentar uma desculpa que não seja a verdade.

— Seria muito legal, mas... Eu já tenho compromisso hoje. — Três pares de olhos me encaram, me compelindo a continuar. — Doutor Felipe disse que me mostraria o centro da cidade hoje, então acho que acabarei indo à quermesse.

As sobancelhas de dona Lucrécia sobem até o topo de sua testa com a surpresa, mas ela não a expressa em palavras. Apesar disso, um pequeno sorriso toma conta de seus lábios finos, então sei que, no final das contas, ela não desaprova seja lá o que for. Não que sua aprovação ou desaprovação sobre qualquer coisa que eu faça devesse me importar realmente, mas, de alguma forma, importa.

— Ah! — Amália exclama, sem jeito, e então o silêncio toma a mesa conforme voltamos a comer. No entanto, a atmosfera ao nosso redor se altera completamente.

Sinto toda a potência do olhar de Túlio sobre mim, mas, quando levanto a cabeça para encará-lo de volta, ele desvia. Mesmo assim, consigo identificar uma nota de desaprovação no rastro frio que seus olhos deixam para trás.

Enquanto tento lidar com a exaustão mental que esse constante joguinho de gato e rato me causa, quase deixo escapar os olhares que dona Lucrécia e Amália trocam sobre a mesa. Entretanto, eu noto a conversa muda na qual as duas participam, e, talvez pela primeira vez, isso não me irrita ou desconcerta.

Acho que estou mesmo exausta de tudo isso, a começar por precisar decifrar as coisas que desconheço. Em vez disso, concluo que seja melhor começar do zero e sem pressupostos.

E não foi exatamente essa a minha intenção ao aceitar tão afoitamente o convite de Felipe?

— Tenho certeza de que você vai gostar — Amália interrompe meus pensamentos. Não encontro nada em seu rosto que me diga que ela não está sendo sincera, e então respondo com um sorriso.

— E é bom conhecer a cidade — dona Lucrécia completa, decidida. Suas palavras carregam um tom de finalidade quase forçado, e não pretendo contrariá-la.

— É bom, sim — concordo, subitamente

acreditando nas minhas próprias palavras. Não sei quanto tempo vai durar meu otimismo em relação a Nova Paz e a fazenda, mas, enquanto isso, decido que quero tirar o máximo de proveito da situação. Visitar a quermesse de uma cidade interiorana em boa companhia, ainda que sob os olhares fulminantes que Túlio dirige a mim do outro lado da mesa, parece ser uma boa forma de aproveitar essa onda de positividade.

Depois do almoço mais estranho de que consigo me lembrar, subo de volta para o quarto quase na velocidade da luz. É lá que me refugio pelo restante da tarde até que seja aceitável que eu comece a me arrumar para ir à tal quermesse.

Felipe estaciona o SUV em frente à porta de entrada, diferente da maioria das vezes em que vem me buscar para visitarmos alguma propriedade, e dá dois toques curtos da buzina. Seguindo minha deixa, eu me despeço de dona Lucrécia rapidamente quando passo pela porta da cozinha e sigo para fora.

O perfume que me envolve quando entro no veículo é o mesmo de sempre, uma mistura de loção pós-barba com algo amadeirado e refinado, mas estou diante de uma pessoa completamente diferente do veterinário que conheço. Em vez das roupas brancas e imaculadas de trabalho, Felipe usa jeans escuros e um suéter azul ajustado ao corpo que evidenciam seus músculos.

Por mais que a ocasião seja diferente do habitual para mim, não consegui encontrar a disposição necessária para uma grande produção. Além disso, uma quermesse de cidade do interior não é o tipo de evento que necessite de uma produção ao estilo de Bea. Assim sendo, escolhi jeans e uma camisa branca de tecido translúcido e leve combinada a uma regata cinza por baixo.

— E aí, Nina? — ele me cumprimenta, sorridente, ao dar a partida.

Sinto algum grau de nervosismo, mas não é a conhecida sensação na boca do estômago que sempre me acometeu diante de novas situações. De qualquer forma, é tão leve que decido ignorá-la.

— Estou animada para conhecer Nova Paz.

Conhecer direito, quero dizer — quando as palavras saem por meus lábios, percebo o quanto são verdadeiras. E que, além disso, já tem algum tempo que não penso em voltar para a cidade grande e o conforto do universo caótico que eu conheço, apesar da falta que sinto de Bea e do apartamento.

— Fico feliz. — Felipe me dirige um sorriso luminoso, e então volta sua atenção para o caminho que fazemos.

Não demora para sairmos da zona rural de Nova Paz e entrarmos em uma estrada asfaltada de duas mãos. O SUV de Felipe é o único veículo que percorre o caminho nesse horário, apesar de estarmos no meio da tarde de um sábado. Passamos por uma pequena rotatória e pegamos a primeira saída, onde o asfalto é substituído por paralelepípedos de aspecto desgastado.

O veterinário estaciona dois quarteirões afastado de onde está acontecendo a quermesse pois, de acordo com ele, as ruas mais próximas ficam completamente tomadas por carros e pessoas por todos os lados. Tenho certeza de que o que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

considera tráfego acirrado nem se compara ao que eu estou acostumada, mas opto por não comentar nada.

Caminhamos em um silêncio confortável até o ponto de convergência da rua principal, onde, previsivelmente, a igreja de Nova Paz está situada e onde também acontece a quermesse. É uma praça grande e arborizada, ao redor da qual consigo identificar diversos estabelecimentos comerciais. Uma sorveteria, uma bicicletaria, uma *bombonière*, um boteco, um ateliê de costura... Todas elas com letreiros pintados à mão nas paredes coloridas.

No centro da praça, há um coreto. É exatamente como eu imaginaria um coreto num filme de época; as telhas castanhas, as vigas de sustentação de madeira e até a escadinha charmosa. No centro do coreto, três rapazes ajustam seus instrumentos musicais e conversam entre si. Sinto a curiosidade imediata para saber que tipo de música ouviremos em breve, afinal não tenho a menor ideia do que se toca e escuta por aqui.

Ao redor do coreto, inúmeras pessoas andam para lá e para cá, conversando, rindo e parando nas

PERIGOSAS ACHERON

barracas montadas pela praça. O aroma que perfuma o ambiente é uma mistura de doces e salgados, os alimentos típicos que meu estômago anseia por conhecer.

— Acho que erramos o código de vestimenta — Felipe comenta, e eu volto minha atenção para ele mais uma vez. Seu dar de ombros despreocupado indica que é uma brincadeira.

Olho à nossa volta, vendo as pessoas que circulam. Todos vestem alguma variação de xadrez.

— Ninguém me avisou que participaríamos de uma quadrilha.

— E não vamos. Bom, eu não vou, pelo menos. Mas a quadrilha é aberta a todos que quiserem participar, então, se você quiser...

Eu o interrompo:

— Ah, não! Eu estava brincando. Não sou muito de dançar. — É uma meia verdade, e sei disso no momento em que a informação me escapa. O fato de eu não saber dançar muito bem não significa que não gostaria, dadas as circunstâncias certas.

— Que bom, eu também não gosto. — Felipe

ri com alívio, e sinto algo murchar em mim.

Afasto o desapontamento com um leve menear de cabeça e me viro na direção do coreto, de onde os primeiros acordes de uma música animada começam a soar. Logo, um espaço se abre no centro da praça e vários casais se juntam para dançar uma coreografia simples, mas que parece ensaiada.

Meus olhos demoram sobre as figuras que se movem em sincronia, e me sinto estranhamente nostálgica. Quase como se tivesse perdido algo que não sei bem o que é.

— O que você gosta de fazer, quando não está cuidando de vacas e ovelhas? — pergunto assim que voltamos a nos deslocar pela multidão.

Felipe me guia com uma das mãos em minhas costas num toque leve, porém incisivo. Acho o direcionamento atencioso, apagando momentaneamente o desânimo de instantes atrás. Afinal de contas, não é humanamente possível ter cem por cento de afinidades com uma pessoa, não é mesmo?

— Gosto de passar meu tempo livre na casa

que minha família tem no lago, sabe? — Balanço a cabeça em afirmativa, ainda que eu não tenha a menor ideia de que lago ele está falando. — Estou sempre na água, seja no barco ou mergulhando.

— Quase um peixe, então.

— Quase isso.

Chegamos a uma barraca que vende todo tipo de bebida, e sinto minha garganta seca pedir por um refresco. Adoraria um caldo de cana ou algo assim, e estou prestes a exteriorizar meu desejo quando decido comentar outra coisa, ainda relacionada ao que Felipe acabou de me contar.

— Deve ser bem silencioso no lago, né? Perfeito para ler uma dúzia de livros!

O veterinário leva uma das mãos ao queixo, onde há apenas a sombra da barba que ele certamente fez hoje mesmo. Nunca o vi com barba por fazer; está sempre meticulosamente asseado como se disso dependesse a própria vida.

— Ler? É... acho que deve ser bom pra quem gosta. Não é o meu caso. Ler me dá um sono tremendo! — ele comenta com uma risada, e eu acompanho sem realmente achar nenhuma graça.

A cada frase que trocamos, sinto que temos menos compatibilidade. Temo chegar a um ponto em que ele vai revelar algo tão absurdamente contrário que a única saída será dar as costas e sair correndo, e não quero que isso aconteça. Não quando a ideia de vir até aqui em sua companhia foi metade minha.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto, indicando a barraca de bebidas à nossa frente. A fila é consideravelmente longa, mas não me importo se precisar esperar. Talvez eu precise de um tempo sozinha, afinal.

— Claro, mas pode deixar que eu vou buscar as bebidas. O que você quer? Cerveja, vinho quente...?

— Pode ser um caldo de cana ou uma água gelada, por favor — respondo, e então Felipe me dá as costas e se dirige ao seu lugar na fila para comprar nossas bebidas.

Sua ausência momentânea é reconfortante, e eu me pego desejando voltar para a fazenda. Não sei onde eu estava com a cabeça para considerar que ter a mesma profissão seria suficiente para

PERIGOSAS NACIONAIS

manter uma conversa sem estranhamentos, mas tenho certeza de que falhei miseravelmente.

A música animada que vem dos alto-falantes acaba, e, depois de uma salva de palmas, a banda começa novamente. Dessa vez, a batida é lenta e melódica, e uma voz feminina dá início aos primeiros versos. Os casais, que até o momento pareciam seguir uma coreografia previamente ensaiada no centro da praça, agora dançam sem pressa e concentrados apenas na pessoa em seus braços.

É nesse tipo de momento que eu não me importaria em dançar, mesmo sem saber os passos, mesmo correndo o risco de pisar nos pés da outra pessoa.

— *Madame*, gostaria de dançar?

Eu me viro imediatamente na direção da voz familiar que interrompeu meus pensamentos, e meu coração falha uma batida. Meus olhos sobem pela figura diante de mim, decodificando o que encontram no caminho. Jeans desbotados, camisa xadrez, barba louro escura por fazer, chapéu de couro...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pisco algumas vezes e o rapaz sorri,
estendendo uma das mãos para mim.

— Madame?

Seus olhos são castanhos, e não azuis,
percebo.

O *cowboy* não é Túlio.

E isso é o que torna o momento todo errado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Depois que Felipe me deixa em casa na despedida mais estranha de todos os tempos, eu sequer entro no casarão. Não, a coisa de que realmente preciso agora é o tipo de silêncio que só a égua dourada dos estábulos de Mirassol pode oferecer. Um silêncio que não é recheado de perguntas e opiniões; é simplesmente sincero em sua inocência.

Percorro o caminho até os estábulos quase correndo, e quando chego, não me lembro de ter feito o percurso. Isso sempre acontece quando a pressa e a cabeça cheia imperam sobre meus sentidos de percepção, o que faz com que eu tenha uma grande facilidade em me perder, já que não presto atenção aos caminhos que fiz. No caso do caminho de terra ladeado por seixos, arrisco dizer que já o conheço bem o suficiente para que isso não seja realmente um problema.

Quando abro a pesada porta de madeira,

PERIGOSAS NACIONAIS

deparo-me com luzes acesas. O brilho amarelado das lâmpadas é o bastante para que eu fique em estado de alerta, mas mesmo assim continuo a adentrar o espaço. O fato de alguém ter estado ali usando energia elétrica é algo que me intriga, principalmente porque nunca consegui encontrar um interruptor que acionasse a iluminação. Em vez disso, sempre dependi da meia luz bruxuleante das velas. E talvez isso faça parte do ritual que executo quase todas as noites quando visito o galpão. Na verdade, estar aqui e não acender uma vela torna a experiência incompleta, e essa é só mais uma coisa incompleta na lista do dia.

Suspiro pesadamente e sigo meu caminho até a baia de minha amiga quadrúpede, imaginando que terei que procurar o tal interruptor quando for sair, já que a última pessoa que esteve aqui esqueceu as luzes acesas.

A única coisa que parece me escapar é que a última pessoa que esteve aqui ainda não foi embora, e é por isso que as luzes não foram apagadas. Entro com tanta necessidade de ver a égua que não percebo o piso ranger conforme o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro ocupante se move e nem as palavras que murmura carinhosamente para o animal enquanto o escova.

— O que está fazendo aqui? — pergunto de supetão assim que meus olhos pousam sobre Túlio, do lado de dentro da baia. Ele interrompe o movimento, parando com a escova a meio caminho do flanco da égua, e me encara com curiosidade e desconfiança.

— Trabalhando — responde, as sobrancelhas grossas unindo-se no meio da testa. A expressão em seu rosto, apesar de pouco convidativa, faz com que ele pareça ainda mais rústico. Isso, somado à camisa xadrez entreaberta cujas mangas arregaçadas revelam antebraços hirsutos, estranhamente cria uma imagem convidativa aos meus olhos.

Balanço a cabeça de leve, afastando o pensamento inconveniente.

— É você quem cuida da égua? — questiono, apoiando os braços sobre a porta da baia. Como se tivesse sido chamada, a égua aproxima a cabeça e empurra suavemente minha mão com o focinho.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar de a interação não ser nem de longe o que eu pretendia quando cheguei, o rápido contato dissipa um pouco da poeira que nublava meus pensamentos até segundos atrás.

— Todos os dias desde que ela veio para Mirassol — Túlio responde, enunciando vagarosamente as palavras.

Vejo que ele está hesitante, como se aguardasse algum tipo de tempestade. Ao mesmo tempo, analiso o tom que tenho usado desde que cheguei. Descabelada da corrida até o galpão e confusa com os acontecimentos do dia, tenho certeza de que o rebuliço está tão evidente em minha aparência quanto a cautela por trás dos olhos azuis do *cowboy*.

Decido continuar, suavizando um pouco a inquisição.

— Eu gosto dela — digo, recebendo um pequeno e singelo sorriso como resposta. Se for uma oferta de paz, é minúscula, mas é o suficiente por enquanto.

Túlio volta a escovar a égua, deslizando a escova pelo flanco dourado com a concentração e o

foco inabaláveis de alguém que está tentando não demonstrar nenhum interesse por seus arredores. O silêncio, ainda que um pouco desconcertante, começa a trabalhar em meus sentidos da forma que eu inicialmente desejava.

Respiro profundamente, aspirando o aroma de feno e o odor característico de suor de cavalo. Muitas pessoas não considerariam isso algo bom, até calmante. Pelo contrário, diriam que não se trata de aroma, e sim de fedor. Mas não é assim que eu vejo. Para uma garota da cidade, eu consigo apreciar perfeitamente a variedade de perfumes diferentes que me brindam aqui, no lugar cujo apelido de “meio do mato” ganhou uma conotação absolutamente positiva agora, na minha mais sincera opinião.

Eu gosto daqui. Gosto do cheiro de mato, dos animais, da terra, do sol e da chuva. Até o sol tem um cheiro diferente aqui. É cheiro de calor, pele aquecida, verde. E é delicioso.

Talvez eu não seja tão garota da cidade quanto acreditei por toda a minha vida. Sei que nasci aqui, em Nova Paz, em Mirassol. E é

provável que esse fato apenas seja o bastante para justificar o sentimento avassalador que encontro dentro de mim.

É um sentimento sobre a fazenda, mas também é sobre mim mesma e sobre todas as coisas que eu não sabia que era capaz de fazer. É claro que eu me sentia pela metade, mais ou menos, por todo esse tempo. Eu não estava aqui, e não conhecia a realidade que deveria ter vivido desde o início.

Estendo a mão mais uma vez na direção do focinho ansioso da égua, mesmo que eu não tenha nenhuma guloseima para oferecer hoje. Sequer passei pela cozinha, já que disparei direto pelo caminho de terra antes de qualquer pensamento coerente. Mesmo assim, ela se aproxima da minha mão e desliza os lábios sobre a minha palma. Não procura nada entre meus dedos, só toca e cheira. Eu acarinho o queixo aveludado e sinto um sorriso se abrir em meu rosto.

— Ela gosta de você.

As palavras me despertam para o presente, fora da bolha que momentaneamente criei ao redor

da égua e de mim. Sinto os olhos de Túlio sobre mim antes de vê-los, e encontro afeição quando os miro de volta. O sentimento aquece alguma coisa dentro de mim, e percebo o calor subir para o meu rosto antes de desviar o olhar.

É como se ele dissesse mais do que o óbvio com a simples constatação. Ou sobre mais alguém além da égua.

Não, não é possível. Além do mais... Ele quer me confundir, não é mesmo? Quer que eu tenha sentimentos por todos aqui para que não os prejudique. Ou quer que eu fuja, e isso certamente facilitaria muito as coisas para ele. Entretanto, se essa for a intenção, não seria mais eficiente continuar com a hostilidade do começo para tornar minha vida um inferno?

Devo ter um ponto de interrogação impresso no rosto, pois Túlio exala ruidosamente, uma pequena risada que ele tenta disfarçar quando limpa a garganta e continua a escovar a égua.

Decido quebrar o estranho silêncio:

— Eu gosto dela também. Na verdade... venho visitando-a algumas vezes desde que

cheguei. — Dou de ombros, fingindo descaso com o assunto. O que é o extremo oposto do que realmente sinto ao revelar meu segredo em voz alta pela primeira vez.

Túlio balança a cabeça em afirmativa, não demonstrando qualquer surpresa. Depois, aponta na direção da porta por onde costumo entrar.

— Eu imaginei. Percebi mesmo que as velas andaram desaparecendo... — comenta com simplicidade e eu aquiesço. Então, ele solta uma risada menos contida, sonora e agradável. Eu o acompanho, ainda que um pouco sem jeito por ter sido descoberta com tamanha facilidade. Túlio muda de assunto: — E como foi hoje?

A pergunta sai sem nenhum traço de ironia, o que me causa estranheza. Sinto a apreensão ressurgir imediatamente, acabando com o clima descontraído que dividimos por alguns minutos. A mudança é brusca e exaustiva; não consigo relaxar completamente, e a incerteza faz com que eu me sinta esgotada.

Túlio se aproxima de onde estou, apoiada sobre a porta da baia, e eu me afasto alguns passos

automaticamente. Ele abre a portinhola de madeira e sai, batendo nas roupas para tirar os pelos e fiapos de feno. Depois de colocar a escova de lado, ajeita o chapéu sempre presente sobre os cabelos louro escuros e volta a me fitar.

— E então?

Não sei como responder. Na verdade, sinto-me congelada no lugar, imóvel e sem uma única palavra em mente para exprimir o total fiasco que foi meu passeio com Felipe de uma forma um pouco menos sincera.

Ele suspira pesadamente, e um sorriso de lado aparece nos lábios finos.

— Não quero um relatório detalhado — responde, erguendo as mãos em rendição. — Só perguntei se foi tudo bem, se ele foi... — Túlio faz um gesto com a mão que não consigo traduzir, então continua: — respeitoso?

Sinto-me corar até a raiz dos cabelos com a insinuação. Ora, da forma como fala, até parece que é meu irmão mais velho. Temos só dois anos de diferença, lembro a mim mesma para afastar a sensação estranha que se apossou da boca do meu

estômago.

— Ninguém teve motivo algum para faltar com o respeito, ou seja lá o que você tenha perguntado! — explodo sem aviso, me afastando ainda mais do *cowboy*. Ele faz menção de se aproximar, mas interrompe o movimento quando volto a falar. — Felipe só me levou para conhecer o centro da cidade, nada demais! Foi só isso!

Sei que a frustração que sinto é tanto pela insinuação descabida quanto pelo encontro desastroso, se é que ainda posso chamar o que houve de encontro, mas a consciência não impede que eu me enfureça.

Túlio expira ruidosamente, quase como a égua faz às vezes, e a comparação inconsequente faz com que eu tenha que conter um sorriso. A proximidade com tantos animais talvez o tenha deixado com alguns hábitos um tanto rústicos. A ideia não é totalmente repulsiva. Na verdade, é intrigante.

— Só perguntei por precaução, Nina — ele explica, cruzando os braços na frente do peito. — Você não conhece os rapazes do interior, não sabe

como pensam e o que esperam.

— Bom, eu conheço os da cidade. Isso não é pior? — indago, sem entender aonde ele quer chegar com tudo aquilo.

As orelhas de Túlio adquirem uma coloração avermelhada por baixo dos cabelos.

— Pode ser, mas você não conhece o doutor. Ele é um estranho!

Solto uma exclamação, assustando a égua. Ela pisa com força sobre o feno, emitindo um ruído alto e surdo que nos chama a atenção para a baia atrás de nós.

— Qualquer pessoa daqui é um estranho — replico em tom mais baixo, caminhando devagar para trás para tomar distância do animal. Se vamos começar a discutir aqui, ao menos não quero perturbar a pobre égua, que tanto ouviu de mim nas últimas semanas.

— Eu não sou um estranho — o *cowboy* declara, seguindo meus passos.

O jeito como as palavras escapam, como se a intenção fosse mantê-las apenas em pensamento, faz com que toda a minha atenção se volte para ele.

Túlio me encara com surpresa, mas ainda assim com uma certeza presente no seu semblante que me desconcerta.

Eu levo uma das mãos ao rosto, empurrando para trás da orelha uma mecha de cabelo escuro que escapou do rabo de cavalo que fiz às pressas durante a corrida até ali. Dou mais um passo para trás, consciente de que o espaço para isso acabará em breve dada a largura limitada do corredor.

— É, sim — murmuro.

Ele balança a cabeça em negativa e me segue, aproximando-se mais.

Pânico se avoluma dentro de mim, e tenho certeza de que escapa por meus poros. A incerteza da minha percepção quanto às pessoas ao meu redor é quase palpável, o que impede que eu vá ao seu encontro ou saia correndo.

O olhar que o *cowboy* dirige a mim é muito semelhante ao que percebi na cachoeira, uma semana atrás. Existe um misto de incertezas e, por trás delas, a decisão consciente. Através dos profundos olhos azuis, ele me diz que atravessou o vale das dúvidas e agora sabe o que quer e como

conseguir.

Meu coração palpita com pressa, dando a impressão de que subiu até minha garganta. Eu sinto cada batida no peito, nos ombros, nos braços e nas pontas dos dedos.

— Por que? — indaga, e sua voz reverbera por todo o meu corpo, baixa e rouca.

— Porque eu também não sei como você pensa, nem o que espera... Você é exatamente um rapaz do interior para mim — explico, dando de ombros.

Por um momento, ele deixa a expressão mostrar choque diante do que eu disse. Mas o lampejo de mágoa desaparece tão rapidamente quanto veio. Ele sorri de maneira contida, sem emoção, e os olhos vagueiam para cima, na direção do alto telhado.

Não me surpreende que ele tenha que pedir forças aos céus, metaforicamente falando. Não nos encontramos uma única vez sem que pura eletricidade não corrompesse a atmosfera ao nosso redor, criando faíscas e nos fazendo entrar em atrito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao menos, costuma ser na forma de provocações verbais. Não posso dizer que é assim que isso vai continuar, se minha respiração descompassada e o calor que parece rescender de Túlio e me atingir em cheio forem alguma indicação.

Ele dá mais um passo na minha direção, e a distância que nos separa agora é de cerca de um palmo. É pouco, muito pouco, e preciso olhar para cima, deixando a cabeça tombar levemente para trás, para poder manter contato visual. A aba do chapéu de couro faz sombra sobre seu rosto, mas consigo ver seus olhos faiscarem.

Túlio levanta uma das mãos como se fosse tocar meu rosto, mas eu o vejo interromper o movimento antes que se complete. Sua mão se apoia na parede oposta, quase sobre a minha cabeça, e eu poderia encostar o rosto em seu antebraço, se quisesse. Ele parece gigante em comparação ao meu 1,65 metro, pairando sobre mim como a copa de uma árvore.

Suas grossas sobrancelhas se franzem, criando uma expressão de incerteza enquanto ele

PERIGOSAS ACHERON

tenta ler meus pensamentos. Ou ao menos é o que parece. Por fim, desiste, expirando de maneira ruidosa e subitamente exausta.

— Não sou o que você pensa — diz. A frase é tão enigmática que não sei se ele se refere às minhas desconfianças a respeito de suas intenções ou se é sobre ser ou não um rapaz do interior.

Estreito os olhos, fitando-o intensamente de igual para igual como se pudesse decifrar seus significados, da mesma forma que ele faz comigo. Minhas mãos vão instintivamente para a minha cintura numa pose clara de afronta.

A melhor defesa, dizem, é o ataque.

— Eu não penso — retruco, e sei que ganhei a vantagem pelo movimento que a mão de Túlio faz ao sair da parede, retornando ao lugar ao lado do próprio corpo. Então, continuo: — E depois... Se eu quisesse saber esse tipo de detalhe a seu respeito, perguntaria a Amália, não estou certa?

Cruzo os braços na frente do peito e me viro, encostando um dos ombros na parede do outro lado. A outra porta do estábulo, a que dá para o piquete onde costumo soltar a égua para se

exercitar, está entreaberta. A possibilidade de que *cowboy* tê-la levado para fazer exatamente as mesmas coisas que eu provoca uma sensação desconfortável na boca do meu estômago. Sinto-me fazendo papel de idiota; nem um pouco útil ou necessária como eu achava que era.

Depois de um curto momento de silêncio, Túlio ri. Ele abre um grande sorriso, que eu vejo pelo canto do olho, e tenta conter a risada com uma das mãos na frente do rosto. Não tenho a menor ideia do que pode ser tão engraçado, mas não vejo motivos para todo o estardalhaço.

Faço menção de me afastar. Na verdade, chego a dar alguns passos na direção oposta, mas Túlio impede meu movimento quando encaixa a mão na curva do meu cotovelo.

Eu paro, ainda sem olhá-lo diretamente, e percebo que a atmosfera mudou por completo. Não é mais carregada com o peso das discussões sem sentido e sem fim, e não é descontraída e leve ao som das risadas que há pouco preenchiam o espaço ao nosso redor. Em vez disso, um tipo diferente de eletricidade estala no ar. Estou consciente de cada

centímetro cúbico que meu corpo ocupa e de cada célula da minha pele que faz contato com a de Túlio.

Minha consciência permanece conforme ele traciona com delicadeza, fazendo com que eu me vire e finalmente nos encaremos. Não há mais espaço para que eu me afaste, mas, estranhamente, não é o que desejo fazer.

Túlio dá mais um passo a frente, e uma onda de calor me assoma por completo. A elevação na temperatura, percebo, vem da proximidade entre nossos corpos; um misto de expectativa e intenções não declaradas em voz alta.

A mão calejada queima minha pele em brasa enquanto sobe pelo braço e se ergue para fazer contato com o meu rosto, e então afasta a mecha de cabelo que voltou a cair sobre meus olhos. Prendo a respiração pelo que parecem ter sido horas, mas sei que o pequeno momento não pode ter passado de alguns segundos.

O *cowboy* me lança um pequeno sorriso, e seus olhos azuis cintilam em divertimento.

— Não vai dizer mais nada? — sussurra, e o

hálito quente bate contra o meu rosto, chocando-me.

Meu Deus, estamos tão próximos assim?

— Di-dizer? — gaguejo, incerta. Não consigo me lembrar sobre o que falávamos alguns instantes atrás. Não consigo me lembrar nem de onde estou ou como vim parar aqui.

Túlio dá de ombros, e o mesmo pequeno sorriso divertido paira em seus lábios. Algo me diz que sou o motivo do divertimento, e o pensamento me irrita profundamente. Quero tirar aquele sorriso dali, mas minha mente cria cenários um tanto quanto controversos a respeito do método que eu poderia usar para tal.

— Você sempre tem uma resposta ou comentário pra tudo — explica, e uma vontade quase incontável de socá-lo no meio de sua expressão satisfeita se apossa de mim. Para piorar, Túlio dá o último passo na minha direção, e nossas roupas se encostam.

Eu deveria empurrá-lo para longe com toda a força e dizer que ele não tem o direito de se aproximar daquela forma e provocar toda aquela

desorganização dentro de mim. Deveria mandá-lo pegar todos os insetos agitados dentro do meu estômago, sejam eles borboletas, mariposas ou besouros, e sumir com eles de uma vez por todas. Deveria fazê-lo fechar os olhos e parar de me encarar como se visse algo valioso recentemente descoberto.

Em vez disso, meus olhos se colam aos seus apesar dos meus esforços e meus braços decidem parar de me obedecer por completo, ficando imóveis ao lado do meu corpo. O tempo que demoro para inspirar e tomar coragem para retorquir é o suficiente, e então o *cowboy* inclina a cabeça e avança com determinação, cruzando o pouco espaço que separa sua boca da minha.

Capítulo 21

Túlio

Quero manter o mínimo de orgulho e dignidade enquanto dirijo para longe, em direção à cidade. Mas a verdade é que o estalo da mão de Nina contra minha bochecha esquerda ainda ecoa por meus ouvidos, e a marca de seus dedos arde em minha pele.

Um tapa.

Se existisse alguma chance de eu ter entendido mal o que estava acontecendo, gosto de acreditar que eu saberia. E de forma alguma teria avançado o sinal.

O sinal que estava claramente aberto e piscando em cores *neon*.

Passo uma das mãos sobre o rosto enquanto tento conter o riso, como se houvesse qualquer razão para isso agora. Meu chapéu descansa sobre o banco do carona, depois de eu tê-lo recolhido do

chão nos estábulos. Não consegui colocá-lo de volta na cabeça nem deixá-lo para trás.

As janelas completamente abertas permitem que o ar quente da noite entre no veículo em rajadas potentes, e o golpe do vento contra a minha pele afasta um pouco as sensações do que aconteceu há pouco. Mas, é claro, preciso de mais do que isso para esquecer.

Minha garganta seca subitamente quando vejo os olhos de Nina pouco antes... Quando olham para mim e enxergo neles alguma coisa, um brilho diferente e familiar ao mesmo tempo, como a chama que ilumina a profundidade castanha e me traz para perto num fôlego só.

A última coisa que escuto é sua inspiração curta e rápida, e então tudo se resume ao silêncio. Silêncio, o perfume doce que rescende de sua pele maravilhosamente corada e o calor dos lábios de morango nos meus.

As mãos pequenas e, percebo, ligeiramente trêmulas, não demoram a subir por meus braços, tateando o que parece ser território desconhecido até chegarem ao meu pescoço. Ali, uma das mãos

PERIGOSAS NACIONAIS

se enrosca aos cabelos na minha nuca e a outra permanece em meu ombro, segurando com firmeza, como se eu fosse mesmo capaz de ir a qualquer outro lugar...

Dou um passo à frente, reduzindo ainda mais o espaço entre nós. Mesmo assim, é claro como água que Nina não pretende escapar de mim. Sei disso, pois ela fica na ponta dos pés e o corpo pequeno se molda ao meu com perfeição. Minhas mãos envolvem sua cintura estreita, e consigo sentir cada respiração apressada.

Os lábios doces se abrem para mim, e não espero nem mesmo por um milésimo de segundo antes de aceitar tal convite irrecusável. O suspiro que escapa deles quando deixo minhas intenções claras é toda a permissão de que preciso para continuar.

Eu me perco em sua doçura, mergulhando de cabeça na maciez aveludada de seus lábios. Não sei por quanto tempo ignoramos o mundo. Nada mais importa a não ser a pequena em meus braços.

Quando penso que meus pulmões estão a ponto de entrar em colapso, me afasto alguns

PERIGOSAS ACHERON

milímetros. O suficiente para dividir algumas respirações abafadas, absorvendo a sensação dos lábios de Nina tão próximos dos meus e o calor que sua pele exala em contato com a minha. Seus olhos tão expressivos ainda estão fechados, e eu me pego observando os cílios escuros sobre a tez corada enquanto aguardo que ela me olhe de volta.

Quero enxergar dentro de seus olhos a mesma coisa que sei que aconteceu nos meus. Quero ver que o mundo dela também virou de pernas para o ar só para se reorganizar de um jeito completamente novo, inesperado. A expectativa me enche de angústia de tal forma que a única maneira que encontro de silenciá-la é aproximar mais uma vez nossos lábios, dessa vez num beijo doce e consideravelmente mais calmo.

E então, ela abre os olhos.

Duas piscinas de chocolate derretido se abrem diante de mim, desfocadas. Nina está suspensa no tempo, agarrando-se ao meu pescoço como se eu fosse a única coisa a ancorá-la na realidade. Aos poucos, ela retorna. Seu passeio pelo inusitado é diferente do meu. Enquanto ela perdia a

noção de tudo, eu encontrava.

— Por que fez isso? — sussurra, ainda tão próxima que respiro seu hálito doce.

Dou-lhe um sorriso, que ela não corresponde.

— Porque eu quis, Nina. Quero isso tem um bom tempo...

— Não... — Ela me silencia colocando dois dedos sobre meus lábios, e as sobrancelhas que emolduram sua expressão se franzem em confusão.

Eu obedeço; quero que ela chegue à mesma conclusão que eu e não tenha nenhuma dúvida de que isso faz todo o sentido. Depois de tanta coisa parecer errada, quero que ela veja que podemos ser a solução certa.

É o que tento comunicar com o olhar, mas não espero enxergar no fundo de seus olhos alguma coisa se partir. As mãos de Nina descem por meus ombros e param na altura do meu peito, fixando-se e ali posição de defesa. Ela me empurra, e não tenho escolha a não ser dar um passo para trás, abrindo o espaço que eu não gostaria que existisse entre nós.

— Não — ela repete, agora com
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assertividade. — Nós não podemos.

Eu a encaro, confuso.

— E por que não?

A expressão em seu rosto mostra tanta angústia que temo que ela vá dizer que li tudo errado, mas não posso ter interpretado nosso encontro como nada além de...

Nina solta um suspiro derrotado, e a mágoa que sente por algo que não compreendo se acumula em seu olhar.

— Porque você tem olhos azuis, não vê? Você é o motivo de eu não ter crescido aqui...

— Nina, do que está falando? Eu... — tento argumentar e me aproximar novamente, mas ela me interrompe com um grito.

— Não! Você não tem o direito!

Então desfere um tapa que arde tanto no meu rosto quanto na minha consciência e me dá as costas. Permaneço congelado no mesmo lugar enquanto ela sai, deixando a porta aberta em sua pressa de se afastar de mim. Não sou capaz de mover um músculo sequer para segui-la noite adentro.

PERIGOSAS ACHERON

Retorno para o presente num piscar de olhos, encarando a estrada conhecida à minha frente. Ainda não sei se entendi o que ela quis dizer com tudo aquilo.

É claro que meus olhos são azuis, tanto faz! Que mal há nisso?! Não é como se isso fosse uma aberração genética, diabos. Minha mãe tem olhos azuis. Ricardo, que, por sinal, era pai de Nina, também tinha olhos azuis.

Estaciono de qualquer jeito à beira da estrada e apoio as mãos sobre o volante desgastado. Ricardo me deu sua antiga caminhonete quando a doença o deixou muito fraco para conduzi-la. Eu a admirava de longe desde os tempos de garoto, e foi com ela que aprendi a dirigir também, depois de quase atropelar algumas cercas.

Ricardo foi o mais próximo que tive de um pai. Por isso, toda essa situação com Nina é tão perturbadora. Ele teria me feito prometer que cuidaria de sua garota e a protegeria dos rapazes da cidade. Mas não sei o que diria se soubesse que eu sou o rapaz que a quer.

Ele a amou todos os dias desde que me

lembro. Nina era seu mundo, ainda que tenha sido um planeta distante por toda a vida. Não conheço nem um décimo da história por trás do afastamento de Nina e da mãe de Mirassol. Tudo que lembro sobre as duas vem de memórias borradas da infância.

E, depois, de como Ricardo afundou pouco a pouco em vícios autodestrutivos que culminaram na doença que o levou, afinal. Mesmo assim, ele me ensinou tudo que eu sei sobre ovelhas, sobre a vida, e, nos dias bons, nos sentávamos por horas em seu escritório para lermos os livros que ocupavam cada espaço do cômodo.

Amália daria umas boas gargalhadas agora se me visse perdido em autocomiseração. Bom, primeiro ela sairia saltitando em comemoração por eu ter admitido meus sentimentos, ainda que em pensamento. Não posso deixar de balançar a cabeça em uma reprimenda silenciosa. Amália teria adorado tudo isso, exceto a forma distorcida como acabou antes mesmo de começar. E certamente reprovaria o fato de eu não ter corrido atrás de Nina imediatamente.

É o que eu deveria fazer, constato com um suspiro exausto. Mas deixarei que esfrie a cabeça por hoje. Não pretendo adicionar nenhum outro tipo de agressão ao meu orgulho esta noite, mas foi a última vez que deixei minha garota fugir.

Dou a partida mais uma vez, fazendo a caminhonete ressonar no silêncio da noite. Depois de um amplo retorno pela estrada vazia, pego o caminho de volta para a fazenda com a intenção de procurar Nina pela manhã.

Capítulo 22

Túlio tem olhos azuis.

Lucrécia tem olhos azuis.

Ricardo tinha olhos azuis.

Repito as características físicas dos três na minha cabeça como um mantra até os primeiros raios de sol aparecerem pela janela do quarto. É a única coisa que me mantém sã, apesar do meu estado quase catatônico. Depois que voltei dos estábulos, juntei todas as minhas coisas na mesma mala que trouxe e aguardei. Bem, não todas. Deixarei as botas de fora.

Ao primeiro prenúncio do dia, desço as escadas tomando o máximo de cuidado para não fazer ranger nenhum degrau. Dona Lucrécia ainda não acordou, o que é um milagre e uma bênção. A casa está mergulhada no mais glorioso silêncio, e é dele que me aproveito para abrir a porta e escapular sem olhar para trás.

A verdade é que não me importa mais se

Ricardo deixou Mirassol para mim. Não quero nenhuma parte do que invariavelmente passo a chamar de *império de desonestidade* na minha cabeça. Se não estivesse com tanta pressa para sair, teria deixado um bilhete com os meus parabéns a todos por terem conseguido. Afinal, a fazenda pertence a eles.

Retirar-me é o certo, e eu teria feito isso antes se ao menos juntasse as peças mais cedo. É tudo tão óbvio quanto somar um mais um e obter dois ao final. Não me lembro de muita coisa significativa das aulas de biologia antes da faculdade, mas a genética envolvida na cor dos olhos de um indivíduo é algo difícil de ignorar.

Duas pessoas com olhos azuis têm 99% de chance de gerarem uma criança também de olhos azuis. Se o pai dessa criança já for casado com outra pessoa, as chances são as mesmas. Entretanto, quando a esposa em questão descobre a infidelidade, é tarde demais. Não existe outra alternativa se não abandonar uma vida na fazenda que nunca poderá acontecer e voltar para a cidade grande, para então criar sozinha a criança que veio

depois. A criança que não sabe de nada disso e nunca vai saber.

Confesso que não saber teria sido o ideal, não fosse o fato de meu suposto irmão ter me beijado na noite passada. Sinto-me suja, como se fosse uma comparsa de toda essa situação absurda. Mas, ao mesmo tempo, não acredito que Túlio saiba sobre nosso parentesco. Apesar de duvidar de suas boas intenções na maior parte do tempo, saber que somos irmãos e mesmo assim me beijar daquela forma seria um novo nível de falta de caráter. E eu me recuso a acreditar que seja o caso.

A estrada de terra até a porteira que dá entrada a Mirassol parece impossivelmente distante a pé. Principalmente coberta por uma neblina espessa que impede que eu enxergue meus próprios pés e enregela até mesmo meus ossos. Mas eu não desisto nem penso em voltar atrás.

Fiz o caminho da rodoviária até aqui tarde da noite quando cheguei, então não faço ideia da direção que preciso seguir. Apesar do horário, não devo demorar a encontrar algum condutor para pedir informações. E, até onde sei, sou exatamente

um caso perdido perambulando pela estrada, quase impossível de alguém passar reto sem ajudar. Ou ao menos é o que espero.

O ronco de um motor me surpreende no silêncio da estrada, contrastando com o ruído dos grilos e da brisa no mato ao meu redor. Aguardo, agradecida pela sorte que parece estar ao meu favor. Entretanto, quando o veículo finalmente se aproxima, vejo que se trata do caminhão de leite de Amália. E, é claro, é ela quem o conduz.

— Nina! — ela exclama quando para ao meu lado na estrada, levantando uma nuvem de poeira alaranjada. O som de uma animada batida sertaneja escapa pela janela aberta. — Aonde vai tão cedo?

Dou de ombros, segurando com firmeza a alça da mala contra o peito.

— Vou voltar pra casa. — Ao notar a expressão de dúvida no rosto da outra garota, adiciono: — Por um tempo. Emergência de família.

Amália não me parece inteiramente convencida, mas não discute. Em vez disso, abre a porta do passageiro do pesado veículo e dá dois tapas no estofado gasto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos, te dou uma carona até a rodoviária! Você vai demorar o resto da vida pra chegar lá a pé...

— Ah, não precisa. Eu vou ficar bem — nego, e ela levanta uma sobrancelha ruiva numa expressão de divertimento que eu não conhecia até então.

— Claro, se estivesse indo na direção certa! Vamos, se eu não te levar até lá, tenho certeza que o Túlio vai me matar!

Aquiesço e escalo a cabine para me sentar ao seu lado, por fim. Quem recusaria, sob tais ameaças? Não que o *cowboy* saiba que fui embora, ou se importe. Mesmo assim, sinto meu peito se contrair à simples menção de seu nome, mas afasto o sentimento contraditório.

O motor do caminhão ronca furiosamente conforme Amália o manobra num retorno desajeitado, e então seguimos pelo caminho através do qual ela veio. Permanecemos em silêncio no início do percurso, enquanto presto atenção aos arredores e observo a cerca de arame se tornar madeira, e então chegarmos a um caminho

PERIGOSAS ACHERON

asfaltado.

Ela quebra o silêncio assim que chegamos à cidade, quando abre a janela para cumprimentar com um aceno praticamente todas as pessoas que encontramos transitando pelas ruas.

— Quando você volta?

— Ainda não sei. Isso depende de quanto tempo levarei para resolver as coisas. Mas não devo demorar muito. — As mentiras saem com uma facilidade impressionante, e fico surpresa com minha própria capacidade de manter a expressão completamente neutra.

Não tenho intenção alguma de voltar, e sei disso com tanta certeza que quase posso segurá-la em minhas mãos. Mas não posso dizer isso para Amália, pois só traria mais perguntas. Pior, ela poderia até mesmo se recusar a me deixar na rodoviária e insistir em me levar de volta para Mirassol.

Acho que eu seria capaz de saltar do caminhão em movimento se chegasse a tanto. Esse é o tamanho da minha vontade de deixar Nova Paz.

Interessante como uma cidade com esse

nome trouxe tudo menos paz para a minha vida desde que cheguei aqui. Pelo contrário.

O caminhão se aproxima da rodoviária, uma visão que finalmente reconheço. Só há um ônibus parado na plataforma de embarque; um trambolho antigo cuja lataria demonstra os efeitos do tempo na pintura desgastada pela ferrugem. Não parece o veículo mais seguro da face da Terra para se fazer uma viagem de oito horas, mas se é o que me aguarda, abraçarei a oportunidade de bom grado.

— Chegamos! — Amália anuncia num tom estranhamente alegre. Apesar disso, não sinto nenhuma irritação em relação a ela. Acho que estou demasiadamente agradecida pela carona para me deixar levar por cismas desnecessárias e desimportantes, agora.

— Obrigada pela carona. Nem sei quanto tempo demoraria pra chegar aqui se não fosse por você — confidencio, ainda olhando na direção da plataforma. Sei que não corro o risco de o ônibus fugir da minha vista, mas não quero arriscar minha única chance de sair daqui.

— Muito tempo, com certeza — responde, e

então parece se lembrar de algo. Ela franze as sobancelhas alaranjadas e aperta os lábios finos em hesitação, antes de perguntar: — Por que não pediu que Túlio trouxesse você? Ele não teria deixado você andar tudo aquilo tão cedo...

— Exatamente! É muito cedo e não encontrei ninguém acordado. Mas eu deixei um bilhete e volto logo. — *Mais duas mentiras*, penso.

Amália assente e sorri com sinceridade, o que eu interpreto como um sinal para eu sair logo dali antes que precise me complicar com mais mentiras. Abro a porta do veículo e salto para fora, levando comigo a mala com meus pertences.

— Faça uma boa viagem! — Amália acena antes de dar a partida. — E volte logo.

Não tenho coragem de responder mais uma mentira, e aceno de volta enquanto me distancio na direção do guichê.

Então, o caminhão vai embora numa nuvem poeirenta e ruidosa.

Apesar de ter conseguido chegar à rodoviária, não consigo respirar profundamente como pensei que conseguiria. Não é o peso por ter mentido

consecutivamente; aliás, não sinto nenhum arrependimento. Também não é o alívio por estar a apenas uma passagem de distância de *casa*. Minha antiga vida, o apartamento que divido com Bea, a cidade grande...

Quando penso no tipo de trabalho que costumava exercer e como passava meus dias antes de tudo isso, meu estômago se contorce numa sensação desagradável que opto por interpretar como a ausência de um café da manhã decente.

Pago o valor da passagem e, por sorte, o ônibus que me levará pelas próximas oito horas sairá em breve. Tempo mais do que suficiente para eu me convencer de que estou fazendo a coisa certa.

Nova Paz não é meu lugar.

Mirassol nunca me pertenceu de verdade.

E eu nunca pertenci a Mirassol também.

— Ah, Nina! Você voltou!

Desperto violentamente e, através das luzes

que passam pela janela, vejo Bea entrar no apartamento.

Quando cheguei, a primeira coisa que fiz foi me jogar no sofá e me enrolar na manta de lã. Estava tão cansada por não ter conseguido pregar o olho durante a viagem que adormeci instantaneamente, embalada pelo ruído das buzinas e os cheiros familiares do apartamento.

Antes que possa perceber o que está acontecendo, sou arremessada contra as almofadas pela profusão de braços e cabelos castanhos esvoaçantes que é minha melhor amiga.

— Você nunca mais deu notícias! — ela reclama enquanto se reposiciona no sofá, quase acertando meu estômago com um cotovelo pontudo.

Dou de ombros ao me ajeitar ao seu lado e envolvê-la num meio abraço.

— Não tive mais notícias para dar, ora.

Bea afasta a cabeça e me encara com a expressão desconfiada que tenho certeza que ganha inúmeros embates em tribunal. Os lábios contraídos num meio bico e a sobrancelha arqueada são de

botar medo, principalmente em mim que sei do que Bea é capaz.

Tento arrumar qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, para distraí-la de sua tentativa de extrair alguma informação de mim. Confio em Bea com a minha vida, mas só por hoje gostaria de aproveitar o resto da noite com minha melhor amiga como nos velhos tempos, sem me preocupar com heranças, fazendas ou corações partidos. E numa dessas buscas por distração, meu olhar esbarra na figura parada à porta na qual eu não havia reparado antes.

O rapaz me olha de volta com incerteza, os braços parados ao lado do corpo como se temesse esbarrar em alguma coisa e nos alertar sobre sua presença. Então, Bea percebe o foco da minha atenção.

— Nina, esse é o César — explica, e o tom vacilante de sua voz, que faz com que a afirmação soe como pergunta, é o alerta para a distração que eu preciso.

César acena para mim enquanto junto as informações na cabeça.

— Ah! — Eu me viro na direção de Bea. —

O César que trabalha com você? O advogado?

Não sei se fico mais surpresa pelo fato de Bea levar colegas de trabalho para casa ou por ela trabalhar num domingo. Isso é certamente inesperado. Apesar de ser uma *workaholic* incorrigível, se existe uma coisa que Bea preza acima de tudo é a inviolabilidade de seus domingos.

Ela solta um riso nervoso, que creio nunca ter presenciado antes, e puxa os cabelos para trás com um gesto da mão. Se eu não a conhecesse bem, poderia, talvez, dizer que Bea está nervosa.

Meus olhos voltam para César mais uma vez, e o que vejo acende uma dúzia de lâmpadas sobre a minha cabeça, como aconteceria num desenho animado. Ele olha em todas as direções, menos na nossa. Além disso, percebo, nem ele e nem Bea estão vestidos como advogados num dia de trabalho comum, a não ser que tenham se disfarçado de pessoas num dia de folga qualquer, seja lá qual for o motivo.

Ou então, obviamente, mais alguém aqui andou falhando em dar notícias.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

— Espera, eu quero ver se entendi isso direito.

Bea está sentada diante de mim, e nossas mãos estão unidas num aperto quase assassino entre nós.

Solto um suspiro exausto antes de responder:

— Não tem como entender errado, Bea...

Ela troca um olhar preocupado com César, que está sentado na poltrona do outro lado da mesa de centro. Desde que o vi aqui, ele não falou muito. Ou nada, para ser mais exata.

— Vou reformular. — O rosto de Bea toma uma expressão decidida, a mesma, imagino, que ela deve usar no dia a dia como advogada. Não consigo deixar de pensar que isso é adorável, apesar de eu ser o atual foco de seu profissionalismo. — Como exatamente você descobriu que Túlio Flores, o *cowboy* filho da governanta da fazenda, é seu irmão?

Reviro os olhos em reação à sua ênfase na palavra *exatamente*.

— Foi bem óbvio, Bea. Eu só precisei juntar dois mais dois.

Bea assente, e então continua com o interrogatório:

— E que dois e dois foram esses que você juntou? Encontrou algum documento, certidão de nascimento...? — Vejo que minha amiga está totalmente concentrada, criando teorias e possibilidades na cabeça. É o ambiente ao qual está acostumada, no qual intrigas de família e outros segredos sujos imperam.

Detesto quebrar a imagem que ela fez do que seria um escândalo de proporções épicas.

— Hum... não. Na verdade, foi muito simples. A governanta e o filho têm olhos azuis, e Ricardo tinha olhos azuis também — informo, orgulhosa de minhas habilidades para desvendar o mistério de Mirassol.

Ao notar o silêncio incomum, observo as sobrancelhas de Bea subirem por sua testa, assim como as de César. Duas expressões gêmeas de

surpresa incrédula.

O rapaz é o primeiro a se pronunciar:

— Você está dizendo que deduziu que Ricardo é pai do outro rapaz porque todos tem olhos azuis?

Bea se vira para ele, mas, diferente do que eu esperava, não o repreende pelo tom quase vexatório. Curioso.

— Exatamente! É bastante óbvio, eu só precisei pensar um pouco — digo, subitamente inflamada pela determinação de me fazer entender. — Vejam, minha mãe tinha olhos castanhos e eu também tenho. Ricardo, por outro lado, tinha olhos azuis. Não estou questionando que ele seja meu pai, porque pais com olhos azuis e castanhos têm cinquenta por cento de chance de...

— Não, Nina, isso não faz o menor sentido!
— Bea interrompe, e eu me calo diante de sua explosão. — Você não sabe quem é o pai do rapaz, ou pelo menos nunca falou nada sobre outro senhor na fazenda. E se ele também tiver olhos azuis? E aí? Essa teoria é absurda!

Bea se levanta e caminha ao redor da mesa de

PERIGOSAS NACIONAIS

centro, por muito pouco evitando de esbarrar no móvel. Suas unhas perfeitamente manicuradas se enterram nos cabelos, e ela os empurra para trás num gesto que exprime sua frustração.

Ela se vira para mim.

— Alguém em algum momento disse ou deu a entender que vocês são irmãos? — A seriedade em sua voz não permite distrações.

— Bem, não — respondo simplesmente.

— Certo. E quando você teve essa epifania brilhante? — Seus dedos se movem até as têmporas, e ela as massageia para espantar o que eu imagino ser o início de uma bela dor de cabeça.

— Ontem à noite, quando eu estava nos estábulos. — Não pretendo revelar mais que isso por enquanto, e só pensar sobre o que exatamente aconteceu nos estábulos na noite passada faz com que eu precise controlar a respiração.

Espero que Bea não perceba.

— Não me diga, por favor, que foi a égua que te deu essa ideia absurda...

— Bea! — exclamo, insultada. — Isso não é justo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela suspira e se senta mais uma vez ao meu lado, apoiando os braços nos joelhos dobrados.

— Desculpa, Nina. É só... frustrante não conseguir enxergar o sentido no que você está me dizendo agora. — Seus olhos se levantam para os meus e enxergo compaixão dentro deles. — Eu amo você, e uma parte muito egoísta ama que esteja de volta, mas eu não acredito sinceramente que você queira estar aqui de verdade.

É claro que este é o momento que minhas emoções reprimidas e aprisionadas em algum lugar muito pequeno dentro de mim escolhem para escapar por todos os lados, e escolhem justamente meus olhos como a primeira rota de fuga. Eu me dobro ao meio enquanto duas cascatas parecem se desmanchar pelo meu rosto, e sinto Bea se amontoar em cima de mim para um abraço de urso meio sem jeito.

— Não... Não chore, Nina, está tudo bem... — ela murmura contra o meu cabelo, e isso só faz com que eu chore ainda mais. Faz um bom tempo que não choro desse jeito, talvez desde que mamãe morreu, e Bea também esteve lá para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas não é por minha mãe que estou chorando agora.

Bea tem toda a razão.

Eu não quero estar aqui, não de verdade. Adoro nosso pequeno apartamento, os móveis que não combinam, meu quarto apertado e abarrotado de coisas e, mais importante que tudo isso, o fato de que Bea está sempre por perto. Essa foi uma fase importante da minha vida, e acho que não lido tão bem com mudanças quanto eu pensava.

— Bea, eu vou sair um pouco, tudo bem? Vou comprar uma pizza ou coisa assim, e volto daqui a uma meia hora. — A voz de César interrompe meu monólogo interno, e sinto Bea assentir com a cabeça. Pouco depois, a porta de entrada abre e fecha no ruído mais suave que já ouvi vindo dela.

Os braços de Bea se estreitam ao meu redor e ela planta um beijo no topo da minha cabeça ainda abaixada.

— Ele é bom para mim — ela murmura, e um sorriso choroso aparece de imediato em meus lábios, ainda que Bea não possa vê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Fungo ruidosamente antes de desfazer a posição quase fetal na qual me encolhi, e as mãos da minha melhor amiga vão para o meu rosto, afastando os cabelos que se grudaram à bagunça de lágrimas. Eu esfrego minhas bochechas para afastar a umidade, e ela ri.

— Nina, eu já vi você com a cara toda vermelha e os olhos inchados antes — diz, passando novamente um braço ao redor dos meus ombros. — Nós vamos dar um jeito nisso, tá?

Eu assinto, sabendo que ela se refere a muito mais do que meu atual estado de completo desalinho. E se alguém é capaz de colocar minha vida novamente nos trilhos, esse alguém é Beatriz Rocha.

— Ele é bom mesmo pra você, né? — comento finalmente, e Bea ri em resposta. — Isso quer dizer que vocês estão...

— Misturando trabalho e vida pessoal? — Ela suspira, dando de ombros. — Sim, estamos. E pela primeira vez, não me importo nem um pouco com isso. Acho que essa separação parou de ter tanta importância quando César foi me buscar no

hospital...

Viro meu corpo abruptamente, ficando de frente para Bea.

— Como assim?! Você ficou internada? Quando isso aconteceu?

— Não, não é nada disso! — ela exclama, rindo enquanto tenho uma crise existencial. Não é aceitável no meu conceito de melhor amiga não ficar sabendo quando a outra pessoa fica hospitalizada. Bea continua: — Eu tive uma amigdalite imbecil algumas semanas atrás, só isso. Os médicos não quiseram me liberar pra ir embora sozinha, então... foi isso!

Dou uma boa olhada em Bea para me certificar de que ela está mesmo falando a verdade, e chego à conclusão de que ela parece bem. Feliz, até. Seus olhos verdes exprimem mais vivacidade, como quando sei que ela venceu um caso importante e está nadando em adrenalina e satisfação. Mas o melhor de tudo é que estão desse jeito não por causa do trabalho, dessa vez. O motivo desse brilho todo especial anda e fala, pelo visto.

— Então você está bem? — É uma pergunta retórica, afinal não tenho motivos para duvidar do que meus próprios olhos enxergam. E o que veem é uma Bea bem disposta e feliz.

— Cem por cento bem! — Ela faz dois sinais de joia com os polegares, e então nós duas caímos na gargalhada.

É realmente bom estar de volta, apesar de tudo.

— Realisticamente falando — Bea começa enquanto retira um suculento pedaço de pizza marguerita da embalagem de papelão. Controlo meu ímpeto de perguntar desde quando ela come coisas que contenham massa e queijo derretido, sem falar em sódio, gordura e *gosto*. Talvez essa seja uma pergunta para outro momento. — Quais são as chances de você entrar num ônibus ainda essa noite pra voltar?

A pergunta me pega desprevenida, e sou acometida por um acesso de tosse ao quase me engasgar com um gole de refrigerante. Outra adição

inusitada à dieta de Bea.

César se prontifica e me dá alguns tapinhas suaves nas costas, e logo recobro o controle sobre minhas funções respiratórias. Bea ainda me observa, sem dúvidas aguardando a resposta para sua pergunta que, percebo, foi séria.

— Você acha que eu devo voltar?

— Nina, seu pai deixou a fazenda pra você — esclarece, enunciando as palavras devagar e pausadamente. Algo em seu olhar me diz que este é o tom de voz que ela costuma usar quando quer fazer a outra pessoa se sentir excepcionalmente lenta. O que, em comparação ao seu raciocínio rápido, significa apenas normal. — Mesmo que o *cowboy* seja seu irmão, e eu duvido muito que seja...

— Se ele fosse seu irmão mesmo, é pouco provável que seu pai tivesse deixado tudo pra você. Existe uma porcentagem mínima obrigatória... E, além disso, se isso acontecesse, seria um choque, não? — César rebate, e eu o observo por alguns instantes em completo silêncio e concentração enquanto suas palavras fazem sentido na minha

cabeça.

Quando doutor Alberto esteve na fazenda para a leitura do testamento, não me lembro de ninguém ter feito um escândalo ou ter se mostrado indignado com o que foi dito. Mesmo que o próprio Túlio não soubesse que é filho de Ricardo, dona Lucrécia saberia. E ela certamente teria se manifestado para que o próprio filho tivesse uma parcela do que é seu por direito. Se fosse o caso, é claro.

Não acredito que nunca levei nenhum desses fatos em consideração antes, e me sinto extremamente injusta. Não só por ter desconfiado deles por todo esse tempo, mas também por ter imaginado o pior cenário possível quando Túlio...

Ah, meu Deus!

— Nina, você está com cara de quem acabou de descobrir que fez a maior burrada do mundo. Está tudo bem?

— Eu fiz, Bea — respondo. — Eu acho que fiz, mesmo.

— Além de se apaixonar pelo seu suposto irmão? — Eu a chuto por baixo da mesa, acertando

sua canela com a ponta do pé. O que só me lembra que, se eu estivesse usando as botas de couro que deixei para trás na fazenda, ela realmente teria um problema agora. — Ai!

Apesar do chute, não nego. Não sou capaz disso, não quando a simples menção a Túlio me transporta diretamente para o momento roubado nos estábulos. Os olhos quentes sobre os meus, os braços fortes que me fizeram sentir a segurança que nunca tive antes, os sorrisos despreocupados nos momentos leves que tivemos durante minha estadia em Mirassol... O que aconteceu foi uma noite atrás, mais ou menos vinte e quatro horas, e poderia ter acontecido em outra vida. A distância entre nós não é mais apenas geográfica.

— Eu preciso voltar e esclarecer essa história. Já chega de segredos e mistérios — declaro, por fim.

Bea e César se entreolham, e minha amiga me dirige um sorriso que vai quase de uma orelha à outra.

— Essa é a garota que eu conheço!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Olho para todas as direções no lado de fora da rodoviária praticamente vazia. Nenhum veículo, transeunte ou carroça passa por parte alguma, ninguém que possa me dizer como chegar à fazenda ou me dar uma carona amigável até algum ponto do qual eu consiga ir caminhando até meu destino. Nem mesmo o caminhão de leite de Amália.

Bem, são seis da manhã de uma segunda-feira e o dia mal amanheceu. Ainda consigo enxergar os rastros nevoentos de sereno cobrindo o passeio e os tentáculos escuros da noite escorrendo pelo céu, fugindo do sol. Viajei a noite toda depois de me despedir de Bea e César na plataforma 47 da rodoviária Tietê, em São Paulo. Aqui em Nova Paz, a rodoviária tem, no máximo, três plataformas. Mesmo assim, o sentimento que me acometeu ao descer do ônibus vazio e ser engolfada pelo perfume familiar da cidade foi de alívio. Eu me

senti voltando para casa.

Eu me sento na calçada e abraço a bolsa de lona com meus pertences contra o peito. O celular vibra no meu bolso, e vejo que é uma mensagem de Bea perguntando se já cheguei.

Por mais estranho que possa parecer, sei exatamente para quem ligar. As coisas não ficaram exatamente claras no sábado à noite depois do encontro desastroso, quando Felipe me deixou de volta em Mirassol. Além disso, eu conheço sua rotina o suficiente para saber que não corro o risco de acordá-lo agora.

— Doutor Felipe falando! — ele atende no terceiro toque, e pelo ruído de fundo da ligação, percebo que está dirigindo. Um bom motivo para atender ao telefone sem olhar o identificador de chamadas.

— Felipe, é a Nina! Está ocupado?

— Voltando de um atendimento de emergência. Aliás, me desculpe por não ter avisado. Achei que você preferiria dormir e visitar outras propriedades comigo mais tarde — explica. Eu sorrio para o telefone em resposta. Sempre um

cavalheiro...

— Claro, pode ser sim — concordo. — Mas agora preciso de um favor...

— Nina, você voltou!

Dona Lucrécia abre a porta assim que o SUV de Felipe estaciona, e eu me despeço dele antes de saltar para fora. A governanta corre até mim, me encontrando no meio do caminho, e me envolve num abraço apertado e cheio de angústia.

A caminhonete de Túlio não está em lugar algum à vista, mas tento ao máximo focar em dona Lucrécia e na conversa que teremos em breve. Passei a noite toda de viagem ensaiando minhas perguntas mentalmente, tentando prever o que ela dirá e possíveis cenários que podem se desenrolar a partir disso.

Não imaginei que seria recebida dessa forma em nenhum deles.

— É, eu voltei — respondo, e então seus braços afrouxam ao meu redor o suficiente para que eu possa ver seu rosto.

Dona Lucrécia tem linhas de preocupação na testa e olheiras escuras e fundas, bem diferente do que me lembro antes de deixar Mirassol, e isso aconteceu há muito pouco tempo. Não posso sequer imaginar o que aconteceu num período tão curto para ter modificado seu semblante dessa forma.

É quase como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros, em vez do alívio que imaginei que sentiria quando eu abdicasse dos meus direitos à propriedade. Por isso, sei que a decisão não foi a correta.

Os lábios finos de dona Lucrécia se franzem numa careta, fazendo surgir inúmeras linhas na pele fina ao redor. Sua tez é delicada e translúcida como uma folha de papel de seda marcada pelo tempo.

— Não tenho mais idade pra isso, menina! — ralha, mas passa um dos braços ao redor da minha cintura com carinho para me guiar para dentro do casarão pela porta da frente.

Eu sigo suas direções, e ela me leva até a cozinha. Diferente do que estou acostumada, não há nenhum perfume delicioso de pães ou bolos tomando cada centímetro cúbico do ar. O bule de

café apita suavemente ao fundo, emanando o aroma característico da bebida, mas é o único indício de que a cozinha não foi completamente abandonada no período de tempo em que fiquei longe.

Sinto-me subitamente envergonhada por não ter deixado uma única palavra para trás quando parti. Mesmo assim, não seria suficiente, vejo agora. Não quando existe tanta história que me liga a este lugar, e está no meu sangue.

Sinto Mirassol correr por minhas veias.

— Desculpa, eu... — começo num suspiro, deixando a bolsa de lona escorregar para uma das cadeiras ao redor da mesa. Dona Lucrécia se senta na cadeira oposta a mim e indica com a mão que eu faça o mesmo. — Eu não estava pensando! Tinha mil teorias na cabeça e agi por impulso.

A governanta despeja uma boa quantidade de café fumegante em uma caneca, e então a estende para mim. O perfume do café aquece meu espírito e conforta os pensamentos erráticos que ainda teimam em duvidar de tudo. Munida de outra caneca para ela, diz:

— Muito bem, vamos ouvir. Quero saber o

que tanto aflige seu coração, Nina... E quero que seja honesta.

Sorrio, envergonhada.

— Primeiro, quero saber toda a verdade. Tudo mesmo, a história completa e sem cortes — replico, e dona Lucrécia assente. Eu tomo fôlego antes de continuar. — Por que minha mãe foi embora?

Ela suspira e me encara por um momento, antes de piscar demoradamente. Penso que esteja fazendo uma rápida viagem até o passado, e a dor contida no ato aparece no fundo dos olhos azuis. Exatamente os mesmos olhos azuis de Túlio, percebo.

Quando começa a falar, o olhar vaga para além de mim, além da cozinha e talvez até da fazenda.

— Quando você nasceu, a situação da fazenda não ia bem. O pai de Ricardo gostava de apostar nos rodeios regionais, e perdeu muito dinheiro e boas ovelhas... Não tinha sorte com as apostas, mas não conseguia parar. Depois que ele morreu, o salário de todos os funcionários estava

atrasado. — Dona Lucrécia passa uma das mãos pelo rosto, afastando os cabelos grisalhos. Dá para notar que as lembranças dos tempos difíceis são ruins, doloridas, mas ela continua com determinação. — Você tinha alguns meses quando Ricardo percebeu que o risco da falência era real.

Não conheço essa parte da história; o pouco que sei, também relatado por dona Lucrécia em uma de nossas conversas nessa mesma mesa, é de antes disso. Antes de mim, antes de Túlio, antes da minha mãe. Sei também que Ricardo tinha um grande apreço pela fazenda, todos aqui já me disseram isso de uma forma ou de outra. Ver o próprio lar, toda a sua história e a fonte de seu sustento afundar assim... É uma pressão enorme, um golpe profundo.

Sinto meu rosto se contrair em confusão ao perguntar:

— E eles brigaram por isso? — Não consigo imaginar minha mãe, a pessoa doce que conheci por toda a minha vida, abandonar o navio só porque estava afundando. Ela teria ficado até o fim, afundaria junto para não deixar ninguém para trás.

Esse é o tipo de pessoa que ela era, e o relato de dona Lucrécia não combina nem um pouco.

— Sim e não — ela responde. — Ricardo pediu que ela voltasse para a cidade com você por um tempo, para que não faltasse nada a vocês duas. Nessa época, acredito que vocês ficaram com a sua avó, não foi? — Eu confirmo com um gesto de cabeça. — Então, no começo, foi isso que aconteceu.

Ainda assim, alguma coisa na história se desencaixa na minha cabeça, não faz sentido.

— Mas ela não falava nele, nunca! Não foi uma decisão amigável, foi?

A governanta anui com pesar.

— Não, Nina, não foi. Sua mãe não queria sair de Mirassol. Era a casa dela também, a vida dela. Mas seu pai... — Não faço nenhuma correção quando ela se refere a Ricardo dessa forma, apenas deixo que continue. — Ele insistiu que precisava resolver as coisas antes de vocês voltarem, não queria que passassem por tudo isso. Ricardo era um homem orgulhoso. Ver a fazenda desmoronando fez com que ele não se sentisse digno da sua mãe e

de você.

A imagem que tenho de Ricardo Campos vai se consolidando aos poucos, e as peças do quebra-cabeças começam a se encaixar. Consigo enxergar essa situação e, mais ainda, imaginar minha mãe saindo da fazenda comigo nos braços de forma abrupta e cheia de mágoa. Ele não permitiu que ela continuasse ao seu lado na parte feia da vida, aquela na qual ela jurou estar presente nos votos de casamento.

Isso deve tê-la magoado profundamente.

— Demorou para as coisas se acertarem? — questiono, tamborilando os dedos na toalha de mesa. Minha caneca de café está quase vazia, e o pouco da bebida que sobrou já está fria.

— Não tanto quanto ele esperava, eu acho. Seu pai administrou a fazenda com punhos firmes. Fez boas compras de animais, investiu na qualidade dos pastos... Teve redução de pessoal, também. Manteve só quem era indispensável. — Dona Lucrécia me lança um pequeno sorriso, enquanto relembra os tempos em que as coisas começaram a melhorar e tornaram Mirassol o que é hoje.

Sua fala causa uma fisgada de ressentimento em meu peito.

— Minha mãe não era indispensável?! Eu não era...?

Ela suspira, e em seu olhar percebo que existe uma boa dose de culpa. Não posso sequer imaginar o motivo da culpa estar lá, sendo que a decisão absurda de nos afastar foi tomada por Ricardo. Foi disso que minha mãe passou a vida tentando me proteger; do peso da rejeição vinda do pai que nunca conheci.

— Nunca aprovei o que ele fez, e ele soube disso até o fim. O lugar da sua mãe era aqui, ajudando a reerguer a fazenda do lado dele — ela declara finalmente, e sei que está falando a verdade. — Não sei se eu ajudei insistindo nisso. Ricardo foi um homem muito diferente depois que vocês foram embora, sempre carrancudo, trancado no escritório...

Sinto uma enorme tristeza em suas palavras, e meu coração se parte com a percepção de que, mesmo tendo reerguido a fazenda e trazido glória a ela, Ricardo não foi feliz. É estranho, mas eu

gostaria de poder vê-lo, talvez trocar uma palavra ou duas, entender toda a complexidade do homem que apenas agora passo a conhecer. Mas é impossível, é claro. Eu nunca mais vou poder fazer nada disso. Até mesmo pensar sobre o assunto é inútil.

— O que aconteceu, no final? Quero dizer, como ele...? — Não sei como verbalizar o que realmente quero saber de forma a não ser grosseira, mas dona Lucrécia parece entender.

— Essa parte da história não é muito clara para mim, mas pelo que sei, seu pai pediu a Carmen que voltasse com você algum tempo depois. Acho que você devia ser bem pequena na época, e não se lembra de nada disso.

— Não me lembro mesmo — concordo. — E depois, o que aconteceu?

— Vocês não vieram, e seu pai... — Ela suspira. — Ricardo passava horas trancado no escritório, noites inteiras sem dormir, e começou a beber. Foi assim que se destruiu, aos poucos.

As informações se juntam ao que eu já sabia, e então percebo o quanto um mal-entendido, um

PERIGOSAS NACIONAIS

ressentimento guardado no peito pode ser o catalisador para a destruição. Minha mãe resguardou suas emoções até mesmo de mim, para que eu não sofresse. Mas nada machuca mais do que finalmente ver que nunca conheci minha própria história. Os dois carregaram mágoas intensas e pesadas completamente sozinhos. Eu nunca pude fazer nada.

Quando eu era pequena, meus filmes favoritos eram aqueles nos quais os filhos juntavam os pais brigados ou separados por qualquer motivo. Mesmo sem saber, talvez eu sonhasse com o mesmo desfecho para minha própria realidade. Será que juntar todos os pedaços da história, tornando-a uma coisa só dentro de mim, pode servir?

É tão estranho pensar em perdão. Nunca pensei que teria algo a perdoar em minha mãe; ela sempre foi perfeita aos meus olhos. Apesar disso, o fato de eu não ter crescido em Nova Paz ou conhecido minha história tem sua parcela de responsabilidade. E Ricardo não foi o carrasco que sempre imaginei, o crápula sem coração que nos abandonou à própria sorte. Não existem culpados

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

absolutos. Só existem humanos agindo como pensam ser o melhor dentro da situação em que se encontram.

A sensação dentro do meu peito é a de que sou feita de algo leve, tal qual um balão. Se me soltassem, sinto que poderia flutuar até atingir o teto. Então é assim que o perdão é; tira o peso que comprime o coração e nos faz enxergar que existem coisas muito maiores que a mágoa. O ressentimento cega.

Mesmo assim, ainda existe uma dúvida que preciso sanar.

— Eu ainda preciso perguntar uma coisa — digo, recebendo em resposta o sorriso de dona Lucrécia. É como se ela pudesse enxergar tudo que aconteceu dentro de mim nos últimos instantes e agora enxerga a Nina que não se sente mais desamparada pelas ausências que sofreu. É libertador.

— Claro, qualquer coisa.

— Quem é o pai do Túlio?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

O caminho até os estábulos nunca me pareceu tão longo, assim como a dimensão do que eu sei que preciso fazer nunca foi tão expressiva.

Não me lembro da última noite em que dormi numa cama confortável em vez de poltronas de ônibus, e a agitação dos últimos dias começa a cobrar seu preço. Não há um único músculo que não reclame conforme avanço pelo conhecido caminho ladeado por seixos. Mas não é a égua dourada que preciso ver agora, não dessa vez.

Alguma coisa me diz que é lá que encontrarei justamente a pessoa que procuro. Chame de sexto sentido ou intuição, mas foi nos estábulos que nos vimos pela última vez, o que me parece ter sido uma vida inteira atrás pelo tanto de coisas que já aconteceram e mudaram em mim.

Não somos irmãos.

Dona Lucrécia, que Deus a abençoe por ser tão imensamente compreensiva e paciente comigo,

me contou a história de seu casamento e de como acabou prematuramente. Mariano Flores, seu falecido esposo e pai de Túlio, foi capataz e braço direito de Ricardo em Mirassol por vários anos. Tendo crescido na propriedade, foi natural que Lucrécia o conhecesse ainda jovem, e se casaram modestamente tão logo ela chegou aos vinte anos.

O que parecia ser apenas mais uma história clichê por aqui terminou de forma trágica quando Mariano saiu a cavalo para supervisionar o trabalho de outros funcionários. Uma tempestade se formava, e era imprescindível que todos os animais fossem levados para o galpão, onde ficariam protegidos da intempérie. Porém, durante a tentativa de espantar algumas ovelhas que se escondiam debaixo de uma árvore, Mariano foi pego no fogo cruzado entre o céu e a terra. Um raio atingiu a árvore, que tombou sobre o capataz.

Dona Lucrécia contou toda a história sem vacilar, apesar da umidade presente em seus olhos claros. Mariano a deixou para trás sem saber que, dali pouquíssimo tempo, ela descobriria que estava grávida de Túlio. Assim, o cowboy nunca conheceu

o pai, mas teve em Ricardo uma figura paterna para moldá-lo enquanto crescia. E é com surpresa que admito estar satisfeita por Ricardo ter podido fazer isso por Túlio, ainda que não tenha feito por mim.

Tudo que pensei estava errado e foi concebido a partir de uma visão parcial. E pior, uma visão que sequer era verdadeira. Minha mãe nunca demonstrou suas frustrações ou injetou em mim a impressão de que não fui amada por Ricardo. A ideia infantil de que fui um erro partiu de mim mesma com base em meias verdades que nunca questionei ou conferi.

E se tudo que acreditei a vida toda não é real, quais outras partes de mim eu deixei de investigar e entender? O que aprendi sobre mim mesma desde que cheguei a Mirassol é só a ponta do *iceberg* que é Nina Campos, e sinto que agora estou mais perto do que nunca de compreender todo o resto.

A porta do galpão que abriga o estábulo está entreaberta, assim como esperei que estivesse. Meu coração bate descompassado no peito conforme me aproximo, retumbando por todo o meu corpo a cada passo. À frente, apoiado sobre a divisória da baia,

vejo Túlio de costas para mim. Os dois braços estão voltados para a égua, e ele a acarinha distraidamente.

A imagem faz com que eu pense no quanto tudo isso é irônico; enquanto o animal faz as vezes de psicólogo para ele durante o dia, à noite é minha confidente. Sempre escutando os dois lados de todas as histórias, mas sem poder nos interromper para dizer o quanto somos imbecis por não conseguirmos conversar um com o outro, como deveria ser.

Algo faz com que os ombros largos de Túlio se retesem sob a camisa de flanela, e ele interrompe o que estava fazendo. Talvez tenha sido o ruído dos meus pés sobre o chão, ou o ranger da porta que empurrei para entrar. De qualquer forma, ele vira o corpo devagar, quase como se esperasse ver algo inusitado em sua frente, algo para o qual precise se preparar. Mas, é claro, sou apenas eu.

As sobrancelhas louro escuras se franzem num misto de determinação e mágoa na tentativa de esconder de mim a tempestade que perpassa os olhos azuis. Nesse momento, percebo que não foi

apenas dona Lucrécia que preocupei fugindo de forma tão dramática. Principalmente depois do que aconteceu entre estas mesmas paredes...

Túlio me cumprimenta num silencioso gesto de cabeça, tocando na aba do chapéu. Ele bate as mãos nos jeans para afastar a poeira, acredito, e então se prepara para sair dali. Mas não é isso que eu quero. Não procurei o silêncio dos estábulos para mais uma conversa unilateral com a égua, diferente do que ele parece pensar. Bem, talvez fosse exatamente o que eu faria alguns dias atrás.

Ele dá uma última boa olhada na minha direção, varrendo-me da cabeça aos pés, e então toma a direção da porta pela qual acabei de entrar. Entretanto, quando nossos corpos estão lado a lado, eu estico minha mão e capturo seu antebraço num gesto que não calculei antes de executar. O *cowboy* pode ignorar completamente meu pedido silencioso, e é forte o suficiente para se soltar sem qualquer esforço, mas não é o que escolhe fazer.

Túlio para e permanece imóvel ao meu lado, a musculatura rígida sob meu toque. Mas apesar do gesto audacioso, não consigo encontrar em mim a

coragem necessária para encará-lo. Em vez disso, fito a porta da baia, em frente, de onde desponta a cabeça da égua dourada a nos observar.

Digo a primeira coisa que passa pela minha cabeça:

— Conte-me sobre ela.

O *cowboy* suspira pesadamente, tomando fôlego. Não preciso dizer a quem me refiro. Não preciso dizer absolutamente nada, e ele simplesmente sabe.

— Ricardo encontrou essa égua vagando sozinha na estrada, magra como um esqueleto e imunda — começa, a voz rouca como se não pronunciasse uma palavra sequer em mais de vinte e quatro horas. Suspeito de que fui a última pessoa a ouvi-la. — Ele chamou meia dúzia de veterinários, e todos disseram que ele devia sacrificá-la porque estava muito desnutrida e doente.

O olho amendoado que parece enxergar dentro da minha alma pisca, fazendo a cortina espessa de cílios curtos e dourados menearem acompanhando o movimento. Não consigo

imaginar o animal diante de mim nas condições que Túlio diz, não quando parece tão saudável e ativo, sem uma única cicatriz a macular o couro lustroso.

O fato de que Ricardo não obedeceu aos veterinários é óbvio, mas ainda quero ouvir o restante da história para tirar minhas conclusões.

— E o que aconteceu?

— Ele insistiu, Nina. Cuidou pessoalmente dela até conseguir fazê-la ganhar peso — responde, e uma mão quente e firme se coloca sobre a minha, ainda presa ao seu antebraço como um grilhão. Uma corrente elétrica inconfundível atravessa o meu corpo, vinda diretamente do ponto de contato de sua palma com o dorso da minha mão. — Ninguém sabe até hoje o motivo de ele ter insistido tanto. Ricardo costumava dizer que não podia abandonar a égua *também*.

Túlio termina a explicação com um dar de ombros displicente que observo através da minha visão periférica. Ainda não tenho coragem de fazer contato visual, e não sei o porquê. Talvez seja vergonha do mal-entendido que causei, mas lá no fundo existe o medo do que sei que enxergarei

dentro de seus olhos.

Tenho medo do que isso vai significar para nós.

Sendo assim, continuo com meu inquérito sobre a égua.

— Que nome Ricardo colocou nela? — Eu nunca a chamei de nada além de *garota*, ou apelidos parecidos. Não saber seu nome era como manter um mistério que eu não sabia ser merecedora de conhecer. Ainda não sei se sou, mas preciso colocar as peças todas juntas ou então sinto que enlouquecerei.

— Ele nunca colocou nenhum nome nela — Túlio responde com evidente cansaço na voz. Sei que é exaustivo, mas só preciso de mais um momento, mais um pouco do universo que estou prestes a reivindicar. — Só a chamava de *palomina*, o que não quer dizer muita coisa porque só identifica seu padrão de pelagem...

Eu o interrompo, o coração batendo forte na garganta enquanto meu mundo se estilhaça em um milhão de pedaços só para se juntar novamente numa fração de segundo.

— Quer dizer muita coisa sim! — exclamo, girando o corpo na direção do *cowboy* e finalmente o encarando. O que encontro é um par de sobrancelhas grossas franzidas em surpresa sobre o olhar claro como o céu.

— Como assim?

Não acredito! Todo esse tempo... Todo esse tempo enxerguei na égua dourada um espírito irmão, a única que poderia me entender quando tudo ao meu redor era confuso... E agora eu sei o porquê.

— É o meu nome, Túlio.

— Seu nome?

— Meu nome é Palomina — a declaração me escapa num sussurro aliviado. — Eu nunca disse isso a ninguém. Deus, acho que não digo isso em voz alta há anos! Sempre preferi ser chamada de Nina, porque esse nome nunca significou nada no meu mundo.

Túlio me lança um sorriso torto e adorável, e mal consigo colocar em ordem as emoções dentro de mim. Ele desfaz o aperto dos meus dedos ao redor de seu antebraço, mas em vez de soltar

completamente minha mão, ele a segura e, com o polegar, traça círculos sobre a minha pele.

— Ele colocou seu nome na égua — conclui, e eu anuo.

É engraçado, mas eu não enxergaria a situação como nada menos que insultante antes de vir para cá. Estar aqui, conhecer essa terra, o mundo que teria sido meu... mudou tudo. E tudo que sinto agora é gratidão.

— Esse nome nunca significou nada no meu mundo — repito, e meus olhos passeiam rapidamente de Túlio para a égua, e de volta para o *cowboy*.

A expressão dele é maravilhada, um reflexo exato de como me sinto, agora que a última peça se encaixou. Eu nunca estive separada de Mirassol de verdade, nem por um único instante.

— Até agora? — sugere, e minha cabeça tomba para trás num riso fácil que é difícil de conter. A felicidade transborda de mim.

Confirmo com um gesto de cabeça

— Agora, ele significa tudo.

Túlio ri comigo, livre como poucas vezes o vi

fazer desde que cheguei. É tão hipnotizante que não consigo parar de olhar em seus olhos quase fechados, bem como as minúsculas rugas que se formam ao redor conforme o homem desfaz os muros bem diante de mim.

Ele leva a outra mão, a que não segura a minha com firmeza e calor, e afasta uma mecha de cabelo para trás da minha orelha. É nosso momento perdido mais uma vez, e quase me odeio por precisar interrompê-lo. É necessário, digo a mim mesma. Eu jamais me perdoaria se não desfizesse logo a confusão, ao menos para o meu próprio orgulho e tranquilidade. Limpo a garganta, e ele assente para que eu prossiga.

— Você não é meu irmão. — As sobrelancelhas de Túlio mais uma vez se franzem em confusão, e vejo em seus olhos a determinação de se afastar. Antes que ele o faça, continuo: — Não, por favor, me deixe terminar. Eu... Eu fugi, antes, porque pensei que você fosse meu irmão e o motivo de minha mãe ter ido embora, quando eu era só um bebê. Sei que não foi nada disso, e agora eu acredito. Mas... preciso pedir desculpas, mesmo

assim.

O meio sorriso retorna, e, com a palma da minha mão, eu emolduro a bochecha áspera pela barba por fazer. É importante demais para que eu não diga tudo que preciso, e Túlio parece compreender.

— Eu nunca quis desconfiar dessa forma, mas estava tão assustada... Eu só queria me proteger, proteger o meu coração — desabafo, afinal.

— Seu coração está a salvo comigo, *pequena*.

Sorrio com o apelido que acabei de receber, surpreendentemente encantada por ser a *sua* pequena.

Antes de Mirassol, antes de Túlio, de dona Lucrécia e da égua dourada, eu estava convencida de que o amor machucava. E é verdade, ele é corrosivo e machuca; eu tive provas disso por toda a minha vida enquanto observava minha mãe se recuperar do casamento desfeito, e ainda mais provas quando soube o que a perda fez com Ricardo. Era para eu correr do amor e nunca olhar para trás. Mas o amor também constrói e coloca

sentimentos há muito perdidos de volta no lugar. E, principalmente, ele faz renascer em mim uma sensação de plenitude. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto inteira. A Nina da cidade e a Palomina de Mirassol podem coexistir porque amo cada parte delas, cada pedaço de passado e presente.

— No que está pensando? — Túlio sussurra contra o meu cabelo. Meus braços se estreitam ao redor de sua cintura, e eu olho para cima, em sua direção.

— Não é só com você que eu preciso me desculpar.

— Hum? — ele murmura, o olhar terno sobre o meu dizendo tudo que preciso ouvir sem uma única palavra. Túlio me dá coragem.

— Eu quero visitar Ricardo.

Capítulo 26

Ricardo Campos foi sepultado no único cemitério de Nova Paz.

Assim que informei minha intenção a Túlio, ele se ofereceu para me trazer no mesmo instante, e então entrei em sua caminhonete sem pensar duas vezes para minha última missão.

De todas as coisas que descobri nos últimos dias, e tudo que, conseqüentemente, mudou na minha forma de encarar o passado e o presente, nunca imaginei que desejaria tanto poder falar com Ricardo frente a frente. E como isso não é mais possível, penso que a melhor alternativa é visitar seu local de descanso e prestar minhas devidas homenagens.

O cemitério não fica imediatamente associado a uma igreja, como eu inicialmente imaginei. A igreja matriz de Nova Paz, no centro da cidade, não teria espaço suficiente ao seu redor para abrigar tal necessidade. Dessa forma, encontramos

o cemitério numa área mais afastada, quase próxima à estrada, separado de seus arredores por um alto muro de pedra. Túlio estaciona a caminhonete nas vagas diagonais logo em frente, e somos os únicos ali em plena segunda-feira.

Nossas mãos permaneceram unidas durante todo o percurso, e sei que ele fez isso para que eu me sentisse apoiada e encorajada a fazer o que quer que eu precise fazer aqui. Mesmo que continue a ser o *cowboy caladão*, agora entendo o que ele diz quando está em silêncio.

Ele aperta meus dedos sobre o câmbio para chamar minha atenção, e eu me viro para encará-lo.

— Tem uma lista na entrada com os sobrenomes das famílias enterradas aqui — informa, a voz baixa como que para não me assustar ou interromper o ritmo frenético dos meus pensamentos. — Você tem certeza que não quer que eu vá junto?

Olho diretamente para Túlio, seus olhos azuis parcialmente escondidos debaixo da aba do chapéu de couro, a camisa de flanela entreaberta, a pose casual com uma mão segurando o volante e a outra

presa na minha, tentando disfarçar sua preocupação. O que vem a seguir também me preocupa, mas é algo que preciso fazer, e preciso fazer sozinha.

Anuo, apertando a mão entre meus dedos para transmitir toda a determinação que sinto.

— Certeza absoluta.

O cowboy suspira, por fim, e avança, envolvendo minha cintura com uma das mãos enquanto a outra sobe até a minha nuca. Ele percorre meu rosto com o olhar demoradamente, como se buscasse ali algum sinal de que eu possa vir a desmoronar, e o que encontra parece assegurá-lo de que ficarei bem. Então, comprime os lábios sobre a minha testa, plantando ali um beijo carinhoso e, ao mesmo tempo, fortalecedor.

Sinto-me energizada e pronta para qualquer coisa.

Salto da caminhonete, deixando Túlio para trás com um livro para distraí-lo — que ele retirou diretamente do escritório de Ricardo — e a promessa de que não vou demorar. Não pretendo; quero dizer tudo que tenho para dizer, e então

minha missão estará finalmente cumprida.

O portão de metal enferrujado que separa o mundo do que me parece ser um santuário de paz range ruidosamente quando o afasto para entrar. Encontro a placa que Túlio mencionou na parede do muro, do lado de dentro. É uma chapa de metal com os nomes gravados em cursiva. Vejo a inscrição que indica onde está a Família Campos e sigo meu caminho sem pestanejar.

A maioria das lápides é de pedra, mas seus formatos e tamanhos variam. Algumas são anjos postos à cabeceira das sepulturas, outras são simples placas sobre o gramado, e há, ainda, as cruzes nos mais variados graus de ornamentação. Visitar cemitérios nunca foi uma prática frequente da minha mãe, e também nunca estive sozinha em um. Apesar disso, não é assim que me sinto ao seguir as indicações das quadras em busca do túmulo de Ricardo. Centenas de histórias, se não milhares, estão por toda a parte ao meu redor.

Passo por uma árvore, uma frondosa cerejeira em flor, e então avisto a estaca no chão que indica que cheguei à quadra correta. Sinto como se fosse

realmente ver a pessoa que vim procurar, pois meu estômago salta e se contorce em nós. Mesmo assim, continuo até avistar as três placas de pedra no chão numa área predominantemente gramada.

A primeira placa pela qual passo tem uma foto oval de uma mulher muito bonita. É Estela Campos, mãe de Ricardo e, conseqüentemente, minha avó. É a mulher da qual dona Lucrécia me falou tempos atrás, que a ensinou a tricotar e outras coisas que julgava serem úteis. Ao lado, está a placa de Nicanor, meu avô. A data de seu falecimento foi pouco antes do meu aniversário, percebo. E, então, eu me aproximo da terceira e última placa.

Sento-me de joelhos na grama antes de qualquer coisa, e passo os dedos pelas letras gravadas na pedra. Ricardo Campos, nascido em 1962, falecido em 2017. Cinquenta e cinco anos, dos quais nenhum me traz a lembrança de sua presença.

A fotografia escolhida para a lápide não parece ser recente. Nela, Ricardo não olha para a câmera, mas tem um sorriso caloroso nos lábios e

pequenas rugas no canto dos olhos. A pele está corada, e os cabelos por baixo do chapéu de couro não aparentam ter nenhum fio grisalho. Assim como eu esperaria ver, ele usa uma camisa de flanela xadrez. Se eu visse esse homem, diria que é completamente saudável e feliz. Não há qualquer traço de doença, e acredito que este tenha sido o motivo de terem escolhido a foto.

Ele se parece exatamente com o homem do porta-retratos que fica no meu quarto, na fazenda.

Consigo reconhecer nele alguns traços familiares, e isso me desconcerta. Seus olhos têm o mesmo formato dos meus, mas são de um azul límpido. E apesar de eu ter herdado os olhos castanhos da minha mãe, a cor dos meus cabelos é exatamente a mesma que vejo na fotografia. Cabelos um pouco mais claros e rebeldes que os de Carmen foram.

Os traços dos dois foram perfeitamente misturados numa brincadeira genética, e o resultado sou eu. Essa foi uma das coisas que precisei aprender a aceitar antes de vir até aqui.

Respiro fundo, tomando fôlego e coragem. O

lugar escolhido para o descanso da família de Ricardo inspira paz e tranquilidade. O contato com a terra, com a grama, faz com que eu me sinta cada vez mais calma e centrada.

Pego uma flor de cerejeira sobre a grama. O chão está salpicado delas; todo enfeitado de cor-de-rosa como se esperasse uma visita ilustre ou algo assim. Dispenso a ideia com um gesto de cabeça. Não, as flores não enfeitam a grama para uma visita. Em vez disso, a árvore deitou sobre os que ali repousam numa homenagem fragrante e colorida.

Olho para a fotografia de Ricardo e mantenho meus olhos nela. Quero fingir que ele está mesmo na minha frente. Preciso disso.

— Olá, Ricardo — começo num sussurro incerto. Não há ninguém ao meu redor, ninguém veio visitar seus mortos hoje.

A fotografia continua imutável como eu sei que continuaria. O mesmo sorriso estampado para todo o sempre.

— Vim aqui para dizer que entendo e perdoo você. E ela, também. Perdoo vocês e as

circunstâncias que fizeram com que vocês terminassem dessa forma, separados. Gosto de pensar que consegui fazer minha mãe pelo menos um pouco feliz. E como eu não estava aqui... quero muito que você tenha sido um pouco feliz também.

A emoção me toma de forma inesperada. Minha visão nublada, e eu preciso piscar algumas vezes para descobrir que são as lágrimas que brotaram nos meus olhos. Esfrego as bochechas úmidas com as costas das mãos antes de continuar. Agora que comecei, sinto que há tanto a dizer...

— Conheci a fazenda, Mirassol. É... linda. É mais do que eu esperaria ter em uma vida inteira, muito mais do que eu poderia sequer pensar em construir. Gosto de tudo nela, absolutamente tudo. — Minha mente vai imediatamente para dona Lucrécia, Túlio, a égua dourada e as ovelhas. Pensar na égua faz com que uma nova onda de emoção extravase na forma de lágrimas. — Conheci a Palomina também, e não estou falando só da égua. Depois que vim para cá, eu *me* conheci! Eu não sabia nada sobre mim mesma, *pai*. Eu...

Interrompo subitamente a torrente de

palavras com uma das mãos sobre a boca. O reconhecimento de quem foi Ricardo Campos foi parte do que aconteceu comigo, mas não esperei que o título fosse escapar de forma tão descomplicada. É a verdade, e relutei por tanto tempo para aceitá-la que agora me parece tolice. O título sempre esteve com ele, sempre foi intrínseco a nós.

— Pai — repito, mais testando o som da palavra do que qualquer outra coisa. Uma sensação de paz toma conta de mim, e sei que é porque é a coisa certa. — Obrigada. Você me deu a fazenda, mas fez mais do que isso. Eu recebi amor da terra, dos animais e das pessoas. Foi você quem plantou esse amor, eu sei. Recebi tudo que você tinha, e recebi tudo que a mamãe tinha. E não é essa a ideia? Talvez um dia eu seja mãe e descubra também.

Fungo e limpo o rosto enquanto imagino a cena dramática que devo fazer sentada sozinha conversando com uma lápide, mas não me importo. Não estou conversando com uma lápide, concluo. Olho tão fixamente para a fotografia que quase

PERIGOSAS NACIONAIS

posso vê-la se mover, mesmo que só nos detalhes mais ínfimos. Um movimento dos ombros conforme ele respira, o sorriso que sobe um pouco mais, o piscar das pálpebras. É quase como se ele pudesse olhar diretamente para mim, só por um instante, e então voltar o foco para o que estava olhando antes. Estou conversando com o meu pai pela primeira vez, e sei com certeza irrevogável que não será a última.

Um trovão estoura acima de nós, e finalmente tiro meus olhos da fotografia para olhar para cima. Mesmo que haja sol, algumas nuvens escuras se juntaram e anunciam o pé d'água que virá. Eu me levanto, afastando os fiapos de grama que ficaram presos nas minhas roupas. Mais um trovão ressoa no céu, e sinto as primeiras gotas na pele aquecida pelo sol.

Corro na direção do portão do cemitério, e quando me aproximo, a chuva já começou a cair numa pancada constante. Túlio salta da caminhonete com um guarda-chuva de aparência antiga nas mãos, mas não consegue vencê-lo a tempo de me proteger do aguaceiro.

PERIGOSAS ACHERON

Eu deixo minha cabeça tombar para trás, recebendo no rosto o toque gelado dos pingos de chuva. Ainda faz sol, apesar das trovoadas. Não preciso de um espelho para ver que tenho um grande sorriso no rosto, um sorriso inquebrável.

As mãos de Túlio enlaçam meus braços molhados e ele para à minha frente. Abro os olhos e vejo seu rosto acima do meu, me protegendo da chuva com a aba do chapéu.

— O que está fazendo? — ele pergunta, e também sorri, apesar de sua expressão demonstrar o quanto está confuso.

Sinto uma vontade quase incontrolável de dançar na chuva, simplesmente segurar as mãos de Túlio e rodopiar numa melodia que só eu consigo ouvir enquanto os céus desabam sobre nós.

Suspiro satisfeita antes de responder.

— Estou aproveitando a chuva!

Túlio ri e, num gesto totalmente espontâneo, passa um dos braços por baixo dos meus joelhos, erguendo-me do chão. Eu me seguro em seus ombros, ainda rindo apesar do frio que começa a penetrar minha pele, e então ele nos gira antes de

me levar para a caminhonete.

Quando Túlio me coloca no banco do carona e dá a volta para entrar no veículo, eu desço todo o vidro da janela e me debruço para fora, inspirando o aroma de terra molhada mais uma vez.

— Conseguiu fazer o que precisava? — ele me pergunta ao dar a partida.

E, ainda olhando na direção do cemitério, vejo um arco-íris cruzar o céu em sua multitude de cores. É o sorriso do meu pai, dizendo que tudo vai ficar bem, afinal.

— Consegui, sim — respondo, ainda olhando para o espetáculo colorido conforme a caminhonete se afasta.

— E por quanto tempo você vai ficar em Nova Paz dessa vez? — a pergunta soa falsamente despreocupada, e eu sorrio para mim mesma.

Coloco um braço para fora da janela, como vejo Túlio fazer às vezes, e tento ao máximo imitar sua pose casual e charmosa. Quando ele finalmente olha para mim, sei que a resposta que eu der tem o poder de mudar tudo daqui para frente.

— Vou começar com *para sempre*.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Túlio

Quando eu tinha treze anos, Amália Ramos, uma garota ruiva que morava na fazenda de leite perto de Mirassol, pediu que eu a beijasse. Pediu é um termo muito abrangente, na verdade. O que a pequena Amália fez foi me encurralar contra uma árvore qualquer quando voltávamos da escola e insistiu na ideia do beijo até que eu concordasse. De acordo com ela, treze anos era uma boa idade para se aprender, e ela não queria ficar para trás. Assim, quando arranjasse um namorado, já saberia o que fazer e ele não a largaria por sua falta de habilidade.

Na época, eu não tinha quase um metro e noventa, mas Amália já tinha atingido seu 1,57 atual, e sabia ser francamente assustadora quando queria. Dessa forma, me vi obrigado a fazer o que a garota me pedia.

Depois de um beijo rápido e desajeitado, o primeiro de ambos, ela me empurrou contra a árvore e disse que, se eu tentasse algo do tipo mais uma vez, ela me deixaria com um olho roxo.

É óbvio que nos tornamos melhores amigos imediatamente. E é por esse motivo que ela é a pessoa em pé ao meu lado no altar improvisado. Não consigo pensar em mais ninguém que mereça tanto a posição de *padrinha* quanto Amália, mesmo que, para isso, ela tenha precisado improvisar um vestido para se parecer com um *smoking*.

Minha mãe não está em parte alguma. Se a conheço bem, posso apostar que está dentro do casarão deixando a noiva ainda mais nervosa com sua agitação. Entretanto, não me preocupo. Não acredito que minha pequena se deixe levar. Ela estará aqui na hora marcada, mesmo que a hora marcada tenha sido trinta minutos atrás, de acordo com Amália.

Duas fileiras de bancos de madeira rústica foram arrumadas no galpão reformado, o mesmo que costumava abrigar os estábulos. Em vez de um corredor estreito com portas para as baias, o espaço

é amplo graças ao pé direito alto e iluminado por janelas compridas. Planejei secretamente a reforma antes mesmo de fazer o pedido que culminaria no evento de hoje; depois de pouco mais de dois anos desde sua vinda para cá, posso dizer que conheço minha noiva o suficiente para saber que o lugar a agradaria. E foi ela quem cuidou de tudo, da decoração à escolha do *buffet*. Enquanto olho ao redor e vejo minúsculas lâmpadas dentro de frascos delicados de vidro, os conjuntos pendurados nas vigas de madeira acima de nós por fibras naturais trançadas, não consigo pensar em mais ninguém além da minha garota.

Os rostos conhecidos olham para mim, cada semblante exibindo um grau diferente de ansiedade, quando minha mãe finalmente aparece pelas portas de madeira abertas num caminhar rápido e determinado. Ela vem direto na minha direção e, assim que se aproxima, coloca as duas mãos no meu rosto, me puxando para baixo. Seus olhos azuis estão vermelhos e úmidos, e um sinal de alerta soa dentro de mim. Mas é só baixar os olhos para seu sorriso que a sensação se dissipa.

— Eu amo você — ela fala, e fica na ponta dos pés para plantar um beijo molhado na minha testa. Eu concedo o gesto carinhoso, é claro, antes de envolvê-la num abraço apertado. Nunca vou me cansar da familiaridade no perfume de seu cabelo já totalmente branco.

Quando ela se afasta, nós dois olhamos na direção da entrada para ver que Beatriz Rocha, a madrinha, está aguardando para fazer sua entrada. Tento espiar por trás dela para ver se consigo capturar ao menos uma mínima visão da minha pequena, mas Bea faz uma careta para mim. Ela dá o sinal para o quarteto de cordas no canto do espaço, e o rapaz que toca o violino é o primeiro a se pronunciar e dar início à melodia suave.

É Can't help falling in love.

A música, cuja interpretação mais conhecida é a de *Elvis Presley*, diz que algumas situações são irremediáveis. Como o curso de um rio até chegar ao mar. E foi assim que se deu o meu amor: inevitável.

Bea desliza pelo caminho displicentemente coberto de feno até parar na posição oposta a

PERIGOSAS NACIONAIS

Amália, do outro lado do altar. Seu vestido é de um azul intenso e bonito, e o tecido toca o chão com delicadeza à medida que ela se aproxima. Eu a observo fazer todo o trajeto, e ela contorce o rosto em inúmeras caretas para me fazer rir até nos alcançar.

Gostei de Beatriz desde o momento em que a conheci.

O burburinho dos convidados se torna mais alto, e percebo que todos olham para trás, na direção da entrada. Não consigo disfarçar a pressa para olhar também, e o que vejo ali quase faz com que meu queixo caia.

A égua dourada de Ricardo para na entrada do galpão, sendo conduzida por um dos rapazes da fazenda, e minha noiva desce da sela assim que nossos olhares se conectam. Nina tem os cabelos completamente soltos, caindo ondulados sobre os ombros e ao redor do rosto. Não usa véu, mas uma discreta coroa de flores. O vestido branco é solto, e o tecido cai até o chão a partir de um adorno de renda na cintura estreita. Não posso deixar de sorrir ao ver as botas de couro surradas aparecerem

PERIGOSAS ACHERON

momentaneamente enquanto ela se apruma. É um visual simples, mas estaria errado se não enxergasse que é a garota mais linda que já vi em toda a minha vida.

Conforme a música chega ao seu ápice, Nina caminha um passo de cada vez. Seus olhos brilham como pedras preciosas, e o sorriso ilumina todo o ambiente. Mas principalmente a mim, é claro. Sinto-me aquecido sob a força de seu sorriso radiante, e sei que meu rosto deve expressar a mesma alegria. Céus, até minhas bochechas doem com a dificuldade que tenho em me conter. Quero correr até ela, mal consigo esperar que Nina chegue até mim.

Entretanto, ela chega. Estende as duas mãos na minha direção, e eu as seguro entre as minhas. Quando meus dedos se fecham ao redor dos seus, noto que ela segura um objeto. Desvio de seus olhos por um instante, apenas para olhar para baixo e ver que se trata de um relicário. Enquanto eu observo, ela o abre. Há uma foto em cada metade. De um lado, Ricardo. Do outro, Carmen. Nina olha para as fotos por um longo momento, e então

PERIGOSAS NACIONAIS

entrega o objeto nas minhas mãos. Percebo o que ela quer que eu faça quando a vejo virar de costas e segurar os cabelos castanhos para cima.

Ter os pais perto do coração é tão importante para Nina que ela deu um jeito de trazê-los ao nosso casamento.

Eu passo a corrente por seu pescoço e a fecho, e então minha pequena se vira novamente para mim com um sorriso ainda mais encantador. Tudo ao nosso redor desaparece; os convidados, o galpão, a fazenda... Quando olho para ela, só o que enxergo é o nosso futuro. E não quero esperar nem mais um segundo para começar a vivê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Escrever esse livro foi uma jornada de 12 meses muito difíceis. Não digo isso pelo livro em si, afinal sentar para escrevê-lo sempre significou paz e tranquilidade no meio de uma rotina caótica da qual consegui escapar mais ou menos inteira.

Acho que agradeço por ele existir, acima de tudo.

Muito obrigada aos anos que passei na faculdade de medicina veterinária e à minha prática profissional, que também ajudou bastante a construir essa história.

Obrigada a todos os leitores do Wattpad e a meus betas queridos: Deb, Eliz, Lena, Becca, Mila, Mima, tio Zé e o grupo das Tulindas no WhatsApp.

Vocês todos são incríveis e eu sou muito sortuda por poder fazer o que eu mais amo no mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Informações da autora

Página no Facebook: @dmuradlivros

IG: @livros.dmurad

Twitter: @livrosdmurad

Wattpad: @dmurad